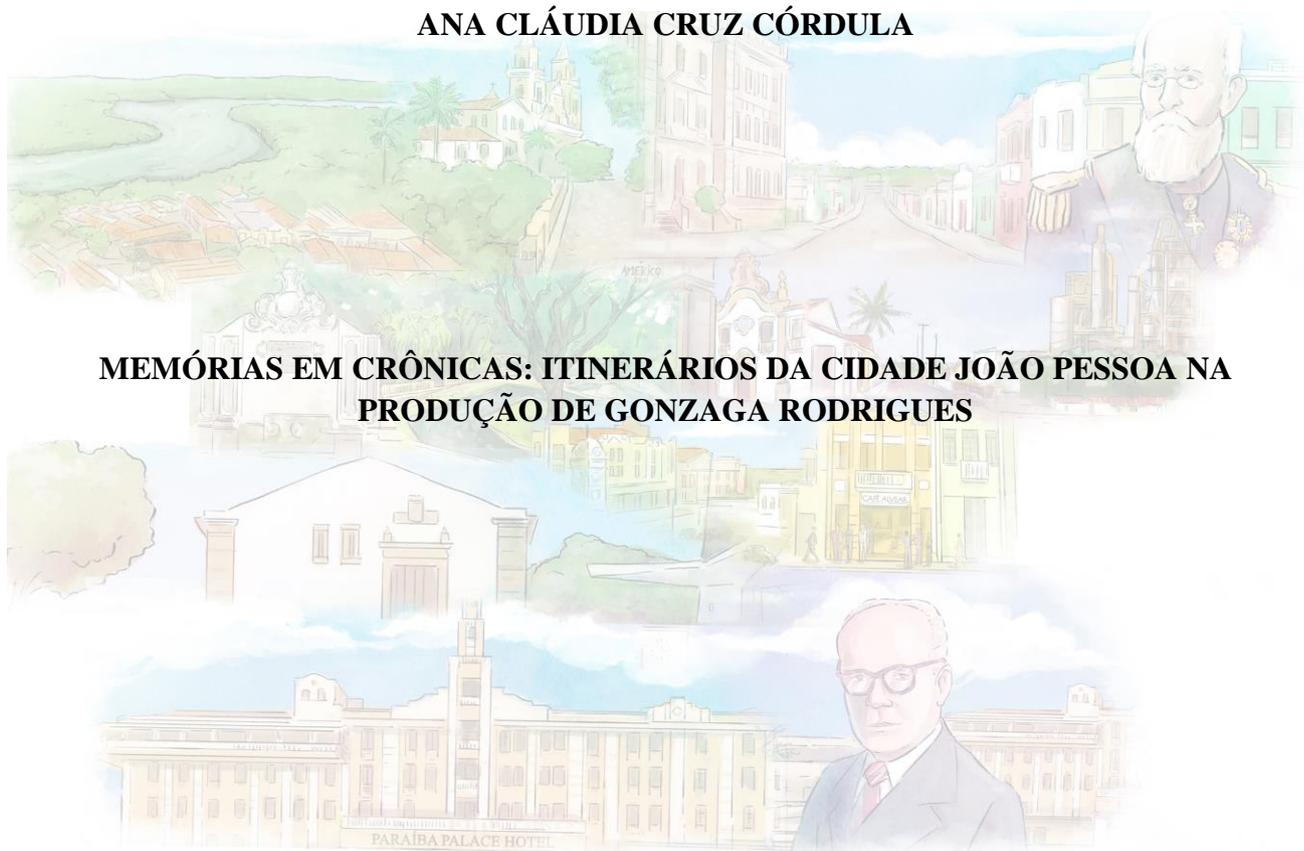




UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ANA CLÁUDIA CRUZ CÓRDULA



**MEMÓRIAS EM CRÔNICAS: ITINERÁRIOS DA CIDADE JOÃO PESSOA NA
PRODUÇÃO DE GONZAGA RODRIGUES**

JOÃO PESSOA
2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ANA CLÁUDIA CRUZ CÓRDULA

**MEMÓRIAS EM CRÔNICAS: ITINERÁRIOS DA CIDADE JOÃO PESSOA NA
PRODUÇÃO DE GONZAGA RODRIGUES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal
da Paraíba (UFPB) para a obtenção do título de doutora
em Ciência da Informação.

Linha de pesquisa: Informação, Memória e Sociedade.

Orientadora: Professora Dr^a Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

JOÃO PESSOA
2019

FICHA CATALOGRÁFICA

C794m Córdula, Ana Cláudia Cruz.
Memórias em crônicas: itinerários da cidade de João de
João Pessoa na produção de Gonzaga Rodrigues. / Ana Cláudia Cruz
Córdula. – João Pessoa, 2019.
209f. : il.

Orientadora: Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira
Tese (Doutorado) - UFPB/CCSA/PPGCI

1. Ciência da Informação. 2. Memória Social.
2. Memória da cidade. 4. Crônicas. 5. Gonzaga Rodrigues.
I. Título.

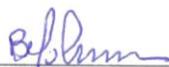
CDU – 002(043):82-94

ANA CLÁUDIA CRUZ CÓRDULA

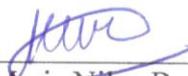
**MEMÓRIAS EM CRÔNICAS: ITINERÁRIOS DA CIDADE JOÃO PESSOA NA
PRODUÇÃO DE GONZAGA RODRIGUES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal
da Paraíba (UFPB) para a obtenção do título de doutora
em Ciência da Informação.

Aprovada em: 28 / 05 / 2019.



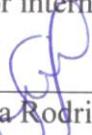
Profª Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira
Orientadora - PPGCI/UFPB



Profª Dra. Maria Nilza Barbosa Rosa
Examinador interno – PPGCI/UFPB



Profª Dra. Eliane Bezerra Paiva
Examinador interno – PPGCI/UFPB



Profª Dra. Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano
Examinador externo - PPGH/UFPB



Profª Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais
Examinador externo- /UFCG/Prof. Letras

Profª Dra. Leilah Santiago Bufrem
Suplente Examinador interno

Prof. Dr. Fábio Assis Pinho
Suplente Examinador externo – PPGCI/UFPE

Ao meu filho, **Matheus Córdula**, companheiro
de todas as horas, dedico!

AGRADECIMENTOS

Alguém já disse que “a gratidão é a lembrança do coração”. Faz sentido. Ao longo de nossas vidas sempre aparecem “anjos da guarda” que nos ajudam, e sem os quais nossos objetivos seriam muito difíceis de alcançar, ou seriam até inatingíveis. Por isso essa parte da tese é tão especial. Quero aqui expressar de coração os meus agradecimentos às seguintes pessoas:

Primeiramente, agradeço a **DEUS** por me proporcionar força, sabedoria, discernimento para seguir firme e não desanimar com as dificuldades.

Ao meu filho querido, **Mateus Córdula Mota**, pelos anos compartilhados com amor e cuidado. Obrigada por dividir comigo teu caráter, tua bondade e tua disponibilidade que me auxiliam a repensar minhas atitudes e convicções de mundo. Obrigada pelos momentos maravilhosos que dividimos e por ser uma inspiração pessoal.

Agradeço especialmente aos meus pais, **Cláudio de Araújo Córdula** e **Ana Lúcia Cruz Córdula** pelo apoio e amor incondicional que recebo de vocês e que me propicia alçar o vôo que for necessário.

À **Profa. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira**, por se manter ao meu lado durante esta árdua e gratificante caminhada pelo mundo da pesquisa acadêmica e me apresentar os prazeres da leitura durante toda minha vida. A senhora é um exemplo de simplicidade, compreensão e competência.

Meus sinceros agradecimentos aos professores que compõem a banca examinadora, pelo aceite, pela disponibilidade e pelas contribuições para o melhoramento deste trabalho. **Dra. Maria Nilza Barbosa Rosa, Dra. Eliane Bezerra Paiva, Dra. Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano, Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais, Dra. Leilah Santiago Bufrem e Dr. Fábio Assis Pinho**, obrigada!

Ao **corpo docente** do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação– UFPB, pelos ensinamentos durante minha estadia no Doutorado.

Aos queridos **funcionários do PPGCI-UFPB**, por toda paciência e dedicação, tão presentes e solícitos em meu percurso acadêmico.

Ao **Grupo de Estudo sobre Cultura, Informação, Memória e Patrimônio (GECIMP)**, pelos textos lidos, pelas trocas constantes de ideias e pelos saborosos encontros quinzenais.

À minha chefe professora **Dra. Edna Gomes Pinheiro**, pela compreensão, pelo incentivo e por todo apoio dado no decorrer da construção desta pesquisa.

Às minhas queridas amigas **Geysa Flávia Câmara** e **Alba Lígia Almeida**, por serem responsáveis pelos momentos coloridos dos meus dias e por dividirem comigo tanto carinho e alegrias. Esses agradecimentos vão muito além dos anos de doutorado, pois falam de

momentos especiais cotidianos, que vocês compartilham comigo cada uma a seu modo. Com certeza a vida é mais leve com vocês ao meu lado.

Aos **funcionários da Coordenação de Arquivologia**, que me acompanham desde a graduação e torcem por mim, sempre muito afetuosos.

Às minhas queridas amigas do cotidiano, representadas por **Maria Lucena, Cyelle Carmem Vasconcelos, Michelle Santos e Rosane Lacet**, por me acolherem e me permitirem ser eu. Obrigada pela amizade sincera que sempre foi regada a muita conversa sobre o cotidiano, afetos, risos e mensagens trocadas.

Obrigada aos que permitiram, a matéria prima para o desenvolvimento deste estudo. À **Luiz Gonzaga Rodrigues** o meu profundo e sentido agradecimento pelo prazer de ler e desvendar as suas crônicas, pelo conhecimento adquirido na concretização desta tese. Obrigada!

Ao artista e desenhista, **Américo Gomes de Almeida Filho**, pelo talento e presteza, no desenvolvimento das ilustrações utilizadas nesta tese. Obrigada.

À arquivista do Jornal A União, **Ana Cristina Flor**, pela parceria, pela disponibilidade manifestada, pelo valioso apoio na disponibilização das fotografias do acervo do jornal, importantes para abrilhantarem o trabalho escrito.

Ao fotógrafo **Francisco França**, por disponibilizar fotografias de seu acervo pessoal.

A **Luis Carlos Kehrle**, pelo trabalho e presteza, na formatação desta tese.

Agradeço a **todos** que, de maneira direta ou indireta, auxiliaram na construção desta pesquisa.

E a gente fica pensando se o talento não será memória mesmo, ou pelo menos fica a calcular quanto a memória não ajuda a empurrar o carro do talento. Explico-me: no complexo de elementos que constituem o talento literário, quanto haverá de simples recordação, e como é pequena ou nenhuma a contribuição da inventiva.

(Cem crônicas escolhidas. Rachel de Queiroz)

RESUMO

A memória é a base para a construção da vida, da consciência do indivíduo e, portanto, dos grupos sociais, iniciando-se pela formação da própria sociedade. É através dela que ocorrem os mais variados registros nos processos de identificações dos sujeitos com o espaço em que se inserem e as consequentes relações que se vêm estabelecer a partir dessa identificação. A presente pesquisa buscou refletir sobre as informações extraídas de um conjunto de crônicas, compreendendo-as como documento capaz de fazer emergir a memória das cidades. Nesse contexto analisamos um *corpus* formado por crônicas produzidas por Gonzaga Rodrigues, que versam sobre a cidade João Pessoa, Paraíba. Ao tornarmos conhecidas as memórias intrínsecas nas crônicas, como produção intelectual do escritor paraibano Gonzaga Rodrigues, mais profundamente, consideramos a ação social do discurso recaindo sobre a sociedade. O objetivo principal foi analisar a produção intelectual de Gonzaga Rodrigues, mais especificamente, a crônica como documento memorialístico e fonte de informação capaz de ressignificar a memória da cidade João Pessoa, auxiliando na construção e no fortalecimento das identidades local. Entende-se que as crônicas produzidas pelo cronista têm a função, originalmente, de ser suporte de informação, mas acaba assumindo essa atribuição de acordo com a situação e uso. Para além do debate entre a cidade e a crônica, o que interessa reter aqui, de modo particular, é o fato de que a crônica pode ser considerada um artefato de informação. A base teórica selecionada sustenta a suposição de que as representações que o cronista paraibano elabora, acerca dele próprio e de suas ações, estão contidas em suas práticas cotidianas. O *corpus* analisado foi formado por nove crônicas, produzidas por Gonzaga Rodrigues e publicadas em duas obras: “*Filipéia e outras saudades*” e “*Café Alvear: ponto de encontro perdido*”. A abordagem metodológica adotada é de natureza exploratório-descritiva e delineada por um estudo documental. Utilizou-se na metodologia o modelo de Análise Indiciário baseado na formulação do chamado paradigma indiciário, o que assegurou explicitar, de forma mais completa, a relação com o objeto de estudo. Apresentam-se algumas inferências sobre a crônica e o seu modo de funcionamento, sustentando a convicção de que a crônica é arte literária, embora caminhe num território precário e movediço, e o cronista é aquele capaz de construir uma existência além do cotidiano, revelando-se como fonte de informação e memória. Articulando reflexões teóricas sobre as relações memória e identidade, sobretudo a consideração da identidade como evidência histórica, a discussão gira em torno da constituição de uma memória social com fins de identificação e legitimação das informações da crônica que, em seu viés memorialístico, carrega informação capaz de fortalecer os aspectos identitários da cidade: suas ruas, pessoas, lugares. À medida que o cronista publica as memórias sobre a cidade, potencializa os aspectos identitários, haja vista que a memória é o elemento fundamental para a construção identitária.

Palavras-chave: Ciência da Informação. Memória Social. Memória da Cidade. Crônicas. Gonzaga Rodrigues.

ABSTRACT

Memory is the basis for the construction of life, of the consciousness of an individual and, therefore, of social groups, starting by the formation of the own society. It is by means of it that occurs the most varied records in the processes of identification of subjects with the space in which they are inserted in, as well as the consequent relations that are established from this identification. The present research is aimed to reflect about the information extracted from a set of chronicles, comprehending them as a document capable of emerging the memory of the cities. In this context, it is analyzed a corpus composed by chronicles produced by Gonzaga Rodrigues, which are about the city of João Pessoa, Paraíba. By making known the intrinsic memories in the chronicles, as intellectual production of Gonzaga Rodrigues, a writer from Paraíba, more deeply, it is considered the social action of discourse falling on society. The main objective is to analyze the intellectual production of Gonzaga Rodrigues, specifically the chronicle as a memorialistic document and source of information capable of resignifying the memory of the city of João Pessoa, helping in the construction and in the strengthening of local identities. It is understood that the chronicles produced by the columnist has originally the function of being an information support, but he ends up assuming this attribution according to the situation and use. Beyond the debate between city and chronicle, it is interesting to retain here, in a particular way, is the fact of the chronicle can be considered an information artifact. The selected theoretical foundation is sustained the supposition that the representations elaborated by the columnist of Paraíba about himself and his actions are contained in his daily practices. The analyzed corpus was composed by nine chronicles, produced and published by Gonzaga Rodrigues in two literary works: "Filipéia e outras saudades" e "Café Alvear: ponto de encontro perdido". The adopted methodological approach is exploratory and descriptive and delineated by a documentary study. It is used in the methodology the model of indicial analysis based on the formulation of the indicial paradigm, assuring to explicit, in a more complete way, the relation with the study object. They are presented some inferences about the chronicle and its mode of functioning, sustaining the conviction that chronicle is literary art, although it is inserted in a precarious and unstable territory, and the columnist is that one capable of constructing an existence beyond the daily life, revealing himself as a source of information and memory. Articulating theoretical reflections about the relations between memory and identity, especially the consideration of identity as historic evidence, the discussion is about the constitution of a social memory in order to identify and legitimate the information of chronicle that, in its memorialistic bias, carries information capable of strengthening the identity aspects of the city: its streets, people, places. Insofar as the columnist publishes memories about the city, he enhances the identity aspects, once memory is the fundamental element for the identity construction.

Keywords: Information Science. Social Memory. Memory of the City. Chronicles. Gonzaga Rodrigues.

RÉSUMÉ

La mémoire est la base de la construction de la vie, de la conscience de l'individu et donc des groupes sociaux, à partir de la formation de la société elle-même. C'est à travers cela que les enregistrements les plus variés se produisent dans les processus d'identification des sujets avec l'espace dans lequel ils sont insérés et dans les relations résultantes qui s'établissent à partir de cette identification. La présente recherche visait à réfléchir sur des informations extraites d'un ensemble de chroniques, en les comprenant comme un document capable d'émerger de la mémoire des villes. Dans ce contexte, nous analysons un corpus constitué de chroniques produites par Gonzaga Rodrigues, qui traitent de la ville João Pessoa, Paraíba. En faisant connaître plus profondément les mémoires intrinsèques des chroniques, en tant que production intellectuelle de l'écrivain de Paraíba, Gonzaga Rodrigues, nous considérons l'action sociale du discours qui s'abat sur la société. L'objectif principal était d'analyser la production intellectuelle de Gonzaga Rodrigues, plus précisément la chronique en tant que document commémoratif et source d'informations capable de redéfinir la mémoire de la ville de João Pessoa, en aidant à la construction et au renforcement des identités locales. Il est entendu que les chroniques produites par le chroniqueur ont pour fonction, à l'origine, d'être un support d'information, mais finissent par assumer cette attribution en fonction de la situation et de l'utilisation. Outre le débat entre la ville et la chronique, ce qui est particulièrement important ici est le fait que la chronique peut être considérée comme un artefact de l'information. La base théorique choisie confirme l'hypothèse selon laquelle les représentations que le chroniqueur paraguayen développe sur lui-même et que ses actions sont contenues dans ses pratiques quotidiennes. Le corpus analysé était composé de neuf chroniques, produites par Gonzaga Rodrigues et publiées dans deux ouvrages: "Filipéia e outros saudades" et "Café Alvear: ponto de encontro perdido". L'approche méthodologique adoptée est de nature exploratoire descriptive et est délimitée par une étude documentaire. Le modèle d'analyse indiciario basé sur la formulation du paradigme dit d'indiciaire a été utilisé dans la méthodologie, ce qui a permis de rendre plus explicite la relation avec l'objet de l'étude. Quelques inférences sur la chronique et son mode de fonctionnement sont présentées, confortant la conviction que la chronique est un art littéraire, même si elle parcourt un territoire précaire et instable, et que le chroniqueur est celui qui est capable de construire une existence au-delà du quotidien, comme source d'information et de mémoire. Articulant des réflexions théoriques sur les relations mémoire et identité, notamment la prise en compte de l'identité en tant que preuve historique, la discussion s'articule autour de la constitution d'une mémoire sociale à des fins d'identification et de légitimation de l'information de la chronique qui, dans son parti pris mémorialiste, est porteuse d'information renforcer les aspects identitaires de la ville: ses rues, ses habitants, ses lieux. Lorsque le chroniqueur publie les mémoires sur la ville, cela renforce les aspects identitaires, car la mémoire est l'élément fondamental de la construction de l'identité.

Mots-clés: Science de l'information. Mémoire sociale. Mémoire de la ville. Chroniques Gonzaga Rodrigues.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Esquema 1: Etapas da pesquisa.....	33
Linha do Tempo das Obras de Gonzaga Rodrigues	94

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Capa do Livro <i>Filipéia e outras saudades</i>	31
Imagem 2: Capa do Livro <i>Café Alvear: ponto de encontro perdido</i>	31
Imagem 3: Certidão de Casamento de Gonzaga Rodrigues e Edite Rodrigues.....	65
Imagem 4: Gonzaga Rodrigues, esposa e filhos.....	66
Imagem 5: Gonzaga Rodrigues e o governador da Paraíba Tarcísio de Miranda Burity (16/05/1982)	67
Imagem 6: Homenagem ao jornalista Gonzaga Rodrigue.....	68
Imagem 7: Homenagem ao jornalista Gonzaga Rodrigues.....	69
Imagem 8: Gonzaga Rodrigues na redação do jornal <i>A União</i>	69
Imagem 9: Livro da Solenidade de concessão do Título a Gonzaga Rodrigues.....	71
Imagem 10: Registro de Gonzaga Rodrigues na solenidade de recebimento do título de Doutor Honoris Causa.....	71
Imagem 11: Entregando do título de cidadão campinense (12/09/1980)	73
Imagem 12: Entrega do título de cidadão pessoense a Gonzaga Rodrigues.....	73
Imagem 13: Capa do livro <i>Notas do Meu Lugar</i> (1977)	81
Imagem 14: Capa do livro <i>Um Sítio que Anda Comigo</i> (1988)	82
Imagem 15: Capa do livro <i>Parahyba, a cidade, o rio e o mar</i> (1991)	83
Imagem 16: Discurso de Posse na APL.....	83
Imagem 17: Capa do livro <i>Filipéia e outras saudades</i> (1997)	84
Imagem 18: Capa do livro <i>Paraíba Nome do Século - Serie Histórica</i> (2000)	85
Imagem 19: Capa do livro <i>Café Alvear. Ponto de Encontro Perdido</i> (2. ed, 2008).....	86
Imagem 20: Capa do livro <i>Retrato de Memória e outras Histórias</i> (2005)	87
Imagem 21: Capa do livro <i>Retrato de Memória</i> (2010)	87
Imagem 22: Capa do livro <i>Ponsa. O Nordeste Posto a Prova</i> (2005)	88
Imagem 23: Capa do livro <i>Autores paraibanos: prosa</i> (2005)	89

Imagem 24: Capa do livro <i>José Maranhão: Uma vida de coerência</i> (2009)	90
Imagem 25: Capa do livro <i>COSIBRA: two Worlds intertwined</i>	90
Imagem 26: Capa do livro 100 anos sem medo. Centenário de Pedro. Quem é o homem? O homem é Pedro (2014)	91
Imagem 27: Capa do livro <i>Os 100 anos de Ivan Bichara. Inéditos</i> (2018)	92
Imagem 28: Centro Histórico de João Pessoa.....	97
Imagem 29: Rio Sanhauá.....	100
Imagem 30: Rua Treze de maio.....	113
Imagem 31: Fonte Tambiá.....	115
Imagem 32: Fonte Tambiá, abastecimento de água para a população pessoense.....	116
Imagem 33: Praça do Carmo e a Igreja do Carmo.....	119
Imagem 34: Praça do Carmo e o Palácio do Bisbo.....	120
Imagem 35: Bairro Ilha do Bispo.....	121
Imagem 36: Fábricas no entorno da Ilha do Bispo.....	121
Imagem 37: Rio Sanhauá.....	126
Imagem 38: Porto do Capim.....	127
Imagem 39: Rua Maciel Pinheiro.....	128
Imagem 40: Ponto de Cem Réis.....	133
Imagem41: Raymond Carrut.....	142
Imagem 42: Propaganda da Brasil Companhia de Seguros Geraes.....	143
Imagem 43: Anúncio da Companhia de Seguro no Brasil.....	144
Imagem 44: Prédio do IPASE, centro de João Pessoa (PB).....	145
Imagem 45: Residência do Dr. José Mousinho.....	146
Imagem 46: Residência do Dr. José Mousinho, sede atual do IPHAEP.....	146
Imagem 47: Ponto de Cem réis.....	150

LISTA DE QUADRO

Quadro 1: Seleção das crônicas.....	32
--	----

LISTA DE SIGLAS

APCA - Academia Paraibana de Ciência da Administração

API- Academia Paraibana de Imprensa

APL- Academia Paraibana de Letras

CI - Ciência da Informação

IPASE – Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado da Paraíba

IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IPHAEP- Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba

PSD - Partido Social Democrático

SUMÁRIO

1 ESCRITOS INICIAIS	19
2 PERCORRENDO O TRAÇADO METODOLÓGICO	28
2.1 ITINERÁRIOS DA PESQUISA.....	28
2.2 O MÉTODO INDICIÁRIO NA OBSERVAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	29
3 NARRATIVAS TEÓRICAS	36
3.1 A INFORMAÇÃO COMO ELEMENTO DE SENTIDO.....	37
3.2 MEMÓRIAS: faces imateriais do vivido.....	41
3.3 CRÔNICA: uma memória a ser decifrada.....	48
3.4 TEMPO, COTIDIANO E A MEMÓRIA DAS CIDADES.....	58
4 LUIZ GONZAGA RODRIGUES: notas de um escritor	63
4.1 UM LUGAR NAS LETRAS.....	75
4.2 A PRODUÇÃO DE GONZAGA RODRIGUES.....	79
5 NAS ENTRELINHAS DOS ESCRITOS: a cidade	96
6 OLHAR GONZAGUIANO NO CENÁRIO DA CIDADE	108
7 ESCRITOS FINAIS	156
REFERÊNCIAS	161
APÊNDICE	174
ANEXOS	176
ANEXO A- CRÔNICAS DA OBRA <i>FILIPÉIA E OUTRAS SAUDADES</i>	177
ANEXO B- CRÔNICAS DA OBRA <i>CAFÉ AVELAR: PONTO DE ENCONTRO PERDIDO</i>	195



ESCRITOS INICIAIS

1 ESCRITOS INICIAIS

Sím, porque o rio da aldeia de Gonzaga transfigurou-se no oceano de copas que ondula a paisagem dessa província de Nossa Senhora da Neves - o Sanhauá, a colina e o sítio até Tambauá compondo a matéria-prima dos seus momentos mais criativos. (FRANCO, 1997, p.9)

N

a crônica, “[...] por traz da informação, há um conjunto de eventos sociais que perfazem a sociedade”, ressalta Pereira (2015, p.55).

Além de seu potencial de informação, destacamos na crônica o seu potencial de memória, percebendo-a como territórios de narrativas memorialísticas, capazes de disponibilizar para (re)conhecimento da sociedade, as memórias da uma cidade. Neste caso, transitaremos entre os meandros da memória da cidade João Pessoa (PB), imersas em um conjunto de crônicas.

A crônica é uma narrativa histórica que apresenta fatos descritos geralmente em ordem cronológica. Consideremos a relevância do *chronos*, que significa tempo, derivando-se do grego; o tempo, por sua vez, tem uma relação intrínseca com a memória e com a história. Embora aparentemente abstrato, o tempo é uma vivência concreta e se reflete em movimentos de múltiplas faces que, no contexto do cotidiano, elucubra representações coletivas, individuais, continuidades e descontinuidades, em um processo do devir constante. Este tempo que parece efêmero, orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro. Logo, o tempo, a memória, os espaços (lugares) e a história caminham juntos. (DELGADO, 2003).

A presente pesquisa traz uma relação com a temporalidade, a historicidade e a singularidade do objeto de estudo (informação e memória), constituindo as fontes de uma história extraída de um conjunto de documentos. O intuito de tal investigação é de fazer emergir a memória da cidade João Pessoa (PB), descortinando o cenário social, além do aspecto físico e temporal, revelando, assim, aspectos do pensamento e das representações. (BOURDIEU, 2006). Nesta perspectiva, o foco norteador é revelar as informações que

permeiam estes documentos, fomentando a sua disseminação agregada à interpretação, à medida que essa produção for sendo ressignificada. Informações estas, que estão atreladas ao cotidiano da cidade, na esfera política, patrimonial, histórica, cultural e social.

Propusemos então, nos debruçar sobre as crônicas produzidas por Luiz Gonzaga Rodrigues, jornalista e literato; autodidata, não tendo concluído sequer o antigo ginásio, trabalha nesse campo há mais de 60 anos; assumiu o posto de repórter, revisor, autor de ensaios, entre outras funções nas redações dos principais jornais do Estado da Paraíba. Em seu labor literário, o escritor e também jornalista proporciona prazer aos leitores paraibanos em deleitarem-se com suas crônicas desde a década de 1950. O apreço aos livros, bem como a prática da leitura tornaram-se verdadeiras molas propulsoras, possibilitando-lhe a um aprendizado cotidiano e intelectual, ampliando a visão, o vocabulário, a formação. Para ele, os livros assumiram o papel de universidade, sendo importante destacarmos que o seu desempenho profissional conquistou o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em junho de 2009.

Dessa forma, refletimos acerca da possibilidade de tratamento e disseminação de informações, que permeiam o *corpus* de crônicas produzidas por Gonzaga Rodrigues, compreendidas como guardiãs do que aconteceu no passado, necessitando que haja uma representação da informação para serem reveladas. As informações que permeiam este estudo dizem respeito a uma produção de significados socialmente aceitos, fenômeno pelo qual evidencia não apenas a produção de um bem simbólico, mas também sua disseminação, que implica na sua própria reprodução, já que a dimensão espacial é extremamente dinâmica, dentro da sua recontextualização. (AZEVEDO NETTO, 2007). Os bens simbólicos contêm o ensejo de libertação do sujeito, seja pela representatividade simbólica em rituais ou hábitos do cotidiano, seja pelo acesso à arte e ao uso dos meios de comunicação, seja pela inclusão socioeconômica dos grupos no sistema capitalista. (BOURDIEU, 2006).

A necessidade de registrarmos informações provenientes das ações humanas demanda, ao longo da história da humanidade, uma multiplicidade de inscrições que nos servem de prova e testemunham as nossas ações. Assim, temos como produto dessas ações, os documentos, que constituídos pelo suporte material detêm a informação. Ele é o registro concreto que serve de prova para fatos, modos de vida, crenças, e ações dos homens em um determinado tempo e lugar.

Importante enfatizar que nem todo objeto pode ser considerado um documento, mas pode tornar-se documento. O elemento essencial que faz essa ponte na transformação do objeto em documento está pautado no desejo de se obter informação, mesmo que o objeto não

tenha sido criado com essa intenção. (ORTEGA; LARA, 2010). No caso das crônicas são escritas no intuito de traçar o momento, o período, o lugar, remontando histórias, contextos e cenários, o que nos faz compreendê-las como documentos dotados de informações, capazes de remontar o fio da memória social. Logo, esse mote da produção literária do escritor Gonzaga Rodrigues tem por função, originalmente, ser suporte de informação, mas acaba assumindo essa função de acordo com a situação e uso. Nesse sentido, questiona-se: *As crônicas produzidas por Gonzaga Rodrigues possibilitam ressignificar a memória da cidade João Pessoa auxiliando na construção e no fortalecimento das identidades local?*

Sabendo que a crônica relata acontecimentos de forma cronológica, Castro (2003), ao prefaciar a obra “*Café Avelar: ponto de encontro perdido*” de Gonzaga Rodrigues (2003), revela que, na Paraíba, a crônica chega a constituir-se um fenômeno cultural, despertando nosso entendimento para as questões informacionais, narradas nas entrelinhas de suas observações. Ao penetrarmos nas crônicas escritas por Gonzaga Rodrigues, também tentamos ressignificar essas memórias, buscando prevenir que o ser humano perca referências fundamentais à construção das identidades coletivas, conforme compreende Santos (1994), mesmo sendo identidades sempre em curso, são esteios fundamentais do auto-reconhecimento do homem como sujeito de sua história.

A memória, segundo Le Goff (2003, p.469), “é um elemento essencial do que se costuma chamar identidades, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades contemporâneas [...]”. Logo, a história vivida, narrada no fio da memória, constitui-se um espetáculo vivo e natural, capaz de reencontrar a imagem de um passado (HALBWACHS, 2006), mesmo que se agregue a esse passado, experiências do presente (BOSI, 1994), constituindo-se, pois, no maior desafio desta investigação. Pensando a memória vinculada à informação, destacamos que ela se encontra atrelada a um contexto social, cultural e temporal, vislumbrando o seu potencial como fenômeno social. Assim, conforme destacam Oliveira e Azevedo Neto (2007), ela pode ser percebida como conjunto de eventos, fatos, personagens que, através da sua existência no passado, detém experiências consistentes para o estabelecimento de uma relação da atualidade com esse passado imediato ou remoto.

O envolvimento com a área de memória é fruto da atividade discente no curso de graduação em Arquivologia, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), trabalhando com os temas: memória, arquivo pessoal e de família, bem como conceitos que os permeiam. Um trabalho de conclusão do curso cujo tema é: *ARQUIVO PRIVADO PESSOAL E DE FAMÍLIA: percepção dos concluintes dos cursos de Arquivologia da cidade de João Pessoa-*

PB, desvendando fragilidades e potencialidades no que concerne aos conceitos apreendidos durante a vida acadêmica acerca dessas temáticas, por parte dos concluintes de duas universidades públicas. Ainda no decorrer da graduação, ao ingressar no Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Cultura, Informação, Memória e Patrimônio (GECIMP), liderado pela professora Dra. Bernardina Freire, grupo este que, em suas reuniões quinzenais, ajudou a fortalecer nosso conhecimento em torno das temáticas: cultura, informação, memória e patrimônio.

Também no cenário acadêmico, estudando as temáticas: arquivo pessoal e memória, aprofundamos os estudos durante o mestrado em Ciência da Informação (PPGCI-UFPA), sendo abordados temas como a relação entre a memória, a informação e os arquivos pessoais, incluindo-se a teoria de escrita de si, o que culminou na dissertação intitulada: *POLÍBIO ALVES ENTRE CONTOS E ENCANTOS: o fascínio do vivido na perspectiva da escrita de si*. A proposta desta pesquisa contemplou o estudo em torno dos arquivos pessoais e igualmente as temáticas: memória e informação.

Com relação às subáreas da Ciência da Informação, a preservação é um dos aspectos a ser considerado, principalmente quando se trata do cenário da memória, sendo fundamental, também, agregarmos a importância da disseminação do conteúdo informacional, que permeia o documento memorialístico.

No caso específico das crônicas escritas por Gonzaga Rodrigues, elas se constituem em uma memória a ser decifrada em um trabalho interpretativo de suas narrativas. Compreender a memória como fenômeno atual se constitui uma ligação com o eterno presente. Assim, a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto (BAUMANN, 2011, p.43), considerando o conjunto de crônicas como espaço de memória.

No que se refere à memória, Baumann (2011) alega que ela é a base para a construção da vida, da consciência do indivíduo e, portanto, dos grupos sociais, iniciando-se pela formação da própria sociedade. É através dela que ocorrem os mais variados registros nos processos de identificações dos sujeitos com o espaço em que se inserem e as consequentes relações que se vêm estabelecer a partir dessa identificação. Ao tornarmos conhecidas as memórias intrínsecas nas crônicas, como produção intelectual, mais profundamente analisaremos a ação social do discurso recaído sobre a sociedade.

Neste percurso para responder ao questionamento, isto é, ao problema de pesquisa, traçamos os nossos objetivos, tendo como **objetivo geral**: analisar a produção intelectual de Gonzaga Rodrigues, mais especificamente, a crônica como documento memorialístico e fonte

de informação capaz de ressignificar a memória da cidade João Pessoa (PB) auxiliando na construção e no fortalecimento das identidades local. E como **objetivos específicos**: **a)** identificar nas crônicas produzidas por Gonzaga Rodrigues aquelas que versem sobre a cidade de João Pessoa (PB); **b)** destacar a relevância da produção de Gonzaga Rodrigues, do ponto de vista da preservação histórica, cultural e social da cidade de João Pessoa (PB), e, **c)** verificar se as crônicas produzidas por Gonzaga Rodrigues constituem fontes de informação capazes de auxiliar na construção e/ou no fortalecimento da memória e identidade pessoense.

Face aos objetivos traçados, o trabalho tem como **tese**: a crônica pode ser considerada como documento capaz de ressignificar a memória de determinado lugar, podendo auxiliar a construção e fortalecimento das identidades locais, posto que, está além da simples comunicação, embora sua origem não seja apenas individual e subjetiva, mas totalizadora, como diria Tristão de Athayde¹.

No que tange à base teórica, dentre os autores já citados neste texto, destacamos os estudos de Portella (1985) sobre **crônica**, o que nos permite transitar pelo campo da literatura, sem perdermos a bússola que nos orienta. Essa escolha torna possível encontrar sentidos naquilo que parecia apenas descrição, pois sugere a possibilidade de conhecermos criticamente a vida cotidiana, percebendo a linguagem do dia a dia por meio da produção do cronista, no caso, a produção de Gonzaga Rodrigues.

Tendo também a **memória** como foco de interesse, relacionamos as ideias de Assmann (2011) referentes ao tema, destacando como fio condutor a argumentação de que não existe uma essência da memória, pois ela possui um caráter dinâmico além de ser um fenômeno complexo e transdisciplinar, demonstrado pela sua plasticidade. Assmann aponta que hoje temos de lidar com uma intensificação da temática em discussão, e diferentes interesses e questões se cruzam para ajudar na compreensão desse complexo fenômeno. A memória, como um fenômeno de ocorrências variadas, tem períodos de retração, enquanto outras formas ganham espaço. Nessa trajetória, problematizaremos esse fenômeno a partir das tradições, do discurso de identidade, da memória cultural, e ainda, dos textos, imagens e lugares contidos nos escritos de Gonzaga Rodrigues.

A partir da ideia de que a memória é o veículo transmissor da informação e do conhecimento produzido, reconstruiremos esses sentidos mediante outro fio teórico condutor, que é a **informação**. Ela tem sido ponto central em discussões que envolvem os âmbitos social, científico, econômico e político. Nesse sentido, Capurro (2003) considera a informação

¹ Pseudônimo adotado pelo escritor Alceu Amoroso Lima. O Globalismo. **Jornal do Brasil**, 12/Nov/1970.

como um fenômeno social, assim a informação e a memória são produtos sociais e emergem de grupos.

O uso cotidiano do termo memória, evocado nas crônicas de Gonzaga Rodrigues, apresenta seu significado como a capacidade de recordar fatos, eventos e informações. Esse sentido, Le Goff (2003, p.419) compreende como a propriedade de conservar certas informações, capazes de remeter-nos “em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. O autor considera essa concepção acerca da memória, como “memória artificial”, aquela que é realizada e fixada por meio de suportes e mecanismos, como a escrita, e que hoje se realiza também através de computadores e demais técnicas e instrumentos.

A memória pode ser vista também sob o ponto de vista do seu caráter social, como aquela apresentada por Halbwachs (2006), que a compreende como memória coletiva. Para o autor, a memória individual é aquela que o indivíduo carrega consigo, entretanto, essa mesma memória não deixa de perpassar pelos grupos, de se tornar lembranças em comum, pois “voluntariamente cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, este ponto de vista muda conforme o lugar que ali ocupo, e este mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros meios”. (HALBWACHS, 2006, p. 33). Para o autor, a memória coletiva é o que fica no passado, no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado.

Por fim, uma abordagem feita ao termo memória é apresentada por Candau (2012) ao relacionar memória e identidade. Para ele, memória e identidade possuem uma relação essencial, em que a primeira é essencial na construção da identidade do sujeito e do coletivo. Sem suas lembranças, o sujeito não se reconhece, aponta Candau. Para o autor, “Memória e identidade se conjugam e nutrem mutuamente [...] os laços fundamentais entre memória e identidade e sobre o fato de que é a memória, faculdade primeira, que alimenta a identidade”. (CANDAU, 2012, p. 16).

Nossa base teórica sustenta, portanto, a suposição de que as representações que o cronista elabora acerca dele próprio e de suas ações estão contidas em suas práticas cotidianas e no contexto social e cultural. Nesse sentido, é preciso focar na visão integral crítica da vida social, histórica e cultural orientada por uma análise antropológica

Neste trabalho, o caminho escolhido para a abordagem resultou na estruturação de sete Capítulos, organizados de forma a abarcar os elementos centrais da discussão proposta.

O **capítulo introdutório** intitulado: *Escritos Iniciais*, apresenta a contextualização da temática, as justificativas que motivaram essa pesquisa, a problemática, o objetivo geral, os objetivos específicos e a tese.

O *Percorrendo o traçado metodológico* é o **segundo capítulo**, no qual situamos o caminho percorrido para o desenvolvimento da pesquisa, os itinerários, e o método indiciário na observação do *corpus*.

O **terceiro capítulo**, intitulado *Narrativas Teóricas*, foca na crônica como uma memória a ser decifrada, além de tempo e cotidiano, da informação como elemento de sentido, e das memórias como faces imateriais do vivido. O ponto de partida da discussão é a delimitação conceitual da noção de crônica a partir do pensamento de autores já mencionados nesta seção. A sequência da discussão avalia em que medida seu conceito pode ser aplicado à produção de Gonzaga Rodrigues, expondo o percurso da crônica como elemento relevante na Ciência da Informação. Passando pela discussão da informação e do tempo, chegamos ao reconhecimento de uma aproximação da memória social e do conhecimento histórico aos escritos do cotidiano. Procuramos destacar ainda, nesta seção, que as crônicas se constroem a partir da percepção que se tem dessa memória no presente e de que ela sobrevive devido aos intensos trabalhos de reconstrução das lembranças e das recordações passadas. Assim, a memória presume uma temporalidade que tem como síntese a história vivida a partir do registro oficial e no fato em si, também na lembrança, registrada em papel, fotografias, cartas, livros, diários pessoais, registros de viagem, enfim, de muitas formas que as mantêm conservadas aguardando para serem lembradas.

Luiz Gonzaga Rodrigues: notas de um escritor é o **quarto Capítulo**, e trata do lugar concedido ao autor na literatura, bem como os elementos de sua produção, relacionando-se as formas e itens presentes nos ritos, nos significados e nas mensagens. Traçamos neste capítulo o panorama da produção literária do autor, refletindo sobre o perfil de escritor, destacando especialmente sua habilidade em tratar e viver a memória nessa produção.

No **quinto Capítulo** intitulado, *Nas Entrelinhas dos Escritos: a cidade* iniciamos as nossas análises a partir de uma dualidade revelando o escritor na cidade de suas memórias e a cidade no olhar do escritor.

Olhar Gonzaguiano no Cenário da Cidade é o **sexto capítulo**. Nele, seguimos com nossas análises, abordando o conjunto de crônicas produzidas pelo autor, selecionadas e analisadas com base nos indícios, revelando o seu potencial memorialístico e informativo, pelas formas e elementos presentes nos ritos iniciáticos, seus significados e mensagens.

Escritos Finais compõem o **sétimo capítulo**, embora reconhecendo que o assunto não está esgotado apenas neste trabalho, refletimos sobre a sua construção ponderando o surgimento de outros estudos que associem a crônica à ciência da informação.



PERCORRENDO O TRAÇADO METODOLÓGICO

2 PERCORRENDO O TRAÇADO METODOLÓGICO

“Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas - sinais, indícios - que permitem decifrá-la.” (GINZBURG, 1989).

Para desenvolver o estudo dentro do singular universo da crônica, este trabalho se localiza numa das orientações de pesquisa que vêm recebendo uma atenção crescente, em particular aquela que se organiza em torno de perspectivas da informação e da memória, como acontece no presente caso.

A possibilidade de (re)significar processos cotidianos representa um desafio para nós, pesquisadores. Tal desafio pode ser apenas encarado se estivermos armados de uma perspectiva teórica forte, que ilumine o caminho da indagação, pois questionar, e pôr em questão, é a única tarefa do pensamento, como aponta o filósofo Martin Heidegger (2006), o que pode levar o pesquisador a abraçar um conjunto de procedimentos.

Dessa feita, adentrar no universo metodológico é compreender os caminhos da construção do saber científico; é questionar-se, indagando-se o trajeto que leve a solucionar o problema de pesquisa. Nesse sentido, Bell (2008) relata que cada abordagem tem seus pontos fortes e fracos, e cada um deles se adéqua mais em determinado contexto, isto é, para determinada pesquisa. Logo, para a sistematização dos procedimentos metodológicos adotados em uma pesquisa científica, é necessária a aplicação de métodos que consigam atingir os seus objetivos.

2.1 ITINERÁRIOS DA PESQUISA

A presente pesquisa foi iniciada através de um *levantamento bibliográfico*, pautado na busca de aportes teóricos para aprofundamento dos conceitos acerca da informação, memória, identidade, crônicas, e cotidiano. A leitura dos materiais bibliográficos durante as fases da pesquisa nos permitiu um melhor direcionamento para o objeto estudado. (LAVILLE; DIONNE, 1999).

A especificidade desta pesquisa foi marcada pelo recorte temporal (crônicas) e pela metodologia de análise da produção científica que se fundamenta no arcabouço teórico-

metodológico, desenvolvido principalmente por Assmann (2011) para discussão dos espaços da memória. A análise pretendeu conjugar os conceitos de informação e memória aos princípios do fazer literário, isto é, da crônica, fundamentalmente dinâmico, como alerta Bosi (1984), onde o seu processar-se é rigorosamente histórico, considerando que a constituição do fenômeno altera-se conforme o compasso da história.

De posse dessas observações, ressaltamos que o objeto da pesquisa são os espaços de memória na produção de Gonzaga Rodrigues, inscritos nas crônicas. A abordagem adotada é de natureza *exploratório-descritiva* e delineada por um *estudo documental*, adquirido em documentos escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias, partindo do princípio de que a documentação é uma das origens de Ciência da Informação. As fontes primárias são consideradas como fulcro inicial por serem peças fundamentais, no decorrer desta pesquisa, tomando-se o conjunto de crônicas (*corpus* da pesquisa) as quais até então, não receberam tratamento analítico, justificando-se a escolha do procedimento. (MARCONI; LAKATOS, 2008).

Neste estudo, a pesquisa documental tem como foco o levantamento e a busca das crônicas produzidas pelo jornalista Gonzaga Rodrigues, que versam sobre a cidade de João Pessoa. Utilizamos, portanto, *a revisão bibliográfica, a metodologia de Análise Documental e o modelo de Análise Indiciário* baseado na formulação do chamado paradigma indiciário, o que nos possibilita explicitar, de forma mais completa, a relação com o nosso objeto de estudo. Este método foi desenvolvido por Ginzburg (1989) no cerne das ciências humanas, especialmente da semiótica, e consiste na busca dos rastros, restos e vestígios, capazes de remontar o fio da história no emaranhado do tempo.

2.2 O MÉTODO INDICIÁRIO NA OBSERVAÇÃO DO *CORPUS*

Tomamos o método indiciário para observação do *corpus*, pautando-nos na necessidade de interpretar, registrar e classificar possibilidades, aproximando-nos ainda mais do objeto pesquisado.

Entendemos por paradigma indiciário, o conjunto de princípios e procedimentos que contém a proposta de um método heurístico centrado no detalhe, nos dados marginais, nos resíduos tomados como pistas, indícios, sinais, vestígios ou sintoma. (GINZBURG, 1989). Incluem-se aí, as fontes secundárias e voluntárias, investigadas pelo pesquisador e submetidas à análise, o que pode revelar mais do que o testemunho tomado apenas como um dado. Outras fontes também podem ajudar o pesquisador no trabalho de construção da narrativa histórica e

da análise sociológica, são as fontes involuntárias, isto é, aquelas que não foram pensadas e definidas anteriormente. Essas fontes podem ser identificadas por acaso e o pesquisador deverá fazer uso de sua intuição e sensibilidade para inseri-las na pesquisa.

Ginzburg (1989), ao demonstrar a interação de diferentes áreas da ciência, sugere análises qualitativas com base na observação de detalhes. Esta forma de pensar e de agir é o próprio paradigma indiciário, que parte do cenário da própria história da humanidade. E ao longo do tempo, no intuito de sobreviver, precisou interpretar os rastros de seus antepassados. Conforme menciona Freire (2001, p.63), “Esse paradigma, que Ginzburg chama de indiciário, tem raízes muito antigas, que remontariam à própria evolução da humanidade”.

Em se tratando da produção de Gonzaga Rodrigues, iniciamos pela identificação das especificidades de cada objeto situado nas crônicas do autor, isto é, o cotidiano da cidade João Pessoa, para depois fazermos o reconhecimento do caráter indireto do conhecimento. Os procedimentos indicados por esse paradigma são: a prática interpretativa situada no âmbito da análise; o pluralismo documental, teórico e metodológico; por fim, o estudo minucioso e exaustivo do material pesquisado e selecionado.

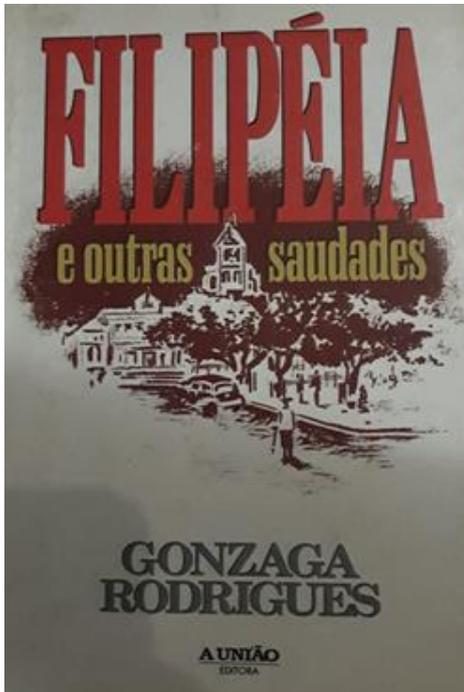
Desse modo, levantamos primeiramente a estrutura do conjunto de crônicas para posterior análise. Com base nesse levantamento, o intuito foi observar os elementos que compõem a crônica, para chegarmos a uma descrição organizada das estruturas que dão forma aos escritos de Gonzaga Rodrigues. Nosso esforço inicial foi identificar, no conjunto de livros por ele publicados, aqueles que são compostos por crônicas e que versem sobre o cenário político, social, cultural da cidade João Pessoa (PB), observando sobre o que trata em cada obra selecionada.

Selecionamos desse modo, as obras *Filipéia e outras Saudades* (**Imagem 1**) e *Café Alvear: ponto de encontro perdido* (**Imagem 2**). As demais obras de sua produção versam sobre temáticas variadas, como sua vida no brejo, seu pai, sua família, livros biográficos, entre outros. Pressupomos nas obras selecionadas, o reconhecimento de uma realidade ínfima, mas capaz de nos levar a descobrir pistas de eventos. Com esse exercício de apontamento dos indícios, partimos para análise dos dados, procurando lançar luz sobre o modo como o paradigma indiciário pode contribuir para a investigação dos pormenores, contidos nas crônicas de Gonzaga Rodrigues.

Assim, as escolhas feitas estão pautadas na simbologia do ver, sentir e captar uma processualidade, uma singularidade bastante particular nos escritos do autor, o que, possivelmente, o diferencie de outros cronistas. A partir das análises das ações realizadas por Gonzaga Rodrigues nas suas produções, é possível apontar que

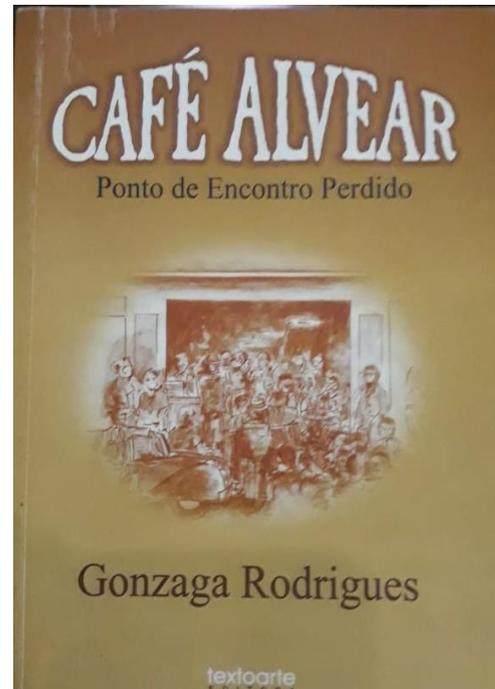
essa processualidade é indiciária. Vejamos a seguir, as imagens das obras selecionadas para análise:

Imagem 1: Capa do Livro *Filipéia e outras saudades*



Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

Imagem 2: Capa do Livro *Café Alvear: ponto de encontro perdido*



Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

A obra *Filipéia e outras saudades* contém cinquenta crônicas. Nela, Gonzaga Rodrigues situa as imagens poéticas e nostálgicas da cidade João Pessoa. Um livro que trata da vida cotidiana dessa cidade, capaz de influenciar o imaginário paraibano. Esta obra foi lançada no ano de 1997, pela Editora A União.

Já em *Café Alvear: ponto de encontro perdido*, o autor reúne trinta e uma crônicas. A obra, escrita em 2003, relembra as conversas políticas e culturais entre 1960 e 1970, no Ponto dos Cem Réis, Centro de João Pessoa. No local, era de costume o pessoense dedicar tempo aos assuntos que dominavam no cenário político da época.

Gonzaga Rodrigues chegou a João Pessoa em 1952, época em que o Ponto de Cem Réis era um lugar onde as pessoas representativas da cidade se encontravam para conversar, sendo um dos mais assíduos frequentadores dessa praça. Lá, “as pessoas que faziam política, conversavam, fuxicavam, contavam história, que queriam saber da vida

alheia, tomar um cafezinho ou um *drink*, tinham o Ponto de Cem Réis como o local de convergência, reforça Gonzaga Rodrigues.²

Sobre o Café Alvear, Gonzaga Rodrigues (2016) aponta:

O Café Alvear era o termômetro político e cultural daquela época. Eu lia um livro, ia para rua e quando chegava lá no Ponto de Cem Réis encontrava meus amigos que já estavam lá com o propósito de me encontrar. Aquilo era uma coisa natural, espontânea. Como a água corre da fonte para o rio, a gente corria para lá. Era um condicionamento cultural obrigatório da cidade que ocorria no Ponto de Cem Réis³.

Como admitido pelo autor, no capítulo inicial que explica o título do livro, a obra foi elaborada a partir de um conjunto de crônicas que retratam a memória política e cultural do próprio Gonzaga Rodrigues no cenário do Ponto de Cem Réis.

Em razão da grande quantidade de crônicas publicadas nas duas obras, optamos por selecionar o *corpus* a partir dos seguintes critérios: a) As crônicas que tratam exclusivamente da cidade João Pessoa (PB); b) As que evidenciam o espaço urbano da cidade histórica, em seu contexto político, social e/ou cultural.

Assim construímos as bases de sustentação fazendo deduções, elaborando reflexões para articular fragmentos e para percebermos relações entre objetos e entre conceitos. Nesse sentido, nosso esforço inicial foi identificar o que cada uma dessas crônicas expressa, o que nos possibilitou uma aproximação mais perceptiva sobre o objeto. As crônicas selecionadas, em ambas as obras, são apresentadas a seguir (**Quadro 1**):

Quadro 1: Seleção das crônicas

FILIPÉIA E OUTRAS SAUDADES	CAFÉ ALVEAR: PONTO DE ENCONTRO PERDIDO
Vila do Finado João	Amarga esperança
A Bica	Mademoiselle Carrut
A cerveja que o mundo nos negou	Telhado de Vidro
No tempo de José Américo	
O escritor B. Rohan	
Sucessão de Cidades	

Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

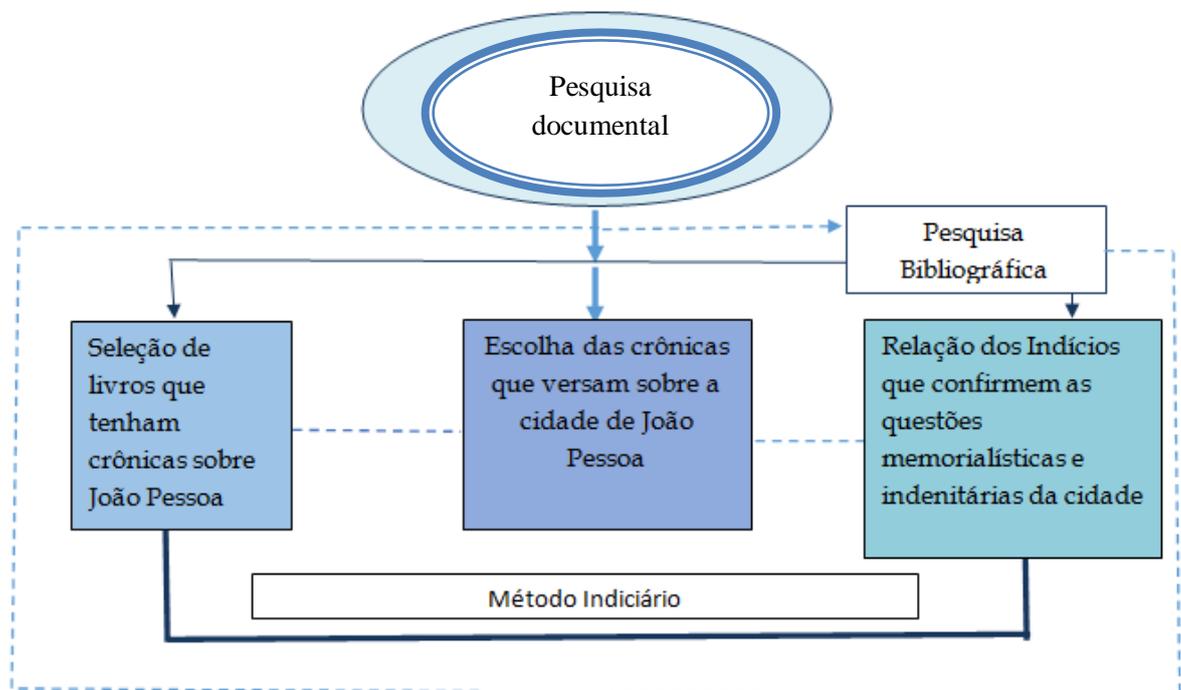
² Reportagem concedida por Gonzaga ao Espaço PB: seu ambiente de notícias na *internet*, no dia 28 de Julho de 2016. Disponível em: <http://espacopb.com.br/v/gonzaga-rodrigues-lanca-nova-edicao-do-livro-de-cronicas-cafe-alvear>.

³ Reportagem concedida por Gonzaga ao Espaço PB: seu ambiente de notícias na *internet*, no dia 28 de Julho de 2016. Disponível em: <http://espacopb.com.br/v/gonzaga-rodrigues-lanca-nova-edicao-do-livro-de-cronicas-cafe-alvear>.

Ao recorreremos à pesquisa qualitativa, nós a relacionamos com a coleta de vários materiais empíricos. Entre eles, destacam-se: a experiência pessoal, história de vida, entrevistas, artefatos, introspecção, textos e produções culturais, possibilitando assim a descrição de momentos e significados. Denzin e Lincoln (2006, p.205) destacam que “o movimento da investigação qualitativa se baseia em uma profunda preocupação com a compreensão do que os seres humanos estão fazendo ou dizendo”, entrando em consonância com a nossa proposta.

Como último passo, apresentamos as estratégias de construção e consagração em torno do legado de Gonzaga Rodrigues, a partir de sua produção intelectual, fortuna crítica⁴ e, mais especificamente, a crônica. Esses elementos nos forneceram pistas das condições sociais de produção e de recepção de suas obras, de estratégias utilizadas para a inserção e consecução de seu projeto literário (criador) e elementos da experiência que, ligados a alguns condicionantes, moldaram seu projeto autoral. Desse modo, percorremos o caminho representado pelo fluxograma da pesquisa (**Esquema 1**):

Esquema 1: Etapas da pesquisa



Fonte: Autoria própria, 2019.

⁴ Fortuna crítica significa elencar os estudos relacionados à produção de determinado autor, o que já se escreveu sobre ele. Significa também a crítica estruturada em torno dos trabalhos sobre o autor e sobre as edições de sua obra. Uma fortuna crítica não deixa de fora referências fundamentais, incluindo uma relação sumária e orientadora da produção do escritor, priorizando a importância das obras e a proposta de uma leitura global desta produção.

Entendemos neste ponto, a importância que devemos atribuir ao nosso objeto de estudo, dando mais transparência às indagações voltadas a uma literatura científica “menor” (JOLLES, 1976) constituída de relatos informais, que tratam de acontecimentos corriqueiros do cotidiano, e se constituem em memória. Fazemos alusão à crônica, considerando-a um gênero de relatos pessoais, escritos cotidianos, em que o cronista é ao mesmo tempo, testemunha e indagador.

Para que os esforços não se percam, foi necessário avançar a discussão teórica juntamente com os dados coletados. Neste trabalho, procuramos nos empenhar nessa direção, considerando o momento histórico dentro do qual age um observador, bem como a praxe cotidiana que o inspirou e, ao mesmo tempo, o condicionou.



NARRATIVAS TEÓRICAS

3 NARRATIVAS TEÓRICAS

A informação sintoniza o mundo, pois referencia o homem ao seu passado histórico, às suas cognições prévias e ao seu espaço de convivência, colocando-o em um ponto do presente, com uma memória do passado e uma perspectiva de futuro; o indivíduo do conhecimento se localiza no presente contínuo que é o espaço de apropriação da informação. (BARRETO, 2007, p.23)

As palavras de Aldo Barreto, epigrafadas no início deste capítulo, incitam indagações sobre o caminho da informação, do conhecimento e da memória. Para o autor, qualquer ideia sobre as condições de um produto ou serviço de informação está condicionada à existência de uma premissa básica, que é a sua relação com a geração do conhecimento, bem como a importância da memória, relacionando o passado ao presente, refletindo as condições políticas, econômicas ou sociais. Barreto entende que “O lugar em que a informação se faz conhecimento é na consciência do receptor que precisa ter condições para aceitar a informação e a interiorizar”. (BARRETO, 2007, p.24).

A proposta central deste capítulo é desenvolver a afirmação de que a razão simbólica, constitutiva do processo de construção da memória, pode traduzir seu significado e revelar sua dimensão histórica, social e cultural por meio de um gênero literário denominado crônica. Neste contexto, a urgência da concepção de crônica, que traz em si a cotidianidade e o simbolismo, debate-se entre a ideia de documento, tomando-o por externalidade, e a ideia de memória, marcada pela dualidade entre a lembrança e o esquecimento. (RICOUER, 2007).

A estrutura segue ao esquema da integração histórico cultural que nos permite situar as crônicas de Luiz Gonzaga Rodrigues no tempo, no espaço e na problemática da resignificação da memória da cidade de João Pessoa (PB), podendo auxiliar na construção e no fortalecimento das identidades local. Compreender as crônicas desse autor não é apenas entender o que elas dizem, mas avançar alguns nexos entre elas e o mundo.

Iniciamos este tópico, portanto, com a discussão sobre *Informação como elementos de sentido*. Em seguida, passamos a discorrer sobre *Memória: faces imateriais do vivido*

apresentando as conceptualizações de narrativas no âmbito da crônica, cujos focos culminam na produção de Gonzaga Rodrigues, importantes para o estudo e a compreensão das identidades, construídas ao longo da narrativa. As narrativas representam um deslocamento no tempo, trazendo aspectos das trajetórias; que constroem e reconstroem espaços sociais, identidades e práticas, de modo que esses elementos podem ser sempre situados e contextualizados.

O tópico seguinte intitulado *A Crônica, uma memória a ser decifrada* amplia a discussão em torno da crônica. Para Portella (1985) a crônica é um redentor da informação, na medida em que retira desta a sua carga massificadora. Para este autor:

A informação veiculada pela crônica se vê, através da palavra elaborada dos cronistas, redimida esteticamente. E a sua receptividade popular indica que a sociedade moderna, industrial e tecnológica, não é uma mera coletividade de robôs. (PORTELLA, 1985, p.154-5).

Nesse entendimento, afirmamos que a crônica é literatura, pois o cronista se resolve ao nível da linguagem, como destaca Portella (1985), e estudar esse gênero literário é buscar perceber nuances e tendências dos cronistas. Ao lermos uma crônica, esperamos encontrar “essa faculdade de dar um sentido solene e alto às palavras de todo dia” (BRAGA, 1967, p.8).

E na última seção deste capítulo consideramos o *Tempo e cotidiano: a memória das cidades*. Neste tópico, relacionamos o tempo com a vida cotidiana, inevitavelmente associamos o tempo e sua relação com o espaço, nesse caso com a cidade.

3.1 INFORMAÇÃO COMO ELEMENTOS DE SENTIDO

O corpo teórico da Ciência da Informação (CI) estabelece relações com outras áreas. Fazem parte do conjunto de áreas de conhecimento às quais a CI transita, os estudos sociológicos e de linguagem. Nesse sentido, examinamos alguns conceitos importantes, tais como: informação, memórias, espaços de memória, identidade, paradigma indiciário na CI, e arcabouços sociais. No que se refere aos arcabouços sociais, González de Gomes (1995, p.8) alega que são “aqueles que parecem intervir na geração e comunicação do conhecimento (ou outros saberes culturais)”. Tais conceitos são essenciais para estudarmos o que de fato é a crônica, que, considerada como documento, é capaz de (re)significar a memória de determinado lugar.

Ao longo da história da humanidade, vem se evidenciando a necessidade de registrarmos informações provenientes das ações humanas, que demandam de uma multiplicidade de registros que nos servem de prova e testemunham as nossas ações. Nesse sentido, o documento, fruto dessa necessidade constitui-se como suporte material, detendo em suas entrelinhas a informação. Ele é o registro concreto que serve de prova para fatos, modos de vida, crenças e ações dos homens em um determinado tempo e lugar, possibilitando a perpetuação da memória e a construção do conhecimento humano.

Sobre essa perspectiva, Santos (2008) compreende que o conhecimento é socialmente construído e, nessa trajetória, ele possui rigor e objetividade, mas isso não implica em uma neutralidade, sendo essa busca um caminho ancorado em três pontos: a ruptura, a construção e a constatação.

A ciência como parte dessa estrutura permite ao homem olhar o mundo “já com ideias preconcebidas, representações, modelos, sejam científicos, pré-científicos ou míticos. Essas representações possuem sempre certa coerência, mesmo que, levadas ao extremo, possam revelar-se incoerentes” (FOUREZ, 1995, p.66). O progresso da ciência depende de determinadas informações prévias, por exemplo, uma teoria que permita ao investigador uma ruptura com o senso comum. Ao nos referirmos aos modelos de explicação do mundo, falamos de um referencial conceitual permeado por valores e concepções que se desdobram em novos conceitos e novas referências. A cultura científica coloca o pesquisador diante do contexto social, se deparando com a responsabilidade e o compromisso, sobretudo ético. A partir da relação da ciência com a realidade social, melhor entendemos a transformação da produção do conhecimento. (AQUINO, 2011).

A preocupação com a organização, o tratamento, o acesso e o uso da informação; a relação da informação com o conhecimento; o progresso; a ciência; a sociedade traz a necessidade de refletirmos sobre o surgimento de uma ciência que se debruce sobre a investigação das propriedades e do comportamento da informação. Nesse sentido, refletimos sobre a informação, como objeto de investigação.

Na contemporaneidade, a informação tem conquistado espaços entre indivíduos, grupos sociais, alcançando a sociedade de forma mais ampla, o que nos faz perceber cada vez mais a sua relevância. Nesse contexto, Silva e Gomes (2015, p.145) apontam que “[...] a complexidade, variedade de conceitos e ocorrências da informação no contexto cotidiano e técnico-científico têm promovido uma diversidade de significados que dificultam a construção de sentidos mais consistentes”.

Quando paramos para tentar compreender os conceitos de informação no cenário da CI, percebemos uma diversidade conceitual, que se deve às associações científico-contextualistas dos estudiosos, estando algumas delas no contexto mais epistemológico, uma vez que transitam sobre a informação com base nos fundamentos da teoria do conhecimento científico; outros no contexto mais técnico, vinculando a informação às atividades pragmáticas da CI; e, por fim, conceitos mais sociais (humanos), que vinculam a informação às atividades de práticas humanas da informação, existindo também conceitos que associam as três vertentes, os vieses técnico, pragmático e social da informação. (SILVA; GOMES, 2015).

O conceito da informação vem ao longo do tempo despertando uma série de discussões a respeito da sua delimitação, bem como as suas formas de uso, tanto no nível social, quanto nos níveis mais específicos. Sobre esse ponto, González de Gómez (2011, p. 29) alerta: “múltiplos são os domínios a que remete hoje o termo ‘informação’: da cognição dos textos, dos artefatos culturais, da infraestrutura”.

González de Gómez (2000) compreende a informação como objeto cultural, que se constitui na articulação de vários segmentos (linguagem, sistemas sociais e sujeitos/instituições) em contextos concretos de ação que se evidencia como uma ação de informação que articula esses segmentos em três dimensões principais: semântico-discursiva, meta-informacional e infra-estrutural.

A autora esclarece que a ação de informação

Articula esses estratos em três principais dimensões: uma semântico-discursiva, enquanto a informação responde às condições daquilo sobre o que informa, estabelecendo relações com um universo prático-discursivo ao qual remetem sua semântica ou conteúdos; outra, meta-informacional, onde se estabelecem as regras de sua interpretação e de distribuição, especificando o contexto em que uma informação tem sentido; a terceira, uma dimensão infra-estrutural, reunindo tudo aquilo que como mediação disponibiliza e deixa disponível um valor ou conteúdo de informação, através de sua inscrição, tratamento, armazenagem e transmissão. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2000, p.4).

Nesse sentido, entendemos que a informação na CI assume seu escopo conceitual, de acordo com a relação que apresenta com o componente que está sendo estudado, delineando suas relações. Para Araújo (2011), a Informação se inscreve no âmbito da ação humana sobre o mundo, apreendendo-o por meio do simbólico, nomeando e classificando os objetos que conhece, criando objetos que passa a utilizar, mas também produzindo registros que constituem novos objetos, textos impressos, documentos sonoros, fotografias; ou até mesmo

criando registros dos registros de informação, materializados em catálogos, índices, inventários.

Araújo (2011), sob o ponto de vista de dois dos paradigmas de Capurro (2003), destaca o contexto físico e cognitivo da informação, não evidenciando a sua relação com o social. Já González de Gómez (2011, p.29) destaca o potencial da informação e explicita que “a informação é vista como objeto empírico complexo que se circunscreve em todos os espaços do saber e da cultura, e nesse sentido, requer uma construção teórico-metodológica que dê cobertura à multiplicidade dessa realidade desconexa”.

Transitar sobre a informação contida em um conjunto de crônicas é buscar a ressignificação das memórias imersas nas informações materializadas em jornais, livros, e entre outros veículos de comunicação. Caminhando em uma linha tênue, entre a informação e a memória, nos ancoramos nos conceitos de informação alavancados por Azevedo Netto (2002, 2007) e Silva *et al.* (2002, 2006)

Azevedo Netto (2002, p.10) concebe a informação como “[...] um fenômeno explicitamente humano, ligado a uma estruturação sociocultural, socialmente disseminado a partir daquilo que é interpretado e constituído no indivíduo”. O autor alega que a informação só tem existência quando é percebida como tal, e só é estabelecida esta percepção quando, de algum modo, em alguma circunstância, é criada uma relação de significação. Neste contexto, o autor considera informação como aquela que diz respeito a uma produção de significados socialmente aceitos, destacando-a como fenômeno em que há, não só a produção de um bem simbólico, mas sua própria reprodução. (AZEVEDO NETTO, 2007).

Silva *et al* (2006) parecem corroborar com o pensamento de Azevedo Neto (2007), ao compreenderem a informação (humana e social) como conjunto estruturado de representações (símbolos, significantes) socialmente contextualizadas e possíveis de serem registradas em qualquer suporte material (papel, filme, disco magnético, óptico, entre outros) e/ou comunicados em tempos e espaços diferentes.

A informação considerada nesta pesquisa diz respeito a uma produção de significados socialmente construídos e ancorados nas informações registradas nos entornos das crônicas. A produção de significados será dada, à medida que formos relacionando as informações registradas com aspectos memoriais, neste caso, sobre a cidade de João Pessoa (PB), informação central imersa nas crônicas.

Na relação entre informação, documento e memória, percebemos que, embora existam imbricações anteriores em termos de temporalidade, é através desse contexto memorialístico que o documento se torna um fio condutor da informação. A memória, como evocadora do

passado traz, além das informações e das experiências de um fato vivido, os referentes do passado para a construção de uma memória no/do presente, configurando um cenário individual onde emerge o coletivo.

Silva e Oliveira (2014) relatam que a memória traz, em suas entrelinhas, “os traços informacionais” através da organização da matéria no processo de representação da informação, possibilitando a evocação de uma “informação revitalizada” na medida em que atende à sua principal função, que é a recuperação e consequente disseminação desta informação.

No decorrer deste trabalho, a informação não foi tomada apenas sob o ponto de vista do(s) sujeito(s); suas narrativas foram compreendidas como artefato de memória, e à medida que essas informações foram tratadas e disseminadas, transitamos sob os paradigmas cognitivos e sociais (CAPURRO, 2003), que perpassam a informação no cenário do sujeito, tanto no viés individual quanto no coletivo e, neste caso, alcançando o viés cultural.

A partir destes posicionamentos iniciais, evidenciamos ser a informação uma prática social que envolve ações de atribuição e de comunicação de sentido, provocando transformações nas estruturas, além de gerar novos estados de conhecimento (BROOKES, 1980). Para o autor, a profundidade do impacto da informação sobre os sujeitos sociais e suas respectivas práticas relacionam-se aos contextos sociais vivenciados por tais sujeitos e com a intencionalidade da informação disseminada. Assim, no caso da crônica, temos de reconhecer que ela terá de passar por uma porta estreita, como aponta Portella (1985), onde se encontrarão o ser e o fazer; a natureza e a função; a qualidade e a quantidade. Aí, então, a crônica terá contribuído para a literatura no Brasil, bem como poderá ser compreendida em seu aspecto infomemorial.

3.2 MEMÓRIAS: faces imateriais do vivido

Embora o processo da memória seja marcado pela dualidade entre a lembrança e o esquecimento (RICOEUR, 2007), tomaremos como elo maior o viés da lembrança, que faz “guardar” os acontecimentos capazes de remontar o cenário literário, político, cultural e social da cidade. Neste caso, a cidade João Pessoa, através das crônicas produzidas por Luiz Gonzaga Rodrigues.

Ricoeur (2007, p.67) destaca a influência do presente na memória, ao afirmar que “o passado, ao qual assim remontamos, é lábil, sempre a ponto de nos escapar, como se aquela memória regressiva fosse contrariada pela outra memória, mais natural, cujo movimento para

frente nos leva a agir e a viver”. O autor destaca a importância do testemunho do outro para alcançar seu próprio passado, permitindo uma visão mais ampla daquilo que se busca memorizar, ou até mesmo ressignificar.

Do papel do testemunho dos outros na recordação da lembrança passa-se assim gradativamente aos papéis das lembranças que temos enquanto membros de um grupo; elas exigem de nós um deslocamento de ponto de vista do qual somos eminentemente capazes. (RICOEUR, 2007, p.131)

Niethammer (1997, p.128) evidencia que “toda lembrança é um processo socialmente condicionado de reconstrução que se apóia na estrutura social de relíquias culturais e rituais de comunicação”, e essa comunicação pode ser compreendida em sua íntima relação com a própria informação imbricada, neste caso, nas entrelinhas dos escritos. Em consonância com o autor, Lahire (2004, p.10-11) aponta:

[...] de alguma maneira, cada indivíduo é o “depositário” de disposições de pensamento, sentimento e ação, que são produtos de suas experiências socializadoras múltiplas, mais ou menos duradouras e intensas, em diversos grupos (dos menores aos maiores) e em diferentes formas de relações sociais.

A memória, por sua vez, é um “[...] conjunto de eventos, fatos, personagens que, através da sua existência no passado, possuem experiências consistentes para o estabelecimento de uma relação da atualidade com seu passado, quer imediato, quer remoto” (AZEVEDO NETTO, 2008, p.12). E à medida que estas vão sendo (re)significadas fazem de sua existência no passado, uma nova experiência no presente.

Entender o conceito de memória nos permite analisar as representações produzidas como resultado de uma experiência concreta e vivenciada em determinado espaço. Assim, a memória é constituída através de um processo de luta em torno do que deve ou será guardado. (ARRUDA, 2000).

Assmann (2011) defende a existência de recipientes de memória na sua obra “Espaços de Recordações”. A autora traz, em um de seus exemplos, uma analogia da arca como um recipiente de memória. Isto é, um espaço onde se guardam as recordações, onde os registros possam ser novamente evocados, assim o papel da crônica pode ser entendido como um “recipiente” de memórias, à medida que vão sendo evocadas, assumem o posto de ativar essas recordações.

Quanto às recordações, Assmann (2011) relata que existem duas formas de recordação: a memória funcional e a memória cumulativa. A memória funcional garante a identidade do grupo, ela é seletiva e vincula o passado, o presente e o futuro, uma vez que está atrelada a um portador que pode ser um indivíduo, um grupo ou uma instituição. Já a memória cumulativa, separa passado, presente e futuro, pois não depende de um portador específico, ela não é seletiva. Assmann (2011) associa a memória funcional à coletiva denominando-a de memória habitada; já a memória cumulativa representa a memória histórica, chamada por ela de inabitada, ela é um reservatório para as memórias funcionais, necessitando de apoio de instituições para preservá-la, como é o caso dos arquivos, museus ou bibliotecas.

No que se refere à crônica, ela apresenta características que podem estar inseridas tanto na memória funcional quanto na cumulativa. A crônica, além de se tratar de uma abordagem que geralmente retrata temas contemporâneos, em seu eixo temático há um texto que retrata acontecimentos do cotidiano, sempre com um caráter crítico sobre comportamentos sociais, leis, instituições, entre outros. É, portanto, um gênero textual que passeia entre a memória funcional e a cumulativa.

Halbwachs (2006) explica que a memória individual existe, mas não se delimita fora da trama social que o homem vive e atua, tendo sempre uma conexão com a memória coletiva. Para o autor, a história vivida, narrada no fio da memória, constitui-se um espetáculo vivo e natural capaz de reencontrar a imagem de um passado. Halbwachs (2006) compreende que a memória é um fenômeno de natureza social, sendo a memória individual, formada e influenciada pelas suas relações, de onde ele esteve/está, com quem ele esteve/está, influenciando-se a partir da memória coletiva.

Bosi (1994) parece corroborar com o pensamento de Halbwachs, ao compreender que mesmo as lembranças pessoais, remetem a um grupo, pois vivemos em uma sociedade, sendo nela que construímos nossas lembranças. Todavia, Halbwachs (2006) pondera que a existência da memória coletiva não anula as memórias individuais. Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e esse ponto de vista pode se modificar de acordo com o lugar que o indivíduo ocupa, e de acordo com suas relações. Nesse contexto, o autor acrescenta que nos deparamos com uma combinação de influências de natureza social.

Candau (2012) revela a memória como um museu de acontecimentos, englobando o aspecto coletivo da memória, já que como emaranhado social não pode ser percebida de forma isolada, logo, a memória individual estará sempre vinculada à coletividade. Nesse sentido, a memória, quando evocada, apresenta-se como uma representação do que foi vivido; ela não conduz à reconstrução do passado. A evocação da memória possibilita uma

reconstrução dela própria, uma forma de representar o que foi feito, vivido, e essa representação traz consigo a perspectiva do presente (GONDAR, 2005).

Assmann (2011, p.21), referenciando Stevo (2006), destaca que o passado sempre é novo, ele se altera constantemente, assim como a vida segue em frente. Stevo (*apud* Assmann, 2011), relaciona o presente e o passado a uma orquestra, na qual o presente é o maestro que conduz a canção do passado, às vezes curto às vezes longo; por vezes canta, por vezes cala. Não voltamos no tempo para reviver, mas refletimos sobre o vivido, agregando a experiência do presente ao frescor dos acontecimentos passados. Assim, ao lembrarmos, estaremos representando “com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 55). Nesse sentido, o conceito de memória está interligado ao de sociedade, tanto na forma individual quanto na forma do coletivo, “[...] conjugando e nutrindo uma relação existencial sobre si, sobre outro e sobre nós, em uma realidade de alteridade e significado que se estrutura em nossos *habitus*, configurados no cotidiano” (SILVA; OLIVEIRA, 2014, p.136).

Essa concepção vincula-se diretamente a esta proposta de pesquisa, pois, ao tomarmos as crônicas, como documentos, teremos acesso às memórias narradas em suas entrelinhas, o que nos possibilita trazer à tona a representação da cidade João Pessoa, viabilizando assim, a recuperação e disseminação das informações incutidas nesta produção. Observemos as crônicas como “espaço de recordação” (ASSMANN, 2011). Esses espaços estão representados desde os objetos materiais e concretos, aos mais abstratos, simbólicos, funcionais, ativos, dinâmicos e vivos, como é o caso das crônicas.

Assmann (2011) destaca o caráter volátil e incerto da recordação, e esse caráter leva as pessoas a buscarem os “estabilizadores da recordação” que variam desde mnemotécnicas objetais e visuais até a escrita. No escopo da escrita, poderíamos até compreender que as crônicas materializadas em livros ou nas páginas dos jornais podem exercer o papel de manter as recordações da cidade João Pessoa, manifestadas, fazendo com que essas informações possibilitem alcançar a recordação.

A memória já não pode mais, nos dias de hoje, ser associada metaforicamente a um “espaço inerte”, no qual se depositam lembranças. Deve ser antes compreendida como “território”, como espaço vivo, político e simbólico no qual se lida de maneira dinâmica e criativa com as lembranças e com os esquecimentos que reinstituem o Ser Social a cada instante. (BARROS, 2009, p.37).

Diante desse contexto, sendo ele individual ou coletivo, podemos perceber uma íntima ligação entre memória e identidade, elencada por Santos (1998), como uma relação indissolúvel, o que se resume em uma relação dialética da memória e da identidade, e que se

conjugam e se nutrem mutuamente; apóiam uma na outra para produzir uma narrativa, uma história, uma trama social. Desse modo,

A noção de identidade, que rompe com as dicotomias entre indivíduos e sociedade, passado e presente, bem como entre ciência e prática social, está tão associada à ideia de memória como esta última à primeira. O sentido de continuidade e permanência presente em um indivíduo ou grupo social ao longo do tempo depende tanto do que é lembrado, quanto o que é lembrado depende da identidade de quem lembra. Da mesma forma que a identidade, a memória também deixou de ser pensada como um atributo estritamente individual, passando a ser considerada como parte de um processo social. (SANTOS, 1998, p.2).

Diante dessa afirmativa, destacamos que a memória em seu contexto coletivo pode ser considerada como elemento constitutivo do processo de construção de identidades coletivas, envolvendo o cenário social. Segundo Candau (2012, p.77), um “tecido memorial coletivo vai alimentar o sentido de identidade”. Para o autor, a memória fortalece a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo. Ele afirma que há uma dialética entre a memória e a identidade, marcada por uma nutrição mútua, onde uma se apoia na outra para produzir narrativas, histórias, trajetórias, ao longo da vida, ao longo do tempo. Sendo o tempo, um tecido invisível, que possibilita a interação e a própria ação dual entre a memória e a identidade.

Nesse sentido, o interesse maior da investigação não recai necessariamente sobre o passado recordado, mas sobre esse presente que escolhe, seleciona e reagrupa as recordações. Assmann (2011, p.172) destaca que “a memória é o armazenador de onde a recordação se serve, seleciona, atualiza”. Sobre a relação entre a memória e a recordação, Erll (2012, p.198) acrescenta:

El recuerdo se comporta de maneras electiva: de la multiplicidad de acontecimientos, procesos, personas y médios del pasado e lige algunos elementos. Estos procesos de elaboración se evidencianen muchos medios y prácticas de la cultura del recuerdo y, sobre todo, también se los encuentran en la literatura.⁵

Reiteramos o destaque que Assmann (2011) dá à escrita, compreendendo-a como um dos meios mais produtivos de se evitar o esquecimento; ela permanece para a posteridade, mesmo após a morte de seu autor. Nesse caso, a autora destaca a importância da escrita como

⁵ A lembrança se comporta de maneira seletiva: a partir da multiplicidade de eventos, processos, pessoas e meios do processo, alguns elementos são selecionados. Esses processos de elaboração são evidenciados de várias maneiras e práticas da cultura da lembrança e, acima de tudo, também são encontrados na literatura.

suporte de memória. Os locais, os espaços, e os lugares de memória são dispositivos que podem auxiliar na fixação da memória; e a recordação serve-se de estabilizadores para preservação da memória, sendo eles, externos, como a escrita, ou internos, como mecanismos da própria memória que não nos deixam esquecer. Nessa direção Guedes Junior (2011, p.8) explica que “[...] essa apropriação do espaço acontece quando os pensamentos e as ações dos indivíduos se vinculam às imagens exteriores, ou seja, quando há a sedimentação dos hábitos dos indivíduos à materialidade que os cerca”.

Compreendendo as crônicas em seu viés documental, destacamos que os documentos “fundamentam e flanqueiam a memória cultural como suportes materiais dela, e que interagem com a memória individual de cada um” (ASSMANN, 2011, p. 24), conseqüentemente sendo influenciado pela coletividade.

Na atual sociedade compreendida como sociedade pós-moderna, Bauman (2003) relata que os indivíduos pós-modernos fixam as suas expectativas no presente, no instante e no próprio indivíduo. Uma era que se vive o “aqui e agora”, as pessoas voltam o pensamento para elas próprias, sem muitas vezes preocupar-se com o coletivo. Na pós-modernidade, os indivíduos substituem os projetos para o futuro pelo prazer momentâneo, o conteúdo pelo desempenho e o sonho pela ambição. Mas qual a relação dessa sociedade com a memória? Se ela é tão imediatista, para que serve aos seus olhos o passado? (BAUMAN, 2003).

Bauman (2003) alega que vivemos numa sociedade “líquida”, e como esta é desapegada aos seus antecedentes, assim nos deparamos com uma realidade de ruptura dos laços que unem os indivíduos ao seu passado, tendendo eles a buscarem uma vida no presente eterno. O autor alerta para a relação que vem sendo criada entre o tempo e o espaço, esta vem sendo comprimida, fazendo-se do fenômeno maior o imediatismo, o efêmero.

Diante desse panorama, Huyssen (2000) relata que atualmente observamos uma emergência da memória, estando em um patamar de preocupações culturais e políticas da sociedade, a qual o autor denomina cultura da memória.

Importante frisar que:

[...] a memória, mesmo estando atrelada ao sujeito, sempre estará conectada a um contexto social no tempo e espaço. Por isso, não estamos preocupados em percebê-la como função mnemônica isolada do meio, mas sim e, sobretudo, associando-se constantemente os meios e modos criados coletivamente. Ela é um processo dinâmico, pois se apresenta em permanente mudança, atuando como uma “ponte” entre o sujeito histórico e um grupo social. Nessa perspectiva, podemos compreendê-la enquanto fenômeno simultaneamente individual e coletivo. (CORDULA, 2015, p.54).

Como reflete Bosi (2013, p.53), “A memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo. É esta memória individual e coletiva que vai orientar toda a nossa relação com o espaço.” Nesse contexto, devemos considerar que se nós agirmos sobre o lugar, ele também age sobre nós. Assim, “A construção da memória é, portanto, algo que resulta desta ação recíproca.” (GUEDES JUNIOR, 2011, p.8).

Bosi (2013, p.15) corrobora Guedes Junior (2011), ao afirmar que a memória pode ser trabalhada como mediadora entre gerações, testemunhando o passado. “Ela é o intermediário informal da cultura, visto que [...] existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura”. Para a autora, a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto. Logo, entendemos as crônicas como um espaço de memória.

Sob a perspectiva da memória, Bosi (2013, p.71) revela que “A vida de uma rua densamente povoada; é inesgotavelmente rica, se registrarmos os seus sons e movimentos”. A cidade, por sua vez, tem sua infância, juventude, velhice.

Na história da vida podemos acompanhar as transformações do espaço urbano; a relva que cresce livre, a ponte lançada sobre o córrego, [...], o primeiro bazar. As casas crescem do chão e vão mudando: canteiros, cercas, muros, escadas, cores novas, a terra vermelha e depois o verde umbroso. Arbustos e depois árvores, calçadas, esquinas... [...] A fisionomia amadurece [...] Suas histórias se misturam e nós começamos a enxergar nas ruas o que nunca víamos, mas nos contaram. (BOSI, 2013, p. 73-74).

Ao tomarmos as memórias da cidade de João Pessoa (PB), materializadas nas crônicas de Gonzaga Rodrigues, buscamos tecer as relações entre as pessoas, os espaços e as recordações, evidenciando questões identitárias a partir da materialidade das informações registradas nas crônicas. Logo, as crônicas são tomadas como fontes privilegiadas de informação e memória, substrato do imaginário e dos espaços de recordação (ASSMANN, 2011) capazes de revelar aspectos do ambiente urbano, desnudando o tempo, o espaço, os rastros que nos fazem perceber as marcas deixadas nos/pelos lugares, pessoas e momentos. As crônicas são tomadas como espaço de produção e fixação de memória, e a cidade, assim como a história de vida remonta a possibilidade de passagens que são percursos, trajetórias de vida, trajetórias de alma.

Nesse contexto “[...] a memória, seguindo as novas contribuições teóricas na área das ciências sociais, passou a ser compreendida tanto como a ação de re-escrever o passado, quanto como a re-presentação formal deste por determinados atores ou grupos sociais.”

(SANTOS, 2003, p.91). Logo, as crônicas podem ser uma possibilidade tanto de ressignificar o passado, as coisas, os lugares, como de ser capaz de representar nas suas entrelinhas a sociedade que transitou e transita nas ruas da cidade.

3.3 CRÔNICA: uma memória a ser decifrada

Neste tópico, a proposta de reflexão é apresentar e discutir indícios para um maior conhecimento da crônica como artefato cultural, mais especificamente, as crônicas produzidas por Gonzaga Rodrigues, ao longo de seus 85 anos de vida, dos quais 66 foram dedicados a escrever sobre a cidade de João Pessoa. Nesses escritos o autor engloba conhecimentos sobre artes, costumes, hábitos, edificações arquitetônicas, enfim qualquer manifestação que expresse a vida de um povo, capaz de revelar a identidade de uma sociedade a partir de sentimentos comuns e manifestações singulares.

Jeudy (1990) pondera que a cultura não se encontra mais na “cabeça das” pessoas, ela está diante delas, composta por signos a serem descobertos e interpretados, ou revividos como a expressão de uma tradição incontestável. O autor entende que as reconstituições de modos de vida de uma época anterior, através dos espaços, dos objetos, transformam o campo da memória em um teatro de conhecimento.

Os objetos, as imagens e os relatos aparecem como signos da cultura, e podem ser vistos como representantes preservados dessa cultura. Ao transitar sobre a cultura, rememoremos o cenário patrimonial do Brasil, entendendo que a partir do século XX, “as noções sobre o espaço urbano, a cultura e o passado foram ganhando outras feições que interferiram diretamente na visão sobre aquilo que pode ser considerado patrimônio”. (RESENDE; FRAZÃO, 2017, p.198).

Sobre este aspecto, Resende e Frazão (2017) compreendem que a preservação da identidade popular é uma das funções do Estado e um dever de toda sociedade. As autoras refletem sobre a origem da palavra patrimônio, nascida do termo grego *pater* (“pai” ou “paterno”), e reflete sobre o patrimônio como o que veio a se relacionar com tudo aquilo que é deixado pela figura do pai e transmitido para seus filhos. Assim, “[...] essa noção de repasse acabou sendo estendida a um conjunto de bens materiais que estão intimamente relacionados com a identidade, a cultura ou o passado de uma coletividade.” (RESENDE; FRAZÃO, 2017, p.198).

Nos últimos anos, percebemos que houve um alargamento da noção de patrimônio histórico, alcançando novas categorias de edifícios, mas também conjuntos urbanos e o

chamado patrimônio imaterial. Dessa forma, o conceito atual de patrimônio histórico está subdividido em duas categorias distintas: o patrimônio material que é voltado para os testemunhos físicos do passado englobando construções, obeliscos, esculturas, acervos documentais e museológicos; e o patrimônio imaterial que é voltado para os testemunhos do passado e abrangem regiões, paisagens, comidas e bebidas típicas, danças, manifestações religiosas e festividades tradicionais. Para a sua proteção, o bem material pode ser tombado; já o patrimônio imaterial pode ser registrado e inventariado.

O patrimônio cultural abarca “manifestações ou testemunho significativo da cultura humana” (GONZALES-VARAS, 2003, p.44), podendo se apresentar como bens materiais e imateriais, sejam eles tangíveis ou intangíveis; indispensáveis para a formação da identidade cultural de um povo. Apesar de não ter ocorrido uma mudança na forma de preservação (que continua a ser o tombamento), a definição de 1988 amplia a concepção de patrimônio, incluindo nessa categoria bens imateriais (ou intangíveis). Ou seja, todo tipo de expressão, criação, saberes e fazeres que denotem referência à identidade, à ação e à memória dos grupos sociais. Neste ambiente de transformação, em 4 de agosto de 2000, foi aprovado o Decreto nº 3.551 que estabeleceu o programa nacional do patrimônio imaterial e instituiu o registro dos bens culturais de natureza imaterial. (BRASIL, 2000).

De um discurso patrimonial referido aos grandes monumentos artísticos do passado, interpretados como fatos destacados de uma civilização, se avançou para uma concepção do patrimônio entendido como o conjunto dos bens culturais, referente às identidades coletivas. Desta maneira, múltiplas paisagens, arquiteturas, tradições, gastronomias, expressões de arte, documentos e sítios arqueológicos passaram a ser reconhecidos e valorizados pelas comunidades e organismos governamentais na esfera local, estadual, nacional ou internacional. (ZANIRATO; RIBEIRO, 2006, p.251).

No contexto da literatura brasileira, recentemente no dia 19 de setembro do corrente ano, a literatura de cordel foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. Esse reconhecimento se deu a partir de um colegiado, contando com a presença do Ministro da Cultura, Sérgio Sá Leitão, da presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Kátia Bogéa e do presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, Gonçalo Ferreira. O cordel é uma expressão cultural, que revela o imaginário coletivo, a memória social e olhar dos poetas acerca dos acontecimentos vividos ou imaginados. (LITERATURA DE CORDEL GANHA TÍTULO DE PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO, 2018).

Diante desse panorama, entendendo o potencial informacional e especialmente memorialístico da crônica como reveladora de uma memória social, capaz de ressignificar espaços, pessoas, lugares, e de trazer à tona a história vivida no passado e no presente nas ruas da cidade, compreendemo-la como um abrigo da identidade cultural de uma sociedade e sua(s) memória(s).

Para continuarmos nessa discussão, antes se torna necessário conhecer o que são as crônicas e como elas se configuram. Maroneze (2014) considera que a crônica pode ser entendida como uma forma privilegiada de narrar o vivido, transitando entre o real e o ficcional. Nesse trajeto, ela desnuda a sociedade contemporânea, assumindo um espaço privilegiado na reflexão histórica. A crônica é um dado remissor da informação, na medida em que extrai desta, a sua força popular. É através da palavra elaborada dos cronistas que a informação se vê redimida esteticamente, uma vez que, a sua receptividade popular indica que a sociedade não é insensível a esse discurso, a essa “faculdade de dar um sentido solene e alto às palavras de todo dia” (BRAGA, 1967, p.8).

O termo, crônica, tem sua etimologia ancorada na Mitologia Grega Clássica, vinda do *Cronos* (deus do tempo, filho de Urano [Céu] e de Gaia (Terra), que destronou o pai e casou-se com a irmã, Reia. Sobre este aspecto, Moisés (2004) relata que o termo latino *chronica* significa o relato dos fatos e em grego, *khronikós*, de *khronos*, está conexo também no contexto temporal. Originalmente, o termo significa a narração dos acontecimentos em ordem cronológica. (MARONEZE, 2007).

No dicionário de termos literários, Moisés (2004) afirma que o termo foi empregado inicialmente na era cristã e se relacionava à designação de uma lista de acontecimentos, organizados de maneira cronológica “[...] a crônica limitava-se a registrar os eventos, sem aprofundar-lhes as causas ou dar-lhes qualquer interpretação”. (MOISÉS, 2004, p. 110). Já é percebido nesse contexto, o caráter informacional que a crônica assume, mas foi na Idade Média que esse gênero passou a agregar um forte potencial histórico e memorialístico.

Arend (2000) afirma que a crônica inicialmente tinha um caráter de mera relação de acontecimentos ordenados, limitando-se a registrar os eventos sem qualquer tipo de interpretação. Sendo a partir de meados da Baixa Idade Média que ocorreu a fusão entre historicidade e literatura, quando a consulta às fontes e a preocupação com a forma narrativa fizeram dos autores, os precursores da historiografia moderna. A partir do Renascimento, a crônica, desvincula-se parcialmente de seu caráter historicista e adere ao jornal, principal fonte cultural e social da classe média no século XIX.

Ao longo de seu surgimento e existência, a crônica assume “[...] características mistas: ora relato histórico, ora ficção literária, mas com o único objetivo, o de representar as relações dos homens com o tempo em que vivem” (PEREIRA, 2004, p. 17-18). Ancorada nas transformações sociais da época, os relatos se centram nas narrativas das relações do mundo moderno (PEREIRA, 2004), logo, a crônica se reveste de uma composição literária.

Uma questão relevante que influenciou o cenário da crônica no Brasil foi o desenvolvimento da imprensa e, conseqüentemente, o surgimento do jornal, o qual vai abrigar esse gênero de texto, mesmo sem um espaço próprio. No contexto histórico da crônica no Brasil, Sá (2002) considera que a crônica surge paralelamente ao descobrimento do Brasil. Para o autor, a história e a literatura se misturam no documento produzido por Pero Vaz de Caminha.

Para Canani (2014, p.46), ao recorrermos ao termo crônica nos deparamos com “[...] diversas traduções, mas todas apontam para esse significado ligado à cronologia, pela vinculação de fatos narrados a uma relação tempo/espaço”. Destacamos que diante dos conceitos formulados, implica-se a eles a noção de tempo presente na própria relação da origem da palavra.

Assim, entrelaçados ao conteúdo narrado, estão os componentes do tempo e da memória, o que Canani (2014) refere-se a um meio de representação temporal dos eventos passados. São registros da vida; são relatos em permanente relação com o tempo; registrados e narrados com objetivo de prevenir o esquecimento, além de tornar-se uma forma de fazer saber sobre o passado, às gerações futuras. Embora a crônica possa apresentar um viés ficcional, em meio a sua narrativa, como está vinculada a narrativa de fatos cotidianos, ela exige fidelidade textual e até cronológica dos fatos abordados. Sobre isso, Canani (2014, p.47) expressa:

Portanto, o foco de interesse da crônica são os pequenos momentos vividos pelo homem, a brevidade do instante em que eles ocorreram, pois faz parte da natureza humana lembrar e contar fatos, bem como resgatar sua história. Até mesmo os primeiros cronistas portugueses se preocupavam com a observação e o registro dos fatos, vinculando o tempo à memória por meio de uma narração histórica objetiva.

Maroneze (2014) relata que a especificidade da crônica abre possibilidades diferenciadas para o “fazer histórico” no contexto atual. O autor alerta para a “crise da modernidade” enfatizando que essa crise altera os regimes de temporalidade do vivido e as lógicas acadêmicas que os pensam. E, neste caso, “a antiga cidade moderna aparece agora

como um mosaico de sentidos”. (MARONEZE, 2014, p.2). Nessa perspectiva, Guedes Júnior (2011, p.3-4) afirma que:

As cidades, aglomerações humanas por excelência, mais do que o conjunto de ruas, prédios, praças e monumentos, se definem como espaços de relações sociais e pessoais, e são estas que constroem sua imagem, sua identidade, seu valor afetivo e efetivo. Há quem diga que a cidade, para além de sua materialidade física, são seus habitantes, seus comportamentos, suas culturas, suas hospitalidades, seus hábitos.

Depreendemos daí que o autor evidencia o potencial informacional, mas, sobretudo, memorialístico imerso no contexto das cidades explanado na elaboração das crônicas, a sua produção ancorada na memória, existia antes de nós, existirá depois de nós e participaremos dela enquanto estivermos vivos.

Candido et al (1992) pondera que a crônica consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo ao passar do jornal para o livro, leva a enfraquecer o seu caráter inicialmente efêmero, assumindo uma durabilidade maior do que ela própria pensava. Nesse contexto, ela se eterniza a partir da materialidade nos livros. Em geral, os autores de crônicas selecionam seus melhores textos, a partir de uma perspectiva temporal e temática e os publicam em livros.

Quando a crônica é publicada nas páginas do livro, a atitude diante do texto muda, pois o público leitor será mais seletivo e não mais tão apressado quanto é o dos jornais. Isso faz com que “os leitores saboreiem as crônicas num tom mais reflexivo e intenso, permitindo novas possibilidades interpretativas a partir de cada releitura”. (SÁ, 2002, p. 86).

O fazer literário é dinâmico e a sua realização é rigorosamente histórica, considerando que esse fazer, ou seja, essa força literária evidentemente altera-se de acordo com o compasso da história. Na Paraíba, não é raro encontrar crônicas em cadernos de cultura, de política e de opiniões em periódicos (LOPES, 2014), sendo importante destacarmos que, além das páginas dos jornais, as crônicas invadem as prateleiras em formato de livro. Conforme evidencia Lajolo (2008, p. 6-7),

O sucesso da crônica como espaço de encontro entre o anonimato dos leitores e a individualidade do cronista está consagrado pela passagem da crônica das páginas do jornal para as do livro. O livro é menos efêmero do que as publicações periódicas e, em nossa cultura, ainda é símbolo maior de sabedoria e veículo de literatura.

Lajolo (2008) destaca ainda que o livro quando acolhe a crônica, proporciona-lhe o mesmo *status* literário do romance e do conto, tidos como gêneros maiores. “Foi assim, na

carona do livro que a crônica chegou à escola, abrindo espaços para leituras prazerosas [...]” (LAJOLO, 2008, p.7). E nesse percurso, nas páginas impressas ou digitais, nos jornais ou nos livros, as crônicas ganham os olhares atentos dos leitores proporcionando-lhes uma reflexão de seu cotidiano, com base nos entalhes dos carpinteiros das palavras, os cronistas.

Portella (1985) alega que ainda não foi suficientemente enfatizada a importância da crônica na moderna literatura brasileira, e argumenta que “isto é tanto mais grave porque significa minimizar ou ignorar um esforço ponderável de configuração de um discurso poético qualificado” (PORTELLA, 1985, p.154). Para o autor, a crônica brasileira

Desde que Machado de Assis habita as colunas de nossos jornais, vem fazendo um percurso sinuoso. De um instrumento de comunicação amorfo e incolor converteu-se num gênero literário extremamente matizado. A ponto de se ter ajustado à trama existencial complexa da sociedade de massa. (PORTELLA, 1985, p.154).

Portella (1985) esclarece que a crônica hoje se enriqueceu desta nova função porque é elemento de contato entre o desejo quantitativo da massa e a necessidade de evitar-se o desnível qualitativo da informação. Nesse sentido, a capacidade criadora individual se vê submetida a forças externas, que a entorpecem e anulam. Resta então, a apreensão emocional de caráter revolucionário, mas nunca uma nivelção do desnível, em que o homem se visse cada vez mais convertido em objeto. A crônica, portanto, imunizou-se contra esse perigo, realça Portella (1985). Para que se possa adiantar a caracterização do sentido e alcance da crônica em nossa moderna literatura, o autor alega que é preciso penetrar na organização estrutural da crônica e isto normalmente se processa através de uma localização teórica no quadro geral dos gêneros literários.

Assim, não podemos indagar sobre como considerar a crônica um gênero literário autônomo, sem antes perguntarmos se ela é realmente literatura. A esse respeito, Portella (1985) argumenta que a crônica é literatura, e isto vale para qualquer gênero literário, toda vez que o cronista se resolve ao nível da linguagem, como já aventamos anteriormente neste capítulo. No entanto, devemos atentar para o fato de que não se dá sentido quando quebramos a estrutura da linguagem e a reduzimos a um simples significado ou a um mero grafema, ou seja, a unidade formal mínima da escrita. O que se deve levar em conta é a presença atuante do empenho significador, assim teríamos de reconhecer os significados em harmoniosa convivência com os dados significantes, pois

Toda vez que esse equilíbrio se parte nós desintegramos a estrutura da linguagem e somos irremediavelmente confinados no território da não literatura, da desliteratura ou da antiliteratura. É o que ocorre frequentemente com os cronistas moralizantes, com esses barnabés da ética individual, agentes fiéis da ditadura do significado. (PORTELLA, 1985, p.155).

Importante frisar que gênero, no contexto da linguística, remete à característica do texto, que está inserido nas práticas sociais e, portanto, está vinculado ao conceito de competência discursiva, conseqüentemente, aos conceitos de língua, linguagem e sociedade. O conceito de competência engloba o conjunto de conhecimentos linguísticos, psicolinguístico, sociolinguísticos e pragmáticos, além das habilidades que os falantes devem desenvolver a fim de comunicar-se através da língua.

Ainda em se tratando de gêneros literários, Bakhtin os entende a partir do enfoque discursivo, apontando neles o conteúdo temático, estilo e construção composicional. No discurso, segundo Bakhtin (2002, p.144), há a enunciação, que “é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação”. O autor ainda orienta o modo como isto deve ocorrer: salientando “a interação dinâmica dessas duas dimensões, o discurso a transmitir e aquele que serve para transmiti-lo” (BAKHTIN, 2002, p. 148).

Ressaltamos que um dos mais antigos textos sobre o conceito de literatura é a Poética, de Aristóteles. Conta com 26 capítulos e é composto por uma introdução geral sobre a arte poética, seguida de uma excursão sobre a poesia trágica e a épica, concluindo com uma comparação entre ambas. Nesse texto, o filósofo grego aponta que arte é imitação (mímesis), e justifica dizendo que o imitar é inerente ao homem, e nisso difere dos outros viventes, pois de todos, é ele o mais imitador e, por imitação, apreende as primeiras lições, e os homens se realizam no imitado. (ARISTÓTELES, 1998).

O imitar faz parte da natureza humana e a literatura nos permite viver num mundo onde nos libertamos da prisão do tempo e do espaço. A distinção entre literatura e as demais artes vai agir nos seus elementos intrínsecos: a matéria e a forma do verbo. A palavra é o elemento material essencial do homem para realizar sua natureza e alcançar sua vontade artística. A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real; é a realidade recriada, através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. (COUTINHO, 1976).

Assim, o artista passa a viver outra vida, independente dele e da experiência de realidade de onde proveio. Para Coutinho (1976), os fatos que lhe deram origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do escritor. São agora fatos de outra natureza, diferente dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo

social. O artista literário cria ou recria um mundo de verdades que não são mais medidas pelos mesmos padrões das verdades ocorridas. Portanto, a literatura é parte da vida. Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana. (COUTINHO, 1976).

Importante esclarecer que toda compreensão de um texto, falado ou escrito, implica uma responsividade e, conseqüentemente, em um juízo de valor, pois ao se apropriar de um determinado texto, de determinado gêneros do discurso, o leitor se posiciona em relação a ele. Os gêneros do discurso são um elemento fundamental no processo de produção de textos, porque são os responsáveis pelas formas que estes assumem. Qualquer manifestação verbal organiza-se em algum gênero do discurso, seja uma linguagem oral ou escrita.

Quanto aos gêneros do discurso, Bakhtin (1997) parece não se interessar pelas propriedades de caráter normativo que os classifica. Para ele, o que importa é como estes se constituem, sua conexão e interação com seu processo de produção, como os gêneros estabelecem uma interconexão da linguagem com a vida social. Entendemos que essa base linguística nos dá a possibilidade, a partir da experiência do autor no tempo, registrada nas crônicas, de perceber a instauração da cidade João Pessoa. As cidades, por sua vez, são feitas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado. (CALVINO, 1990).

A partir dos estudos de Bakhtin, podemos perceber que eles são centrais para compreensão dos conceitos de: gênero discursivo, enunciado, texto, comunicação discursiva, comunicação histórica da cultura, os quais se podem entrelaçar aos estudos de crônica, realçando sua importância para compreensão da língua, flagrada no burburinho da vida e da cultura.

Na elaboração da crônica, o cronista é um arquiteto do imaginário urbano compreendido muitas vezes como um narrador do urbano trazendo à tona fatos, lendas e tradições, reproduzidas e reatualizadas a partir do contato com os personagens e com a cidade, como espaço, como lugar de onde se narra. Tanto que:

Por um lado, ele [o cronista] enfatiza a cotidianidade, que é a dimensão primeira do indivíduo na cidade e da qual ninguém consegue desligar-se; por outro, registra e reflete ideias perenes imprescindíveis na organização do presente. (MARONEZE, 2014, p.11).

A noção de tempo linguístico desenvolvida por Benveniste (1989) aponta para o estabelecimento do tempo do presente, referindo-se ao tempo verbal, do presente do

indicativo, inserindo-o como um tempo que se posiciona como ponto central. No entender do autor, o estabelecimento deste eixo temporal na língua termina por nortear a experiência de vida dos que a falam.

De acordo com Benveniste (1989), o presente linguístico é o fundamento das oposições temporais da língua, uma vez que o presente constitui a linha de separação entre dois outros momentos engendrados por ele e que são igualmente inerentes ao exercício da fala. No momento em que o acontecimento não é mais contemporâneo do discurso, ele deixa de ser presente e deve ser evocado pela memória, e o momento em que o acontecimento ainda não é presente, virá a sê-lo, e se manifesta em prospecção. Segundo o autor, há uma diferença de natureza entre a temporalidade retrospectiva, que pode assumir várias distâncias no passado de nossa vivência, e a temporalidade prospectiva, que não entra no campo de nossa experiência e não se temporaliza senão como previsão dela. Ele aponta ainda que a língua coloca em relevo uma dissimetria que está na natureza desigual da experiência.

Nesta estratégia discursiva, estruturada como eixo temporal a ordenar socialmente a vida humana (BENVENISTE, 1989), inserimos as crônicas de Gonzaga Rodrigues, posto que, elas dão particular ênfase à temporalidade do passado, marcada pelo instante em que se realizou o ato da escrita, mas podendo representar, também, o momento presente.

Ancorada na temporalidade do presente esta estratégia discursiva não evoca literalmente o passado com a orientação de que deve ser revivido; mas o recupera como lembrança simbólica da cidade. Entendemos que o verdadeiro escritor é aquele que condensa em seus escritos a força de expressividade de uma época, assim como o fez (e faz) Gonzaga Rodrigues. Essa expressividade, observada nos escritos de nosso protagonista, também pode estar inscrita na crônica, como gênero literário. Gênero este que habita as colunas dos jornais dentro de um percurso sinuoso, porém matizado, ajustando-se à trama existencial da sociedade.

Nas crônicas de Gonzaga Rodrigues são reveladas nuances sociais, históricas, culturais e políticas da cidade João Pessoa. A sua produção escrita pode ser compreendida como um “médium de eternização e suporte de memória” (ASSMANN, 2011, p.195), em um projeto, quer consciente quer inconsciente por parte do autor, é um projeto de eternização. Ao escrever sobre a cidade, suas ruas, seu povo, acontecimentos políticos e sociais, o cronista está utilizando a escrita como um meio de lembrar, preservar e possibilitar a evocação das lembranças desses espaços e das ações.

Nas entrelinhas das crônicas, há que considerar certa fidedignidade aos aspectos, temporal e social, revelados através da menção a várias épocas permeadas no seu *corpus*. A

relação espaço-temporal marca a concepção de cidade, conforme preconiza Pesavento (2005). Neste caso, transitamos sobre a representação do passado na tentativa de relacionar os fatos narrados à memória e às questões identitárias, considerando, evidentemente, a estrutura narrativa do texto.

O cronista não se limita em descrever o objeto diante dele, mas agrega-o uma nova criação a partir de sua análise, colocando nele um pouco de si, um pouco de sua essência. Na sua constituição sinuosa, a crônica passa a ser vista por alguns críticos como um gênero menor. E sobre essa colocação, Candido *et al* (1992, p.13) assim se expressa:

Parece mesmo que a crônica é um gênero menor. — Graças a Deus — seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para vida, que ela serve de perto, mas para a literatura [...] Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque ela elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição.

Possivelmente, essa realidade dicotômica entre ser menor ou maior esteja relacionada ao fato de que, primeiramente, em sua gênese a crônica nasce e transita livremente nas páginas dos jornais. Veículo efêmero à medida que no cotidiano, dia após dia, novas notícias vão surgindo, deixando uma sensação de obsoleto, para o que fora publicado no dia anterior. Essa conotação se enfraquece na medida em que a crônica passa a materializar-se nas páginas dos livros. “A escrita como metáfora da memória é tão indispensável e sugestiva quanto extraviadora e imperfeita” (ASSMANN, 2011, p.167). Além do uso da escrita como meio de tornar a narração mais real, o ato de escrever também aponta a busca pela recordação inscrita no íntimo daquele que faz o exercício. Desse modo, podemos inferir que o escritor escreve não somente para imprimir uma informação, nem para contar uma história, mas, essencialmente, tornar sua memória ainda mais acessível, tanto aos leitores como a ele mesmo.

O melhor caminho para compreender a informação, conforme recomendam Hjørland e Albrechtsen (1995, p.408), é estudar os domínios de conhecimento como conjuntos de pensamento ou de discurso. Para os autores, a organização do conhecimento, sua estrutura, suas formas de comunicação e linguagem, seus sistemas de informação e seus critérios de relevância são reflexos dos objetos de trabalho dos sujeitos e de seu papel na sociedade.

Assim, os autores consideram que o sujeito do conhecimento é cognitivo, pois produz conhecimento; é também social, pois participa de uma comunidade de discurso, que se estrutura a partir da sua visão de mundo, onde o sujeito partilha seu conhecimento.

Neste contexto, informação é também de partilhamento de ideias, e aqui inserimos a crônica como elemento que possui uma relação estreita com a informação. Ela está inserida na cultura em relação à qual se manifesta como memória criativa, isto é, memórias significativas sobre os homens e suas ações no tempo e no espaço. Nesse sentido, acreditamos ser a crônica um gênero privilegiado, pois nos permite compreender a relação entre a história da cidade e a história da linguagem. Nela permanece a ideia de se registrar o ocorrido em um intervalo de tempo e de servir de memória.

3.4 TEMPO, COTIDIANO E A MEMÓRIA DAS CIDADES

Quando relacionamos o tempo com a vida cotidiana, inevitavelmente a associamos a dois objetos indispensáveis nessa passagem da vida e na vivência do dia a dia: o relógio e o calendário. Logo pensamos no tempo e sua relação com o espaço. Esses objetos podem ser avaliados como auxiliares na relação prática do tempo com a memória. Embora a forma, assim como o tempo cronológico, seja vivida e experienciada na sua velocidade, não interfere no tempo marcado pelo relógio.

A memória é intrínseca ao homem e não apresenta um tempo fixo, ela apenas está presente, independentemente do tempo em que o fato possa ocorrer, ou ser vivenciado. Nesse sentido,

[...] no seu esforço memorial cotidiano, o indivíduo recebe o apoio permanente da sociedade que lhe fornece certo número de utensílios visando facilitar-lhe a tarefa. Existe primeiro o calendário [...] ele não é apenas a memória dos dias comuns (passado ou futuro) para cada indivíduo, mas é também o depositário de uma memória partilhada [...]. Contrariamente ao relógio que valoriza o tempo presente (a experiência cotidiana), o calendário valoriza o tempo passado e o tempo que há de vir. (CANDAUI, 2013, p.64).

Nascimento (2005), referenciando Berger e Luckmann (1985), destaca que a realidade da vida cotidiana, em sua forte relação com o tempo, é carregada de uma estrutura temporal que fornece historicidade. Dessa relação do tempo com o cotidiano, pode-se evocar a crônica, que mesmo fadada ao esquecimento, nos faz pensar, refletir, discutir, dialogar com o nosso tempo. (GOMES, 2010, p.101).

Por certo, o cronista se alimenta dos acontecimentos diários, sendo estes a base de uma crônica (GOMES, 2010). A crônica tem uma relação intrínseca com a memória, com a história e com o tempo, considerando o tempo uma vivência concreta, que se reflete em movimentos de múltiplas faces, e que no contexto do cotidiano pondera suas representações. Este tempo que parece transitório orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e nas projeções sobre o futuro. Nesse sentido, entendemos que o tempo, a memória, os espaços e a história caminham juntos (DELGADO, 2003), dando sustentação à crônica e ao cronista.

O cronista é aquele que condensa em seus escritos a força de expressividade de uma época. Essa expressividade pode estar inscrita na crônica, um gênero literário que habita as colunas das páginas impressas dos jornais. É através da palavra elaborada dos escritores que a informação se vê redimida esteticamente, uma vez que a sua receptividade popular indica que a sociedade não é insensível a esse discurso.

Em estudos sobre a crônica, Bosi (1994) destaca o seu vínculo com o tempo social e relaciona os primeiros relatos do Brasil à pura crônica histórica. Alertando sua importância para a cultura brasileira, a autora assim discorre:

A pré-história das nossas letras interessa como reflexo da visão do mundo e da linguagem que nos legaram aos primeiros observadores do país. É graças a essas tomadas diretas da paisagem, do índio, dos grupos sociais nascentes, que captamos as condições primitivas de uma cultura que só mais tarde poderia contar com o fenômeno da palavra-arte. (BOSI, 1994, p. 13).

No espaço dedicado à crônica, novos escritores expressaram suas opiniões. Como realça Coutinho (2003), o primeiro cronista foi Francisco Otaviano de Almeida Rosa, no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, em 2 de dezembro de 1852. Mas “Foi José de Alencar que imprimiu à crônica, a mais alta categoria intelectual” (COUTINHO, 2003, p.124). Mesmo sendo escrita por grandes cronistas da literatura brasileira, não foi garantida à crônica posição de grande gênero literário entre os escritores. Conforme descreve Candido *et al* (1992, p.13), “não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse”.

Com a mudança no tempo, a escrita da história aspira uma durabilidade, um reconhecimento e uma estabilidade discursiva sobre o acontecido, não só para o presente no qual se inscreve, mas sobre um futuro que ainda não se realizou. A história implica ter em conta um horizonte de expectativa, onde situa um público, para quem a narrativa

historiográfica não apenas se apresentará como versão verossímil do passado, como mesmo se substituirá a este no imaginário dos leitores. (PESAVENTO, 2005, p.10).

Por um lado, o cronista trabalha com o tempo, com o cotidiano, que são marcas próprias dos discursos jornalístico e histórico; por outro lado, mobiliza a criação ficcional e poética do discurso da literatura. As coisas do cotidiano e a possibilidade de outros sentidos são deslocadas às crônicas, que penetram décadas, sendo lidas por gerações, publicadas em jornais, em revistas, em livros, mas que vivem sob o movimento da linguagem e do discurso.

Nesse entendimento, destacamos a produção de Gonzaga Rodrigues, que se reveste de fatos vividos e narrados, tendo como cenário a cidade de João Pessoa. Sua ressignificação trará à tona informações vividas e experienciadas no cotidiano da sociedade pessoense. É nessa medida que uma cidade reflete seu passado:

Construindo um mito das origens, recolhendo as lendas, descobrindo seus pais ancestrais, elegendo seus heróis fundadores, identificando um patrimônio, catalogando monumentos, atribuindo significados aos lugares e aos personagens, definindo tradições, impondo ritos. Mais do que isso, tal processo imaginário de invenção da cidade e de escrita de sua história é capaz de construir utopias, regressivas ou progressivas, através das quais a urbe sonha a si mesma. (PESAVENTO, 2007, p.16)

As cidades vêm hoje se engajando num movimento de preservação do que sobrou do passado e indica que muita coisa tenha mudado na forma como a sociedade se relaciona com suas memórias; um passado que sempre fez parte do presente e da ideia de futuro (PORTELLA, 1985). Uma coisa parece essencial para compreendermos a memória das cidades: ela foi e sempre será um elemento fundamental da constituição de identidade de um lugar. Convivem numa cidade, em qualquer tempo, inúmeras memórias coletivas, e ao eternizarem-se em crônicas, essas memórias não perdem seu caráter específico, sua vinculação ao grupo que as produziu. Como salienta Poulet (1992, p. 54-55), “graças à memória, o tempo não está perdido, e, se não está perdido, também o espaço não está. Ao lado do tempo reencontrado, está o espaço reencontrado”. Nesse sentido, podemos dizer que é possível recuperar a memória de uma cidade por meio das crônicas.

Através da recuperação das memórias coletivas que sobraram do passado, materializadas em crônicas, poderemos recuperar o passado, eternizar o presente e garantir às gerações futuras uma base de memória para a sua identidade. Não conseguiremos recuperar aquilo que é fundamental na constituição de qualquer memória de cidade, se não

considerarmos a sua individualidade, que é dada não pela singularidade dos lugares, mas pela forma como cada um deles sintetiza a relação entre o geral e o particular. (SÁ, 2002).

A memória do passado das cidades é uma característica comum encontrada nas crônicas de Gonzaga Rodrigues, e a justificativa estaria invariavelmente na necessidade de preservar essa memória. Importante salientar que o passado é uma das dimensões mais relevantes da singularidade. A singularidade é uma das características nas crônicas de Gonzaga Rodrigues, onde o autor busca registrar a cultura e o cotidiano da cidade, eternizados no tempo.

Para Benveniste (1989), a temporalidade é uma visão inata do pensamento. E uma língua distingue sempre tempos, como um passado e um futuro, separados por um agora, o tempo em que se fala; tempo este eternamente presente, essencial, uma vez que “é fácil ver que o domínio da subjetividade aumenta ainda ao anexar-se-lhe a expressão da temporalidade” (BENVENISTE, 1989, p.53). O autor chama atenção para o fato de que

O presente inerente à enunciação [...] imprime na consciência o sentimento de uma continuidade que denominamos ‘tempo’; continuidade e temporalidade que se engendram no presente incessante da enunciação, que é o presente do próprio ser e que delimita, por referência interna, entre o que vai se tornar presente e o que já não o é mais. (BENVENISTE, 1989, p.86).

Neste trabalho, essa subjetividade reveste-se de estratégias literárias que se mostram de diferentes formas. Na relação entre o real e a dimensão literária, encontra-se o caráter híbrido da crônica, voltada às temáticas que se podem apoiar em fatos acontecidos, transformando pela força da imaginação a realidade cotidiana.

A par dessas considerações, passaremos ao capítulo seguinte, enfocando a produção de Gonzaga Rodrigues, ou seja, o olhar de escritor que dá forma à cidade de João Pessoa. Parafraseando Calvino (1990), esse é o olhar de quem conhece a cidade de baixo para cima, percorrendo as mesmas ruas, as mesmas calçadas, as mesmas praças, igrejas, coretos, com os olhos que escavam até os alicerces.



LUIZ GONZAGA RODRIGUES: notas de um escritor



4 LUIZ GONZAGA RODRIGUES: notas de um escritor

Para escrever, não basta saber, conhecer, dominar, é preciso viver, sentir na alma e na carne as emoções daquilo que se escreve. É assim que o jornalista Gonzaga Rodrigues descreve a fórmula que usa para mover a engrenagem da escrita. (NUNES, 2013, p 9).

O jornalista e escritor paraibano Luiz Gonzaga Rodrigues sempre sonhou em ser poeta e escrever romances, mas emprestou o seu olhar atento e a sua sensibilidade de analisar o cotidiano enriquecendo à crônica. E compreendido como patrimônio da imprensa e da literatura paraibanas, descrito por Costa (2013, p.3) como “[...] uma instituição viva, na qual estão preservados mandamentos não escritos da ética profissional, e testemunho singular do mundo”.

Gonzaga Rodrigues, como é conhecido no âmbito profissional, é alagoa-novense nascido no dia 21 de junho de 1933, no Engenho Vitória, no brejo paraibano, região metropolitana da cidade de Esperança (PB), mais precisamente em Alagoa Nova (PB). Em entrevista concedida ao jornalista Ulisses Barbosa, que compõe as páginas do primeiro livro da coletânea *A Memória da Cidade* (2008), Gonzaga Rodrigues revela a sua história familiar. O escritor relata que certa vez fora com sua mãe à casa principal de um engenho, quando houve um incidente e um ferro de engomar caiu por cima dele, à época com apenas um ano e meio de vida. Na ocasião, a senhora dona do engenho pediu à sua mãe biológica que deixasse a criança para ela cuidar. Foi dessa forma que Gonzaga Rodrigues foi adotado, tornando-se filho único de Manuel Avelino Rodrigues e Dona Antonina Freire Rodrigues. Isso fez com que a vida do menino tomasse rumos diferentes, como relatou o cronista paraibano: “[...] E é em função disso que estou aqui conversando com você. Você me chamando de escritor, de jornalista, dessas coisas todas”.

Desde cedo ele se interessou pela literatura, sendo os cordéis trazidos da feira pelo seu pai um fio condutor para iniciar seus gostos pela cultura e seus hábitos de leitura. Ao revelar ao pai que sabia ler a partir da leitura de um cordel, Gonzaga Rodrigues afirma que o conquistou, ele era analfabeto e passou a ter orgulho do filho.



Em entrevista ao jornalista Nunes, em 2013, Gonzaga Rodrigues descreve que cresceu sentindo cheiro de cana e do melaço (seus pais vendiam rapadura), pois isso fazia parte de seu cotidiano. Ele banhou-se nos riachos, comeu beiju cozido na farinhada, viveu aquele lugar, o seu lugar, o cenário do brejo paraibano. Foi um menino tímido e criado sozinho; criado para ser padre. Desde cedo mostrou gosto pela leitura e senso de observação. O ano de 1943 foi o início da libertação de uma vida de menino solitário. Ele foi estudar no Grupo Escolar Professor Cardoso, no centro de Alagoa Nova, mas logo, entendeu que talvez essa prisão da infância, com essa liberdade súbita, o tenha deixado preparado para novos horizontes.

Em 1945, como relata Moura (2008), já com 12 anos Gonzaga Rodrigues passa a estudar no Colégio Diocesano Pio XI, em Campina Grande. Como fora criado para ser padre, o prepararam para isso, mas, no percurso de sua admissão no seminário, confecção de batina em andamento, descobre que sua mãe não era casada legalmente, e a igreja não admitia essa condição, o que ele achou ótimo, pois não tinha certeza se queria ser padre.

Nunes (2013) relata que, durante as férias, Gonzaga Rodrigues sempre retornava a Alagoa Nova, onde convivia com os colegas Alcir Araújo Costa e José de Alquino Mendonça, (o Banjão). Eles exerceram uma influência nas inclinações literárias do futuro jornalista, por tratar-se de jovens que gostavam de ler e de debater informação política. Na ocasião, Gonzaga afirmou que não “*Existia uma, digamos assim, cultura, de certa informação, no lugarzinho que eu nasci, e essa turma me desarnou*”.

Ainda relatado por Moura (2008), no Colégio Diocesano Pio XI, Gonzaga Rodrigues conhece Monsenhor Odilon Pedrosa, que o influenciou ainda mais para a inclinação nas veredas das leituras. Estudando nesse colégio até 1948, data em que o pai faleceu, e que marca também, o abandono aos estudos. Nesse contexto, Gonzaga Rodrigues afirma em entrevista a Ulisses Barbosa citado por Moura (2008), que: “[...] *depois que meu pai morreu. Morreu em quarenta e oito. Eu vivia muito sufocado, muito preso. Então me libertei e nessa libertação, nessa liberdade eu extrapolei, né? Abandonei os estudos*”.

Gonzaga Rodrigues viveu em Campina Grande até o início da década de 1950, no ano de 1951 veio morar em João Pessoa, na casa do estudante, para estudar no Liceu Paraibano. Neste mesmo ano, o jornalista José Leal, que se tornou amigo da família, o levou para ser revisor do jornal *O Norte*, onde Gonzaga Rodrigues publicou a sua primeira crônica, no mês de maio de 1954. Daí em diante, escrever crônica foi uma constante quase que diária na vida desse jornalista.



Imagem 4: Gonzaga Rodrigues, esposa e filhos.



Fonte: MOURA (2008).

Embora não tenha formação superior, os longos anos de experiência jornalística proporcionaram-lhe a oportunidade de ajudar a fundar o curso de Comunicação Social e a habilitação acadêmica, na UFPB, no final dos anos 1970. É reconhecido no meio jornalístico e literário como um dos maiores cronistas paraibanos, graças também à sua aguçada sensibilidade em observar o cotidiano.

A despeito de sequer concluir o antigo ginásio, dispôs o formidável talento de Luís Gonzaga Rodrigues, vaidosos títulos de graduação, consagrando-o notadamente, no campo do jornalismo e do ensaio literário, admirável autodidata, a lapidar, na crônica coloquial [...] a esplêndida arte de bem escrever [...]. (PEREIRA, 2016, p.6).

No ano de 1979, retornou para o jornal *A União*, como Diretor Técnico, nomeado pelo Governador Tarcísio de Miranda Burity (1979 a 1982). Dois anos depois, assumiu o cargo de secretário de comunicação, ainda no Governo Burity (**Imagem 5**), continuando no mesmo cargo no governo posterior, ou seja, no governo de Clóvis Bezerra Cavalcanti (1982-1983).



Imagem 5: Gonzaga Rodrigues e o governador da Paraíba Tarcísio de Miranda Burity⁶ (16/05/1982)



Fonte: Acervo do Jornal União

Com o jornalista Natanael Alves e Carlos Roberto de Oliveira, Gonzaga Rodrigues incursionou na atividade empresarial criando a editora Acauã que, mesmo com vida curta publicou grandes obras literárias, a exemplo do livro de sua autoria *Notas do meu Lugar*, publicado no ano de 1978, no qual reúne um conjunto de crônicas publicadas nas páginas dos diversos jornais em João Pessoa.

O amor à literatura, o cultivo às letras o fez imortal com entrada na Academia Paraibana de Letras (APL) no ano de 1993, depois de recusar por duas vezes, pois se considerava menor, para assumir uma cadeira na mais alta Casa do Saber paraibano. Como membro da Academia, assumiu sua presidência e reativou o memorial Augusto dos Anjos, ali existente. Na APL ocupa a cadeira 37 que teve como patrono Allyrio Meira Wanderley⁷ e como fundador Eduardo Martins da Silva⁸, sendo Gonzaga Rodrigues, o primeiro sucessor.

⁶ O secretário de comunicação social Gonzaga Rodrigues no momento em que era abraçado pelo governador. (16/05/1982).

⁷ Nasceu em 22 de outubro de 1906, no município de Patos, Estado da Paraíba; filho de Francisco Olido Monteiro Wanderley e D. Ignácia Maria Meira Wanderley. Faleceu em 15 de janeiro de 1955, nesta capital. Allyrio Meira Wanderley foi um autodidata, homem muito inteligente e criativo, era jornalista, romancista, poeta, teatrólogo e deixou uma vasta e importante bibliografia. (ARQUIVO DA ACADEMIA PARAIBANA DE LETRAS, 2018)

⁸ Eduardo Martins da Silva nasceu no dia 13 de outubro de 1918, na cidade de Goiana, Estado de Pernambuco; filho de Francisco Martins da Silva e D. Jovita Monteiro Martins. Faleceu em João Pessoa, em 16 de janeiro de 1991. Iniciou a vida profissional como comerciante, dedicando-se por vários anos à venda de livros, ingressando, depois, no Serviço Público, através do jornalismo. Foi redator de A União; diretor do Correio das Artes, suplemento literário do Jornal A União, no Governo do Dr. Oswaldo Trigueiro; a seguir, entra no Serviço Público Federal como funcionário da Caixa Econômica, ocupando, sempre, cargos de alta



Já se sabe que Gonzaga Rodrigues é um proeminente jornalista de todos os tempos na Paraíba, mas, assumiu também alguns cargos importantes frente ao cenário jornalístico e literário. Com Biu Ramos, Paulo Montes, Adalberto Barreto, e outros, criou a Associação Paraibana de Imprensa (API) fazendo-a ganhar prestígio e respeito, instituição que presidiu por mais de uma oportunidade.

No dia 21 de junho ano de 1983, ele foi homenageado pela passagem de seus 50 anos de idade e 30 anos de atividades jornalísticas e literárias. Na ocasião recebeu do amigo e jornalista Severino Ramos, mais conhecido como Biu Ramos, uma condecoração. Familiares e amigos marcaram presenças, entre os quais destacamos o grande educador paraibano Afonso Pereira (**Imagem 6**) sentado ao lado direito de Gonzaga Rodrigues. Nesta comemoração realizada na sede da Associação Paraibana de Imprensa, esteve presente também o então governador da Paraíba Wilson Braga (**Imagem 7**).

Imagem 6: Homenagem ao jornalista Gonzaga Rodrigues⁹



Fonte: Arquivo do Jornal União.

responsabilidade, mesmo assim, nunca deixou as atividades literárias, o jornalismo e a pesquisa em que era exímio. (ARQUIVO DA ACADEMIA PARAIBANA DE LETRAS, 2018).

⁹ Sede da Associação Paraibana de Imprensa (API), homenagem concedida ao jornalista Gonzaga Rodrigues, pelos seus 50 anos de idade e 30 anos de atividades, no dia 21/06/1983. Na ocasião recebido pelas mãos do colega e também jornalista paraibano, Biu Ramos.



Imagem 7: Homenagem ao jornalista Gonzaga Rodrigues¹⁰



FONTE: Arquivo do Jornal União.

Em seu labor jornalístico e um tanto literário, Gonzaga Rodrigues transitou pelo jornal A União (**Imagem 8**), jornal O Norte e Correio da Paraíba. No jornal A União ele chegou a ser Diretor Técnico.

Imagem 8: Gonzaga Rodrigues na redação do jornal A União.



Fonte: Arquivo do Jornal União.

¹⁰ Sede da API, homenagem ao jornalista Gonzaga Rodrigues, com presença do governador à época Wilson Braga.



Gonzaga Rodrigues começou a penetrar no mundo das letras com muito entusiasmo. “Sempre um assunto diferente para dissecar”, Nunes (2006, p.38-9) registra, e traz ainda as palavras de Gonzaga Rodrigues ao se expressar: “*embora a gente nunca escreve exatamente aquilo que quer*”. [...]. *Escrever romance é uma maneira de justificar e superar a morte.*”

Reforçando o que disse Portella (1985), ao analisar o caminho percorrido pela crônica, no Brasil, como gênero literário, basta a imensidão de sua produção para assumir posição de destaque nesse cenário. Nesse sentido, como aponta Castro (2008), não se pode negar a identidade literária da crônica, nem refutar a produção de Gonzaga Rodrigues, tanto que faz parte deste universo de escritores cujo diferencial se restringe às circunstâncias da produção.

Considerando que Gonzaga Rodrigues não tem diploma universitário, os livros sempre assumiram, para ele, esse papel. O seu desempenho profissional teve sempre reconhecimento, principalmente por seus pares. O título de Doutor Honoris Causa (**Imagens 9 e 10**) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), ofertado a ele, foi um reconhecimento do seu valor como escritor e como jornalista. Nas palavras de Pereira (2016, p.6):

Talvez seja Gonzaga Rodrigues na atualidade o único imortal da Academia Paraibana de Letras [...] sem no currículo exibir um diploma universitário, senão simplesmente o de doutor honoris causa com que, pelos respeitados méritos, merecida e orgulhosamente homenageou em festa apoteótica, nossa principal instituição de ensino superior.

Como relata Carneiro (2009), a cerimônia de entrega do título, a que se refere Pereira, foi realizada na noite do dia 15 de junho de 2009, no auditório da Reitoria e foi presidida pelo reitor da Universidade Federal da Paraíba, na época, Rômulo Polari. Estiveram presentes na solenidade seus familiares, amigos e intelectuais, que prestigiaram essa honrosa homenagem, propositura de autoria do professor do Curso de Comunicação Social da UFPB, Josinaldo Malaquias. Na ocasião, o reitor da UFPB destacou que o Título de Doutor Honoris Causa é a maior honraria acadêmica que a universidade concede a determinadas pessoas, e Gonzaga Rodrigues teve seu mérito intelectual reconhecido pela comunidade acadêmica.

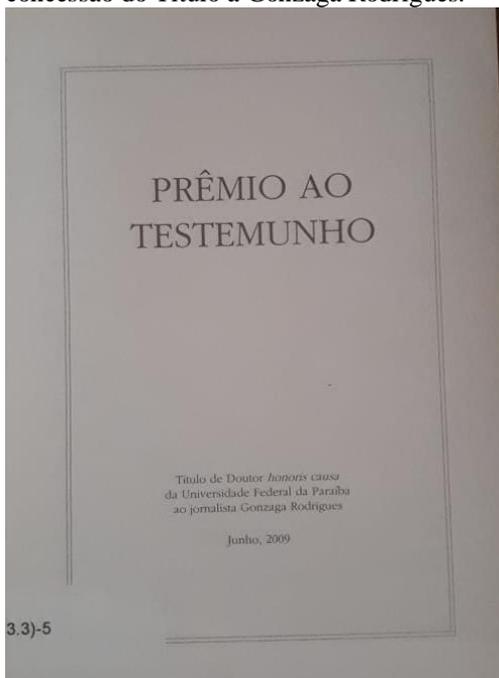
Wills Leal¹¹ destacou que “esse título simboliza uma forma profunda, elegante e adulta homenagem, e justa a uma pessoa que, além de um talento intelectual e uma postura ética incontestada, é uma alma que representa a própria expressão da paraibanidade”. As palavras proferidas por Leal revelam suas reminiscências, ou seja, a recuperação de um dado

¹¹ Amigo de infância de Gonzaga Rodrigues, também jornalista e filho de Alagoa Nova, companheiro de Gonzaga no jornalismo e na Academia Paraibana de Letras. (CARNEIRO, 2009).



da memória reavivando-a, apropriando-se de tudo que constitui o mais exaltante da ideia de um sistema de lugares, em que se guardam lembranças. E a Universidade Federal da Paraíba concede este título a Gonzaga Rodrigues prestando, indiretamente, uma homenagem à alma da coletividade paraibana.

Imagem 9: Livro da Solenidade de concessão do Título a Gonzaga Rodrigues.



Fonte: Arquivo da Academia Paraibana de Letras.

Imagem 10: Registro de Gonzaga Rodrigues na solenidade de recebimento do título de Doutor Honoris Causa.



Fonte: Arquivo da Academia Paraibana de Letras.
Fotografia: Wellington Farias (2009).

Sem dúvida, foi sua prática de leitor que apurou o seu aprendizado e lhe trouxe habilidade com as palavras, com a escrita. Conforme relata Gonzaga Rodrigues citado por Carneiro (2009, não paginado), *"Ler era o que eu gostava de fazer. Li muito a partir dos 15 anos: todos os principais clássicos brasileiros. Foi o que me deu toda essa visão que eu tenho. Os livros foram a minha universidade"*.

O jornalista e ex-secretário estadual da Educação e Cultura, Carlos Pereira reconheceu essa ação como uma das homenagens mais justas que a universidade poderia fazer a uma pessoa que tem todos os títulos para ser Doutor.

Na concepção de Carneiro (2009), Gonzaga Rodrigues é um dos maiores cronistas do país e, na Paraíba, só tinha igual, Luiz Augusto Crispim. Para Carneiro (2009, não paginado), "Gonzaga que já era um mestre de todos nós agora passa a ser um Doutor, com o absoluto respeito ao que ele significa para a Paraíba e para o povo paraibano".



Entendemos que ser escritor é utilizar palavras escritas, com várias técnicas, e uso de vários estilos, para comunicar ou passar ideias. Nessa concepção, consideramos Gonzaga Rodrigues um escritor nato, pois não precisou de diploma universitário para desenvolver sua arte, produzindo literatura, de modo a atrair o interesse de um determinado público e passar ideias ou informações. Ressaltamos que Gonzaga Rodrigues é considerado pela crítica literária um escritor hábil em usar a linguagem para expressar ideias, essas ideias normalmente contribuem para ampliar a cultura da sociedade pessoense.

Para o jornalista Nunes (2013), Gonzaga Rodrigues descreve a fórmula que usa para mover a engrenagem da escrita, pois não basta escrever, não basta saber, conhecer, dominar, é preciso viver, sentir na alma e na carne as emoções daquilo que se escreve. Segundo Nunes (2013), Gonzaga Rodrigues é assim, um escritor nato, e em sua carreira longa de escritor escreveu muito, produziu muito, e ainda produz.

Entendemos que o ato de escrever, que está na gênese da atividade literária, não começa de um ponto neutro de linguagem, ele começa geralmente por uma recusa das possibilidades contidas numa tela em branco, por exemplo, ou numa folha de papel. Assim, a escrita literária designa sua força no próprio escrever, e a tela em branco, ou a folha de papel aponta para uma inteireza de linguagem, pois, ao escrever, o escritor transgride o limite imposto por sua presença, e também pela própria linguagem, manifestando-se a ideia de que a literatura só se dá pelo ato transgressivo de ultrapassagem dos limites (FOUCAULT, 2000). A partir do pensamento de Foucault acerca da ontologia da literatura, percebemos que a escrita literária se encontra atrelada às experiências da vida moderna e suas relações com os limites da linguagem, e no caso de nosso protagonista não seria diferente.

O título de Gonzaga Rodrigues foi prestigiado por Luciano Cartaxo (atual prefeito de João Pessoa); o presidente da Academia Paraibana de Letras, Juarez Farias; o presidente da Academia Paraibana de Filosofia, José Jackson de Carvalho; Ricardo Coutinho, ex-governador da Paraíba; o ex-reitor do UNIPÊ, José Loureiro Lopes; o ex-governador Dorgival Terceiro Neto, além de professores da UFPB, conforme descreve Carneiro (2009).

A trajetória de Gonzaga Rodrigues é marcada por muitas homenagens, entre as quais destacamos, na década de 1980, a entrega do título de cidadão campinense ao ele, propositura do vereador Lindacy Medeiros (**Imagem 11**), concedido no dia doze de setembro de 1980. Recebeu também, homenagens da câmara dos vereadores das cidades João Pessoa e Alagoa Grande e, muito honrosamente, da sua cidade natal Alagoa Nova.



Imagem 11: Entrega do título de cidadão campinense¹² (12/09/1980)



Fonte: Arquivo do Jornal União.

Conforme expressa Almeida (2013), a homenagem prestada pela Câmara Municipal de João Pessoa (PB) no dia 06 de Novembro de 2013, marca o dia em que o jornalista Gonzaga Rodrigues recebeu o Título de Cidadão Pessoaense e a Medalha Cidade de João Pessoa. O propositor das homenagens foi o vereador Bruno Farias (**Imagem 12**), que destacou a justa condecoração a um dos mais festejados talentos da literatura na Paraíba. Bruno Faria reconheceu a cidadania pessoense por uma vida intensamente vivida na Capital paraibana e condecorando também com a Medalha da Cidade em virtude de ser o maior defensor do seu acervo histórico-cultural.

Imagem 12: Entrega do título de cidadão pessoense¹³ a Gonzaga Rodrigues



Fonte: ALMEIDA (2013)

¹² O Vereador Lindacy Medeiros entregando o título de cidadão campinense ao jornalista Gonzaga Rodrigues. (12/09/1980).

¹³ O vereador Bruno Farias como jornalista e cronista Gonzaga Rodrigues na entrega do título de cidadão pessoense. (06/11/2013).



No discurso de agradecimento, Gonzaga Rodrigues disse que já se sentia pessoense, e destaca: “*Esta é a cidade na qual me acomodei sem grandes choques. Foi esta a cidade que me encantou e com a qual me senti identificado, sem me abalar por nenhum outro lugar deste país*”. (ALMEIDA, 2013, não paginado). Por fim, Gonzaga Rodrigues acrescenta:

Esta Medalha chega em boa hora, fortalecendo-me a convicção de não existir outro lugar no mundo que me favorecesse com a mulher que tenho, com os nossos bons e belos filhos e com essa convivência fiel de amigos e de amigas. (ALMEIDA, 2013, não paginado).

No ano de 2001, Gonzaga Rodrigues foi agraciado pela TV Tambaú com o título: *Personalidade Vip do Ano*. Uma homenagem justa, pois, de acordo com o pesquisador Balduino Lelis, nunca a Paraíba foi tão verdadeira na sua ação, no seu reconhecimento como foi agora. Para ele, Gonzaga é exatamente a ressurreição do povo na Academia, ele é mais do que Doutor, ele é Douto. Quem detém a cultura do povo, tem tudo e ele escreve com a alma do povo. (ARQUIVO DA ACADEMIA PARAIBANA DE LETRAS).

Gonzaga Rodrigues em entrevista aponta que: “*Quando eu escrevo me sinto realizado, porque desvelo sentimentos e emoções. Terminar um texto é alcançar um estado de êxtase. Como disse um dia Graciliano Ramos, ninguém pode escrever sobre o que não sente*” (Entrevista cedida a Alexandre Nunes, 2013).

Nas palavras de Nunes (2013), Gonzaga Rodrigues confessa que sempre escreveu com dificuldade. No entanto, ele entende que essa dificuldade ajudou-o no sentido de enxugar o texto e não sobrar nada além do que realmente queria dizer, no conteúdo e na forma. Esse poder de síntese, segundo informa Nunes, foi resultado de sua labuta diária nas redações de jornais como *A União* e *O Norte*. Como expressa Gonzaga Rodrigues: “*Nunca fui de reportagem não, era um homem de redação. O repórter vinha, trazia o texto e eu dava uma arrumada. Antes de se falar em copidesque, eu já era o copidesque de A União*”. (Entrevista cedida ao jornalista Nunes, em 2013).

Conforme aponta Audaci Junior (2013), Gonzaga Rodrigues foi testemunha ocular de movimentos, como a formação das ligas camponesas, fazendo-se presente como o homem de pensamentos e ideologias políticas sem militâncias, que dividia ideias e reivindicações com governantes como José Américo de Almeida (1887-1980), José Agripino, Wilson Braga e Tarcísio Burity (1938-2003), entre outros.

Como destaca Nunes (2018), entre as homenagens mais recentes, Gonzaga Rodrigues foi condecorado em junho de 2018 na Academia Paraibana de Letras com uma homenagem



prestada pela Confraria Sol das Letras, no 52º Pôr do Sol Literário. Na ocasião, o escritor recebeu o *Sólito*, troféu criado pela confraria como reconhecimento e homenagem a quem se destaca na produção literária paraibana. Como elemento da homenagem, a amiga, professora, crítica literária e também acadêmica Ângela Bezerra de Castro proferiu uma palestra sobre a obra do homenageado. Recebe também a homenagem no dia 22 de setembro de 2018, na celebração e entrega do Troféu Heitor Falcão, prêmio dedicado a ele neste ano.

Para Jurema Filho (2018), Gonzaga Rodrigues é um ícone da imprensa paraibana, exemplo de fidelidade e amor à profissão. Um homem das letras, como acentua Osias (2018), que tem “[...] amor ao jornalismo. Amor pelas palavras muitíssimo bem escritas”. Já Barbosa Filho (2018, p.18) aponta que: “Em Gonzaga, o deus *Cronos* presidem com as espátulas do tempo, a alquimia de certas paisagens.” Gonzaga é o mestre da palavra transformada em texto escrito e concebeu a cidade de João Pessoa como um poema que guarda na memória.

A trajetória de Gonzaga Rodrigues nos faz crer que ele é realmente homem das letras. Um escritor que revela sensibilidade e inteligência ao escrever além de profunda relação que tem com a cidade, com a vida na cidade. Um homem, que ao escrever, se utiliza de elementos constitutivos e inerentes, quais sejam, a linguagem, a obra e a literatura. A linguagem é o sussurro das palavras pronunciadas; a obra, sua espacialização, principalmente no que toca à cidade João Pessoa; já a literatura é o elemento “por onde passa a relação da linguagem com a obra e da obra com a linguagem” (FOUCAULT, 2000, p. 140). A literatura é o elemento que permeia a relação entre a linguagem, a obra e a memória. Esta, sua vez, possibilita revisitar o passado, e permite relembrar e recriar acontecimentos com as percepções presentes. Desse modo, a literatura pode ser reconhecida como meio privilegiado para a apreensão de aspectos da constituição da memória coletiva.

4.1 UM LUGAR NAS LETRAS

A lógica da compreensão historiográfica da cultura assenta no princípio da interpretação. A capacidade interpretativa do texto é uma construção e descoberta de sentido que traduz o essencial da significação contida no campo documental.

O verdadeiro escritor é aquele que condensa em seus escritos a força de expressividade de uma época. Essa expressividade também pode estar inscrita no gênero literário, denominado crônica. Gênero este que habita as colunas dos nossos jornais dentro de



um percurso sinuoso, porém matizado, ajustando-se à trama existencial da sociedade e da cidade. Lajolo (2008, p.6) aponta que:

Esperto o cronista. Ele sabe das coisas. Sabe do pacto silencioso que faz com seus leitores e que está sempre renovando, dizendo nas entrelinhas [...]. Não nos conhecemos, mas bem podemos nos encontrar nesta efêmera folha de papel pela qual eu te espio e tu me espias enquanto espiamos ambos os mundos.

O papel do cronista é dar seu testemunho; é ser acessível sem ser condescendente, disse Luís Fernando Veríssimo em entrevista à revista *Época* publicada em 2013. O escritor gaúcho compara a diferença entre escrever textos curtos e escrever romances com a diferença entre um barco à vela e um transatlântico. Num barco à vela você pode ir sozinho para onde quiser, só cuidando da variação dos ventos; num transatlântico, precisa pensar nos passageiros, nas dificuldades em navegar e atracar um barco grande e saber aonde exatamente quer chegar.

Para Veríssimo:

Autores como Rubem Braga, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos consagraram a crônica como um gênero marcado pela leveza e pelo lirismo. Hoje proliferam na imprensa as crônicas políticas, que se prestam a fazer análises no calor do momento. Como o senhor vê esse movimento da crônica? É possível manter o lirismo quando se fala de política. (VERÍSSIMO, 2013).

Veríssimo questiona como estariam escrevendo hoje o Rubem Braga, o Paulo Mendes Campos, o Fernando Sabino, o Antonio Maria, o Sergio Porto, entre outros, e ele mesmo responde:

Certamente seriam crônicas diferentes das que eles escreviam então, mas grandes crônicas assim mesmo. O talento não envelhece. E é possível, sim, escrever sobre qualquer coisa, inclusive política, de uma maneira pessoal e atraente, e reforça o papel do cronista dizendo não é não pregar ou fazer proselitismo, mas dar seu testemunho (VERÍSSIMO, 2013).¹⁴

De todos os gêneros da literatura, a crônica é a mais versátil, pois, além de delimitar a alma do nosso povo, delimita também alguns dos nossos sonhos, espelha o trajeto de nossa sociedade, ao mesmo tempo que reflete a nossa própria existência. O prazer de ser cronista parte da gênese da crônica, a partir do próprio cronista, identificando-se cada vez mais com o

¹⁴ Entrevista publicada na revista *Época*, acessada em: <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/09/luis-fernando-verissimo-o-papel-do-cronista-e-dar-seu-testemunho.html>



universo das letras; é gostar de criar, inventar. Ser cronista é falar dos fatos do dia a dia, do que lhe acontece, ou que pode acontecer a outros. É buscar formar um retrato da sua época, dos hábitos e costumes. É não se prender a um estilo, mas tentar acompanhar o ritmo que a vida tem; é aproximar-se do conto, resvalando-se na poesia; “é mergulhar de cabeça” na prosa, encantando e enternecendo a todos os leitores.

A literatura de Gonzaga Rodrigues é assim, quase toda fornada por crônicas, sendo responsável por levá-lo à imortalidade na Academia Paraibana de Letras, em agosto de 1993. Em seus escritos, Gonzaga revela nuances sociais, históricas, culturais, políticas da cidade João Pessoa; logo compreendemos sua produção, como um “médium de eternização e suporte de memória” (ASSMANN; 2011, p.195). Assmann (2011) entende a escrita como um projeto de eternização, e Gonzaga Rodrigues, ao escrever sobre João Pessoa, suas ruas, seu povo, acontecimentos políticos e sociais, está utilizando a escrita como um meio de lembrar, preservar e possibilitar a evocação das lembranças desses espaços e das ações. Com base nessa perspectiva, o escritor interpreta as intenções complexas dos atores sociais da época, bem como das classes sociais.

Nas entrelinhas de suas crônicas, Gonzaga mostra as questões identitárias da cidade de João Pessoa (PB), cidade em que ele vive desde sua tenra adolescência, dissolvida em lugares e pessoas, e até mesmo pelo próprio autor, revelando o seu viés individual, seu relato pessoal, partindo de um aspecto confessional sobre o que viveu, como viveu, com quem viveu, entrando no cenário coletivo. E reforça sua pessoalidade, isto é, sua aceitação como pessoense: *“Esta é a cidade na qual me acomodei sem grandes choques. Foi esta a cidade que me encantou e com a qual me senti identificado, sem me abalar por nenhum outro lugar deste país”* (ALMEIDA, 2013).

A fidedignidade, inerente em seus escritos, está relacionada aos aspectos, temporal e social, revelados através da menção a várias épocas e permeados nas entrelinhas de suas crônicas. Como Pesavento (2005) reconhece, a relação espaço-temporal marca a concepção de cidade.

Parafraseando Lima Barreto, podemos dizer que Gonzaga Rodrigues deixa fluir os significados mais secretos dos seres que sua memória sensível recuperou. A sua figura nos permite entrever, através de seu movimento em meio a um mundo de letras, espaços e instituições, as transformações pelas quais passou e ainda passa o cotidiano paraibano. Como ressalta Nunes (2006, p.45), Gonzaga Rodrigues “está por inteiro, nas crônicas que escreve;



ele é a cara da cidade”. No entanto, “por mais que tente, não consegue se afastar do homem rural”.

Autodidata, numa militância desde 1951, Gonzaga Rodrigues exerce o ofício de cronista desde o ano de 1954. Como um dos caminhos no campo das letras, seguia as pegadas dos escritores Rubem Braga (1913-1990), considerado pelos críticos literários o maior cronista do Século XX, Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) e Humberto de Campos (1886-1934). Ao longo das mais de seis décadas atuando em jornais, Gonzaga tem procurado ser uma voz na tentativa de efetivar essa aproximação: jornal e livro; leitor de jornal com leitor de livros.

Mário Tourinho, consultor em Administração e presidente da Academia Paraibana de Ciência da Administração (APCA), escreveu um texto em homenagem a Gonzaga Rodrigues cujo título é: O Pessoísta Gonzaga Rodrigues. Sim, o título é este mesmo, e Tourinho (2016, sem página) o justifica assim:

Permitam-nos, porém, persistir nesse erro... se erro for, pois aprendemos e acolhemos essa palavra [pessoísta] desde fins dos anos 80 através de uma crônica exatamente do cronista-mor da Paraíba, Gonzaga Rodrigues, à qual ele dera o título “Pessoísmo”. E naqueles escritos o “Neguinho” Gonzaga Rodrigues enfatizava o que significa ser esse “pessoísta” que agora derivamos daquele termo “Pessoísmo”, título de sua crônica: “Gente que não bota banca nem se expõe em exposições. Nunca vi um pessoense bater no peito e dizer que é o melhor em qualquer coisa. Ele sabe fazer no conceito dos outros, nunca pelo seu próprio”. O “Neguinho” estava a esclarecer que o pessoense é gente para quem a familiaridade coletiva e o apego à terra não são tudo, porque para essa gente da capital paraibana “o bom mesmo é a faculdade que tem de não ultrapassar os seus limites, não romper a faixa de tolerância”. E assim é Gonzaga Rodrigues, com uma diferença, apenas: ele tem muito apego a esta terra!

Por suas posições ideológicas, Gonzaga Rodrigues passou a não ser bem visto pelos donos de jornal e começou a ser preterido por resistir ao ambiente de arbítrio e de força em que o país se vira envolvido. Também não se curva ao atual abandono do patrimônio histórico de João Pessoa, e se expressa para o PB em destaque (2013) dizendo: “a cidade histórica, detentora do título de terceira capital mais antiga do Brasil, não dispõe de um museu onde guardar a lição secular de seu passado, de seus homens e de sua cultura” (ALMEIDA, 2013).

O tempo passou, mas a literatura de Gonzaga Rodrigues continua viva, apesar das mudanças que vieram, inclusive no seu modo de pensar, mostrando-lhe muitos caminhos, como se fossem parte da sua natureza, pois a origem da crônica se dá a partir da observação



do mundo; do abrir-se e estar atento para o que rodeia o cronista. Suas crônicas foram escritas com a intenção de:

[...] fixar um momento, um gesto, aquele ato ou palavra que se encobriram na vida e que não tiveram relevo suficiente para construir a notícia. Muitas delas tentam refletir os reclamos da rua, os pleitos que prescindem até o teor para ser formalizados. [...] guardam, entretanto, o modo particular de ver e sentir do autor. Carregam um sentimento. (RODRIGUES, 1978).

As crônicas de Gonzaga Rodrigues são “resultados de um laborioso processo de burilamento estilístico, suas crônicas atingiram aquele grau de depuração [...] na medida exata entre o que é dito e a maneira de dizer.” As palavras de Antônio Barreto Neto escritas na orelha do livro *Notas do meu lugar*, no ano de 1978, traduzem bem o modo de ser de Gonzaga, percebendo nestas palavras o reflexo de sua dádiva, refletidas até os dias atuais.

Destacamos em nosso cronista a sua capacidade de observação e o seu sentido muito agudo de perceber as situações, além de transmitir uma prosa seca, em que os adjetivos são imolados à simplicidade e à concisão da escrita, não lhe faltando a concepção de vida e a concepção artística. Vida onde há tempo para tudo. Mesmo escasso como seja, o tempo, fala as suas verdades. E quem vive sua verdade terá tempo, não para fazer tudo, porque a vida sempre ficará incompleta, como bem disse, certa vez, Clarice Lispector.

Coutinho (1988) destaca que Gonzaga Rodrigues, nas entrelinhas, nos seus escritos, fala com ternura da cidade, das verdes ruas, da gente famosa ou anônima. Para Coutinho, o cronista paraibano discorre com sua alma a beleza da cidade.

4.2 A PRODUÇÃO DE GONZAGA RODRIGUES

Por mais de 60 anos, Gonzaga Rodrigues vem desenvolvendo um trabalho na apreensão dos acontecimentos no dia a dia. Sua trajetória marca a aproximação com a literatura, no caso, a crônica jornalística, que já começava a tomar formas mais concretas no estado da Paraíba. Assim, suas impressões são registradas nas páginas dos jornais, acompanhando de perto os acontecimentos que repercutiam principalmente na cidade de João Pessoa. Sua prosa ficou marcada em memórias que situam pontos na história de uma cidade, em que pessoas são utilizadas na transposição do tempo e passam da vida comum para a arte.

A produção de Gonzaga Rodrigues apresenta substancial prova de elementos que a escrita e o significado nela contidos discutem a importância do tempo e os atributos dos costumes, constituindo os mecanismos que se apresentam como jornalismo e como literatura.



Mas há, acima de tudo, um registro local das cidades. Seus escritos são manifestações de uma sociedade e a busca de sua afirmação no tempo-espaço, dialogando com a memória marcando o teor das identidades no contexto paraibano. O traçado da produção de Gonzaga Rodrigues é de uma sociedade nordestina, esboçando o apelo que engendra o homem em sua rotina. A escrita, na observância do cotidiano, é o teor essencial para a elaboração de seu conteúdo.

De acordo com Menezes (2002, p. 18), a crônica é um texto pessoal, que emana da subjetividade do autor, por isso, “o cronista trata de comentar a ocorrência de modo a sublinhar-lhe dimensões psicológicas, políticas, culturais, ideológicas ou outras, que escapam normalmente ao observador menos atento.” Os escritos de Gonzaga Rodrigues são assim, revelam seu amor pela terra e tudo que diz respeito ao seu lugar de origem, focando a sociedade pelo viés político, social, econômico, e psicológico.

Até a segunda metade do século XIX, a crônica se afastava da história com o avanço da imprensa e do jornal e tornou-se folhetim, e não tinha as características que tem hoje. Era um texto mais longo, publicado geralmente aos domingos no rodapé da primeira página do jornal, e seu primeiro objetivo era comentar e passar em revista fatos da semana. O folhetim fazia parte da estrutura dos jornais (notas de rodapé), era informativa e/ou de entretenimento. Aos poucos foi se afastando e se constituindo como gênero literário.

Gonzaga pensa claro nos seus *insights* filosóficos; sente justeza na sua percepção lírica e não raro, participante; escreve fácil, espontâneo, coloquial, sem nunca desservir, contudo, à figuração da linguagem, ao domínio da propriedade vocabular, ao impacto de um estilo que comove a sensibilidade crítica e estética do leitor. (BARBOSA FILHO, 1996).

O trabalho de Gonzaga Rodrigues é extenso, e se coloca em vários períodos do tempo. Transitando do campo à cidade; vai do interior mais distante, caracterizando as microrregiões do Estado, como explora esse mesmo interior arraigado no homem. (SILVA, 2008).

São mais de 60 anos de atuação na imprensa, escrevendo e documentando a vida da Paraíba por meio de suas crônicas e reportagens, levando-nos a inferir que ele é a Paraíba, ele é a João Pessoa, de ontem e de hoje. Pela sua experiência e conhecimento de causa, é inspiração para muitos; é considerado por muitos o pai no escopo profissional, um mestre, aquele que ensina de maneira prazerosa, a sua experiência profissional, a sua experiência de vida. Quando o assunto é literatura ou até mesmo fatos históricos, muitas vezes é procurado, especialmente quando se trata da vida da cidade.

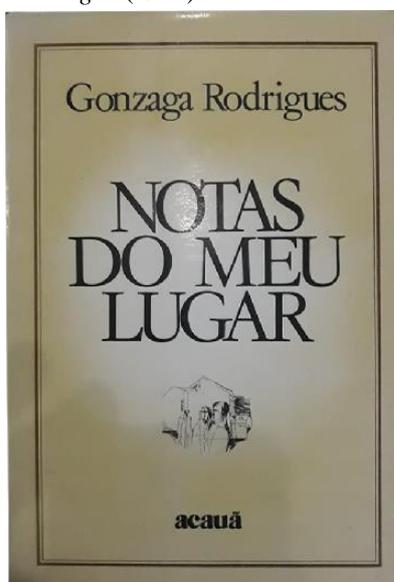


No contexto de sua produção, Gonzaga Rodrigues afirma a impossibilidade de precisar quantitativamente as crônicas escritas por ele publicadas em jornais. Apenas resolve selecionar algumas para eternizá-las em livros publicados desde o ano de 1978. No seu percurso literário, escreveu romance e debruçou-se em algumas biografias, entre elas destacam-se as de políticos paraibanos, a exemplo de José Targino Maranhão, Pedro Moreno Gondim e Ivan Bichara Sobreira, esta última foi lançada no início do ano de 2018.

A primeira obra lançada pelo escritor foi “*Notas do meu Lugar*” (**Imagem13**), publicada no ano de 1978 pela editora Acauã na cidade de João Pessoa (PB). Neste livro, o autor reúne algumas de suas crônicas publicadas em jornais. Na apresentação desse livro, Gonzaga relata que muitas crônicas publicadas nos jornais se perderam, mas estas que estão nesse livro mereciam ser publicadas, não pelo valor das crônicas, mas, segundo ele, “como gesto de amizade, já que tocadas por algum dito ou escrito, as pessoas guardaram-nas com o objetivo de lhes ser de alguma forma útil”.

Essa obra foi organizada em cinco partes, a primeira intitulada: **Jeito de Ser**, composta por vinte e sete crônicas; a segunda, **Cidade Pessoal**, composta por quinze crônicas; a terceira, intitulada **Gente** traz em sua composição um total de vinte e três crônicas; em seguida a **Memória Rural**, com vinte e seis crônicas e, a última parte intitulada **Matéria de Jornal**, contendo dezessete crônicas, totalizando oitenta e uma crônicas. Todas, com média de uma lauda e meia narram o cotidiano político, social e cultural vividos por Gonzaga Rodrigues na Paraíba.

Imagem 13: Capa do livro *Notas do Meu Lugar* (1978)

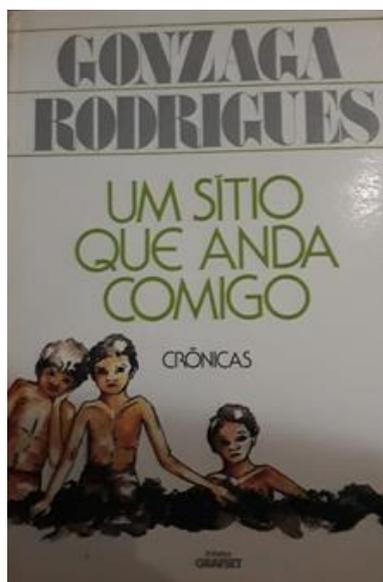


Fonte: Dados da Pesquisa (2019)



No ano de 1988, nove anos após sua primeira publicação em livros, Gonzaga Rodrigues publica a sua segunda obra intitulada “*Um sítio que anda comigo*” (**Imagem14**) lançada pela editora GRAFSET, em João Pessoa (PB). Esse livro recolhe instantes do que ficou marcado na vida de Gonzaga Rodrigues, bem como daquilo que ele levou no seu caminho inconcluso. As crônicas que compõem a obra transitam sobre a sua terra natal, Alagoa Nova (PB), o Engenho Vitória no brejo paraibano, a casa de seus pais, suas experiências, suas vivências, pessoas, lugares, paisagens, histórias que permeiam sua vida, sua mente. A obra está dividida em três partes, a primeira é a apresentação, realizada pelo próprio autor e por ele intitulada: **Do Sítio**. A segunda, denominada **Serramundo**, está composta por quatorze crônicas. A terceira parte, **Perdidos no Tempo**, compõe-se de dezoito crônicas, desvelando a sua experiência no brejo paraibano. **Lembrando meus mortos** é a quarta parte, esta por sua vez está composta por nove crônicas, escritas com um toque de saudade. E a quinta e última parte intitulada: **Algumas leituras** totalizam doze crônicas. Nesta obra está impressa a vida do menino Luiz Gonzaga, revelando, sobretudo, a sua memória rural.

Imagem 14: Capa do livro *Um Sítio que Anda Comigo* (1988)



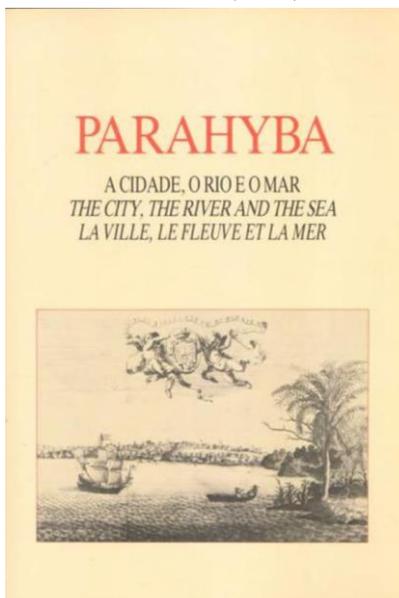
Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

Parahyba, a cidade, o rio e o mar (**Imagem 15**) é obra trilíngue, nas línguas: português, inglês e espanhol, foi lançada em 1991 pela editora: Block, Rio de Janeiro (RJ). Esta obra apresenta a capital paraibana como uma cidade privilegiada, nascida entre o rio e o mar. Ela traz o texto de Gonzaga Rodrigues e fotografia de Masaomi Mochizuki, e tem como



objetivo documentar a história da Capital da Paraíba, como contribuição da preservação de seu passado e incentivo a exaltação das belezas naturais.

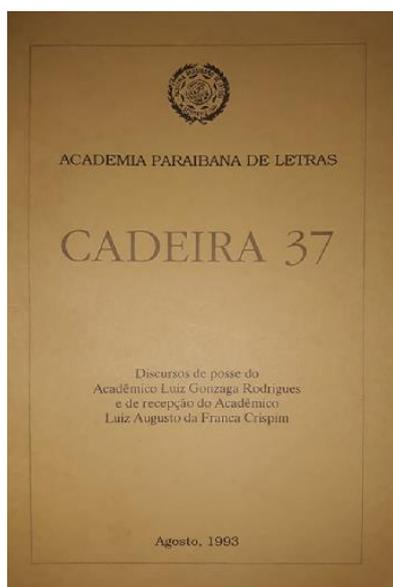
Imagem 15: Capa do livro *Parahyba, a cidade, o rio e o mar* (1991)



Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

Em 1993, foi publicado pela Academia Paraibana de Letras (APL) o discurso de posse do acadêmico Luiz Gonzaga Rodrigues (**Imagem 16**) recepcionado por Luiz Augusto Crispim, cujo discurso de recepção também foi publicado neste mesmo documento.

Imagem 16: Discurso de Posse na APL

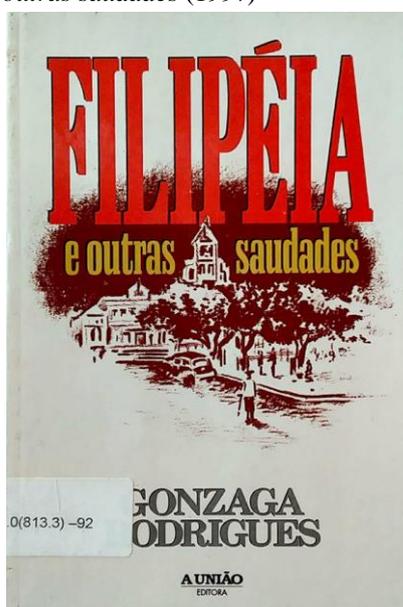


Fonte: Dados da Pesquisa (2019)



No ano de 1997, o cronista Gonzaga Rodrigues publica a sua quarta obra pela editora A União, intitulada “*Filipéia e outras saudades*” (**Imagem 17**). Nesta publicação ele revela uma memória mais urbana, desnudada em cinquenta crônicas, transitando entre as ruas da cidade de João Pessoa (PB), entre calçadas e praças. Trazendo à tona lembranças e sentimentos, o cronista fala com ternura da cidade provocando nos leitores saudades da João Pessoa de outrora. Nessa obra, especificamente, Gonzaga Rodrigues é evocado pelo prefaciador José Octávio de Arruda Mello, como um historiador social, papel que assumiu com propriedade nas narrativas de sua produção.

Imagem 17: Capa do livro *Filipéia e outras saudades* (1997)



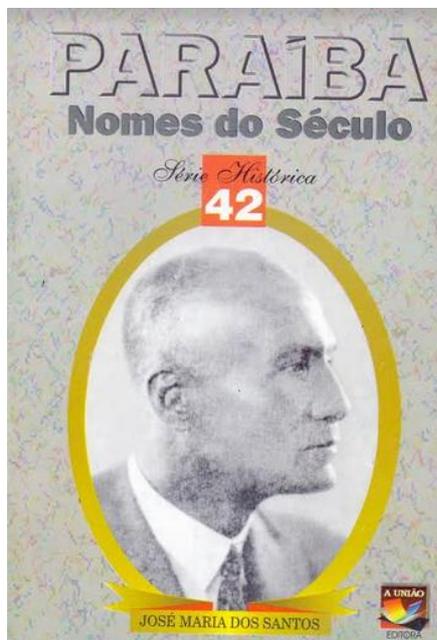
Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

No ano 2000, a editora A União publicou a série: Paraíba - Nomes do Século, revelando a Memória da Imprensa. Uma série histórica, fonte de pesquisa para os estudiosos sobre a história política e cultural do Estado. Este projeto foi coordenado pelo jornalista Nelson Coelho e teve como fruto, quarenta e cinco obras que retrataram personalidades paraibanas, tendo como autoria, escritores e jornalistas paraibanos. Como exemplo, podemos citar o jornalista Linaldo Guedes, que escreveu sobre o poeta Augusto dos Anjos; já Maria de Lourdes Luna publicou sobre José Américo de Almeida; José Nunes, falou sobre Ariano Suassuna; Gonzaga Rodrigues publicou sobre o historiador paraibano José Maria dos Santos. (**Imagem 18**). Algumas outras memórias foram evocadas, a exemplo de Epitácio Pessoa,



Assis Chateaubriand, José Lins do Rego, Padre Zé Coutinho, Joacil de Britto Pereira, entre outros¹⁵.

Imagem 18: Capa do livro. *Paraíba Nomes do Século* - Série Histórica (2000)



Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

Em 2002, Gonzaga Rodrigues lança a obra: “*O abraço das Águas*”, pela editora JB, João Pessoa (PB). Em 2003, publica “*Café Alvear: Ponto de encontro perdido*” em sua primeira edição pela editora: Textoarte (João Pessoa- PB). Em sua segunda edição, no ano de 2016, é publicada pela editora Ideia (**Imagem 19**).

Esta obra contém crônicas que trazem as reminiscências das conversas políticas e culturais no Ponto dos Cem Réis, entre as décadas de 1960 e 1970. Esse espaço público era de costume as pessoas destinarem o seu tempo para se encontrarem e conversar sobre os assuntos predominantes no panorama político da época. O Ponto de Cem Reis localizado no entorno da Igreja do Rosário dos Pretos, era a ponto final das linhas de bonde que circulava na cidade de João Pessoa (PB). Nas crônicas vai se revelando esse espaço como lugar social em que se inscreve a história da cidade.

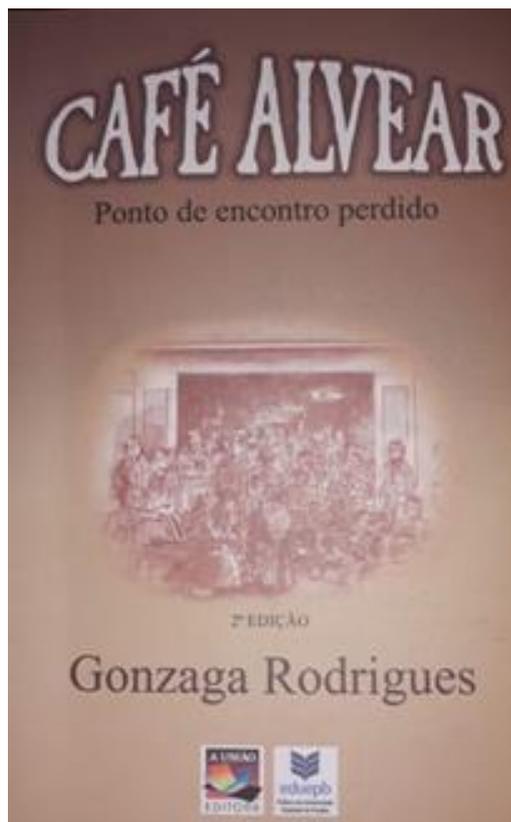
Em algumas das crônicas publicadas nesta obra, o autor trata da vida cotidiana na cidade de João Pessoa, com ênfase no cenário social, político e cultural em torno dos que frequentavam o ponto de Cem Reis e o “famoso” Café Alvear, Cafeteria inaugurada na

¹⁵ <http://joseliocarneiro.blogspot.com/2012/02/memoria-da-imprensa-em-2000-uniao.html>. Postado em 26/fev/2012 por Josélio Carneiro.



década de 40, e era ponto de encontro da sociedade pessoense. Conforme relata Rodrigues (2003, p. 16), “Alvear dos políticos, dos poetas, dos homens de negócio ou sem negócio nenhum. Alvear que evitava a dispersão do repórter e da notícia, atraindo todos para seu plenário”. A memória do seu repertório coletivo.

Imagem 19: Capa do livro *Café Alvear*.
Ponto de Encontro Perdido (2. ed, 2016)



Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

Em 2005, Gonzaga Rodrigues lança o livro: “*Retrato de Memória e outras histórias*” (**Imagem 20**) pela editora Dinâmica, João Pessoa (PB). Essa obra faz parte da coleção Tamarindo que teve como autores das demais obras desta coleção, Alarico Correia Neto, Aldo Lopes de Araújo, Antônio Mariano, Astier Basílio, Janaína Azevedo, Linaldo Guedes, Marcos Tavares, Maria José Limeira e Políbio Alves.

Em “*Retrato de Memória e outras Histórias*”, obra romanesca como denomina Luiz Augusto Crispim, prefaciador da primeira edição, Gonzaga Rodrigues revela um pouco sobre seu pai adotivo. Essa obra foi lançada em sua segunda edição no ano de 2010, prefaciada por Ângela Bezerra de Castro, e intitulada apenas “*Retrato de Memória*” (**Imagem 21**).



Imagem 20: Capa do livro Retrato de Memória e outras Histórias (2005)



Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

Imagem 21: Capa do livro Retrato de Memória (2010)



Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

Segundo Castro (2010), a inexistência de uma fotografia de seu pai, e mais a incapacidade de lembrar gerando a culpa de não poder reconstituir com nitidez os seus traços fisionômicos, torna claro a necessidade de não perder de vista o semblante heróico do homem rude e forte, que ganha um rosto a partir desta obra, sendo, portanto ele, o principal ícone.

É pertinente pontuar que as fotografias revelam fragmentos do que foi vivido e apresentam aquilo que queremos guardar. Elas servem, então, como suporte da memória, não de como aconteceu de fato e, sim, como um ponto de onde se sai para reconstruir a história que ela ajuda a contar. A inexistência de uma fotografia contribuiu ao processo de esquecimento de Gonzaga Rodrigues, de não se lembrar mais a fisionomia de seu pai. Tal esquecimento gera o deixar de existir, enquanto que a lembrança carrega o potencial da vida. Somos quem somos por causa do que lembramos, e isso nos confere identidade e permite o nosso reconhecimento por outros.

Para Izquierdo (2004), cada um de nós é quem é porque tem suas próprias memórias, e a memória compreende o processo de evocar lembranças paralelamente ao de apagamento ou esquecimento. Segundo o autor, nós criamos nossas lembranças, porque nossa identidade reside na memória, só que é preciso entendê-la como as sensações, emoções e sentimentos envolvidos nela. Já dissemos anteriormente que, ao tratar da memória, seu tema correlato é o

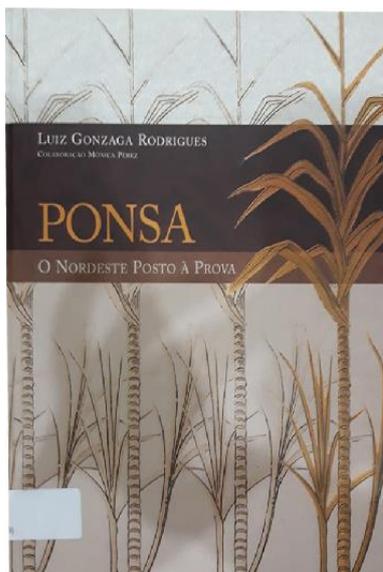


tempo, mas não o tempo visto como linear e cronológico, mas espiralado. Assim, passado, presente e futuro se interconectam sempre e tornam-se relativizados em razão dos diferentes referenciais que são tomados. (IZQUIERDO, 2004).

Em 2005, foi a vez de “*Ponsa. O Nordeste Posto a Prova*” (**Imagem 22**) lançada pela Editora: FGV, Rio de Janeiro (RJ). A obra foi escrita por Gonzaga Rodrigues com a colaboração de Mônica Perez. No prefácio da obra é apontado que o livro trata-se de uma narrativa do processo que levou o Grupo Klabin a se estabelecer no mercado brasileiro como uma das empresas nacionais mais representativas do setor de celulose e papel do Brasil. Importante destacar que o texto do livro não é um relatório desta empresa, mas uma crônica dos desafios enfrentados e das soluções encontradas que permitiram a consolidação da PONSÁ no Nordeste.

Gonzaga Rodrigues se questiona, por que ele foi o escolhido para elaborar essa obra, e revela, em formato de agradecimento, que a razão dessa escolha se deu pelo seu apego à terra e às pessoas nordestinas. Armando Klabin¹⁶, em 1958, ano de seu primeiro contato com a Paraíba explicaria a escolha de um cronista paraibano para contar a história desta empresa que cresceu mais ancorada na luta e obstinação do que no próprio capital, uma forma de ver e sentir mais de perto o homem nordestino.

Imagem 22: Capa do livro *Ponsa. O Nordeste Posto a Prova* (2005)



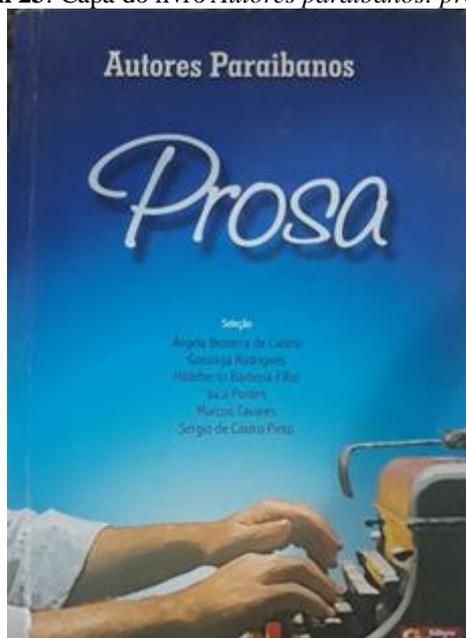
Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

¹⁶ Armando Kablin é Diretor-presidente de Dawojobe Participações S.A., sócia-gerente da Klabin Irmãos & Cia., holding do Grupo Klabin. Formado em engenharia pela Escola Politécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).



Ainda em 2005, Ângela Bezerra de Castro juntamente com os escritores e amigos: Hidelberto Barbosa Filho, Juca Pontes, Marcos Tavares e Sérgio de Castro Pinto, em uma tentativa de aproximar e tornar acessível para as escolas, textos produzidos por autores paraibanos decidiram organizar a obra intitulada: “*Autores paraibanos: prosa*” (**Imagem 23**), publicada pela editora GRAFSET, João Pessoa (PB). O intuito dos organizadores era reunir textos que se constituíssem em recurso didático, servindo também de motivação aos alunos, além de trazer a possibilidade de provocar neles uma motivação à escrita, a partir da produção de seu próprio texto. A obra é composta por cinquenta e sete textos, elaborados por escritores paraibanos, como é o caso de Gonzaga Rodrigues, Ascendino Leite, Chico Viana, Coriolano de Medeiros, Joacil de Brito, Maria José Limeira, Políbio Alves, entre outros.

Imagem 23: Capa do livro *Autores paraibanos: prosa* (2005)

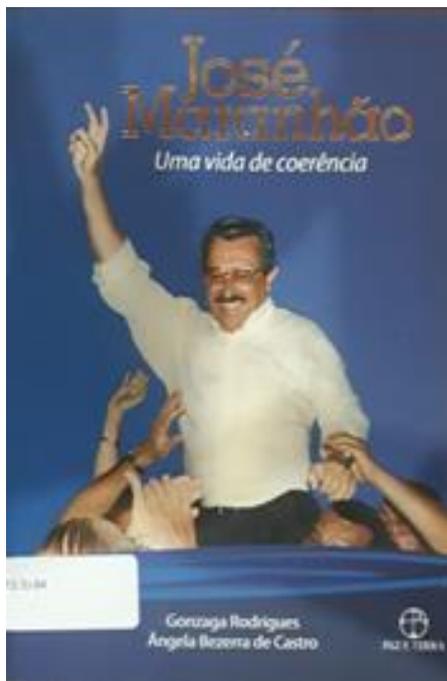


Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

Em 2009, em parceria com a amiga e também escritora, Ângela Bezerra de Castro, Gonzaga Rodrigues lança o livro: “*José Maranhão: uma vida de coerência*” (**Imagem 24**), uma obra biográfica lançada pela editora Paz e Terra, São Paulo (SP), revelando a trajetória de José Targino Maranhão, atualmente senador da Paraíba, nesse período governador.



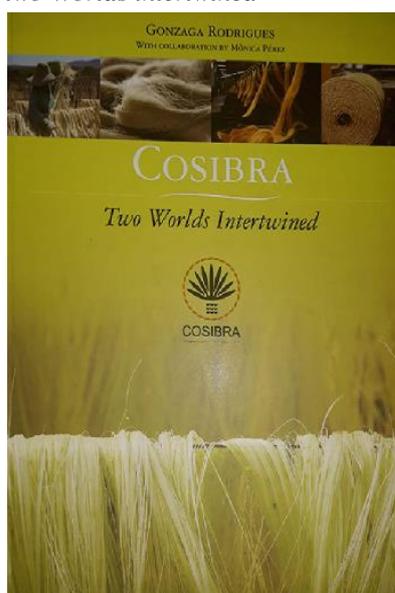
Imagem 24: Capa do livro *José Maranhão: uma vida de coerência* (2009)



Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

Em 2012 o livro Ponsa. O Nordeste Posto a Prova foi lançado em uma versão na língua inglesa, tendo como título: *COSIBRA: two Worlds intertwined*¹⁷ (**Imagem 25**), com a tradução de Alexander Dale.

Imagem 25: Capa do livro *COSIBRA: two Worlds intertwined*



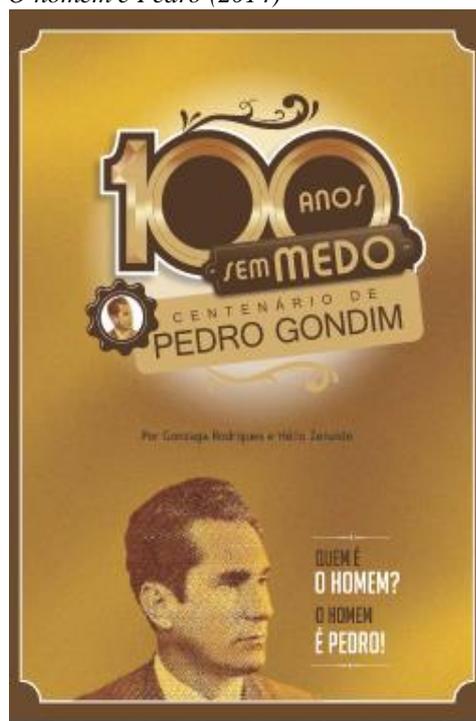
Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

¹⁷ COSIBRA: um fio entre dois mundos



No ano de 2014, Gonzaga Rodrigues e Hélio Zenaide publicam em homenagem a Pedro Moreno Gondim um livro biográfico relativo ao seu centenário. Embora não esteja presente fisicamente no cotidiano da cidade, Pedro Gondim deixa seu legado, seus feitos, sua trajetória, e um talento posto a serviço das causas do povo e da defesa do Estado da Paraíba. A obra foi lançada em um evento comemorativo aos 100 anos sem medo, pela Fundação Ulisses Guimarães. Esta obra intitulada: “100 anos sem medo. Centenário de Pedro. Quem é o homem? O homem é Pedro” (**Imagem 26**), foi organizada em duas partes, a primeira: **O Homem que foi Pedro**, escrita por Gonzaga Rodrigues, intercalando a escrita com imagens cedidas por familiares e amigos de Pedro Gondim. A segunda, **Uma liderança popular**, desnuda o seu lado político, esta, elaborada por Hélio Zenaide.

Imagem 26: Capa do livro *100 anos sem medo. Centenário de Pedro. Quem é o homem? O homem é Pedro* (2014)



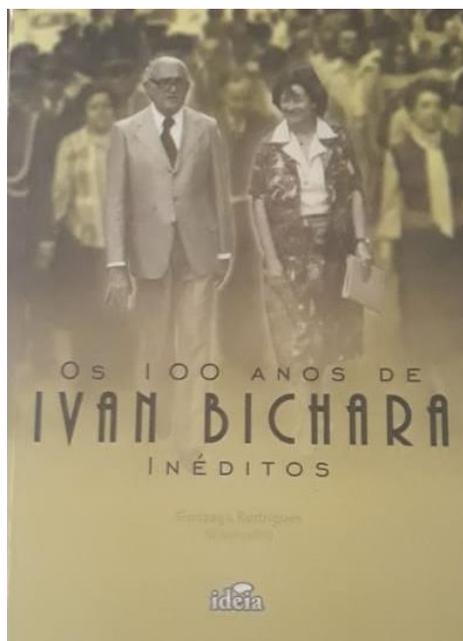
Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

Em 2018, Gonzaga Rodrigues organiza o livro: “*Os 100 anos de Ivan Bichara. Inéditos*” (**Imagem 27**), publicado pela editora Ideia, João Pessoa (PB). Em comemoração aos 100 anos do paraibano Ivan Bichara Sobreira - advogado, político e escritor cajazeirense - essa obra revela a memória de sua vida pública, no jornalismo, na literatura e na política



através de um aparato iconográfico, bem como a publicação de seus inéditos e a fortuna crítica.

Imagem 27: Capa do livro *Os 100 anos de Ivan Bichara. Inéditos* (2018)



Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

Embora cronista de estilo consagrado, Gonzaga sempre elaborou projetos para outras narrativas, “Não porque a crônica seja um gênero menor. Mas por exigência da matéria a ser tratada, por imposição do tema ou do conteúdo que pedia outra forma de expressão.” (CASTRO, 2010, p.5).

De modo geral, percebemos uma predominância das publicações em crônicas, unidas aos outros gêneros pelo fio da memória, pois Gonzaga Rodrigues, ao passear pelos gêneros literários, sempre transitou em conteúdos e contextos memoriais. Como é o caso dos livros sobre as trajetórias de vida de personalidades paraibanas, o que urge seja compreendido esse laço que o fortalece ainda mais em relação a sua terra natal, as coisas de sua terra, e a convivência com as pessoas. Mas como realça Izquierdo (2004, p. 39), “Hoje sabemos que nem tudo o que é adquirido forma memórias, nem todas as memórias ficam para sempre”.

Memória e esquecimento não se contrapõem; o esquecimento é constitutivo da memória. Os mecanismos vinculados aos processos de esquecimento é que viabilizarão as possíveis aflorações das memórias. (IZQUIERDO, 2004). A partir de imagens, de legendas e depoimentos, verbalizamos nossas memórias, que muitas vezes ficam esquecidas em algum lugar. Lugar esse que indica possíveis retomadas quando provocadas por algo ou situação que



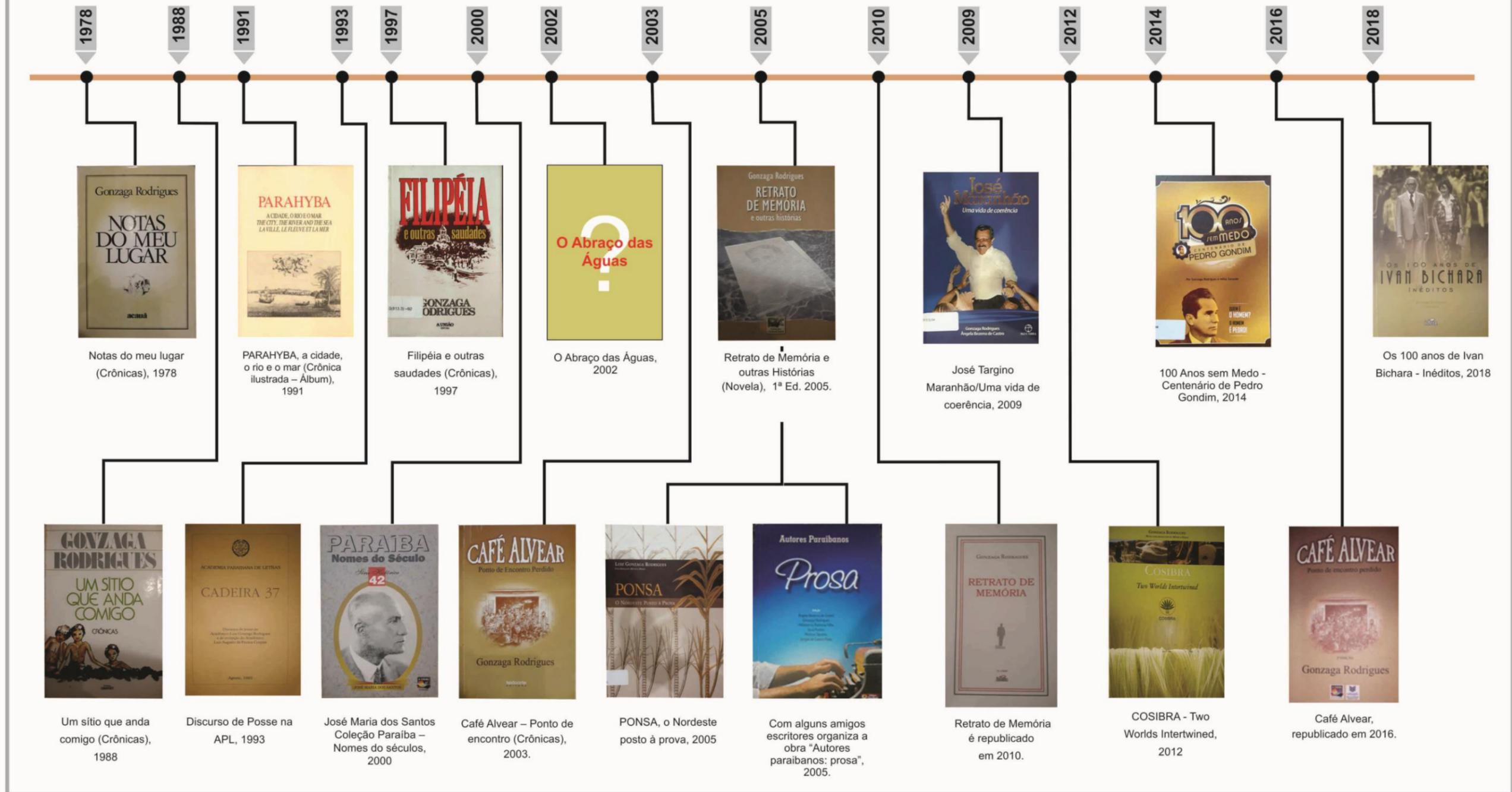
as desperte. Cada um de nós tem suas próprias memórias ou fragmentos de memórias. Somos aquilo que lembramos, mas também aquilo que decidimos não lembrar.

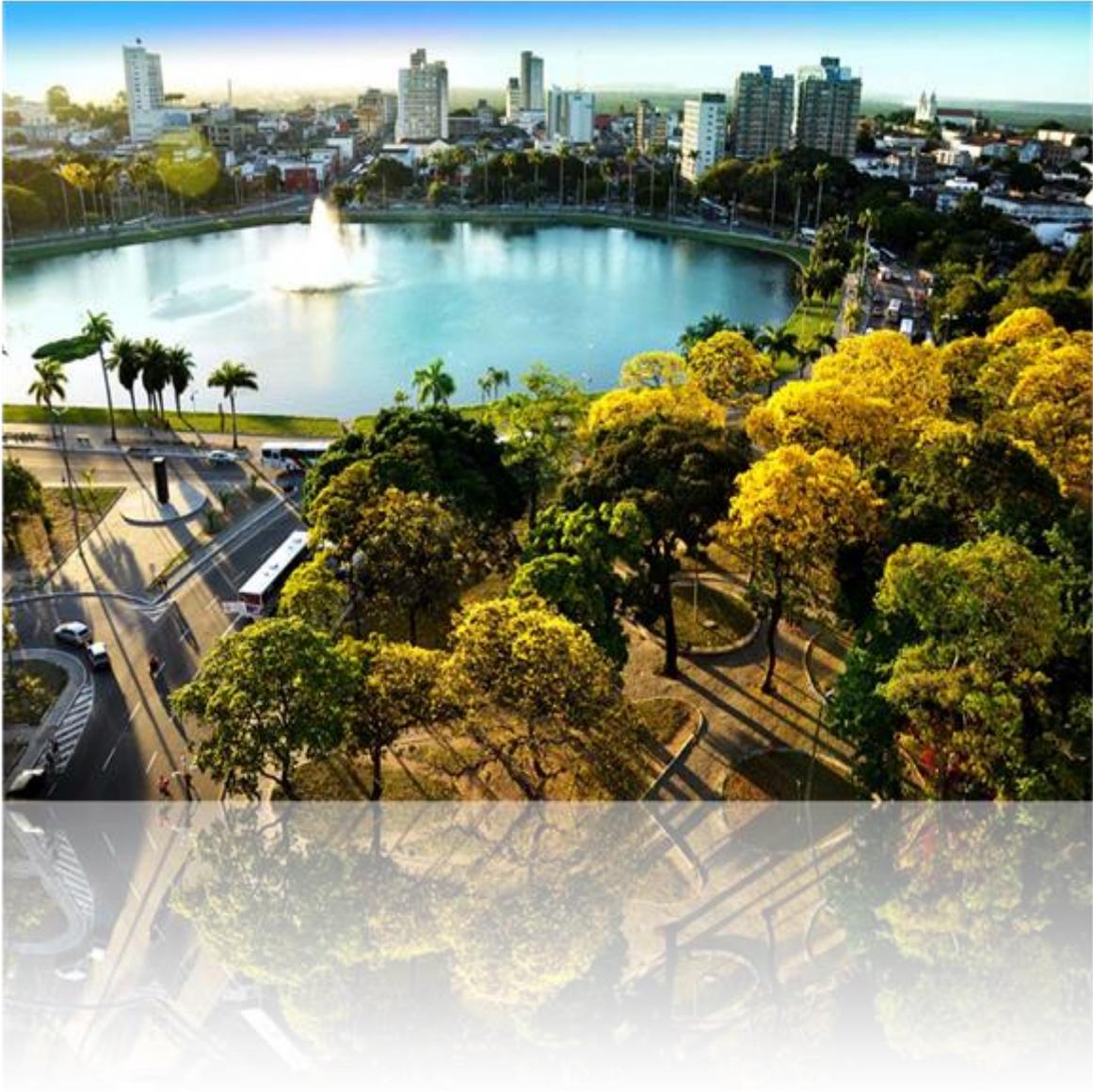
Rememorar é muito mais do que trazer o passado para o presente, trata-se de um meio para revisões e autoconhecimento e é por este caminho que a memória alcança a identidade. (CANDAU, 2012). Memória e identidade se juntam na produção de Gonzaga Rodrigues na medida em que elas são construções discursivas. Ao produzir seus escritos, o autor mobiliza seu armamento de experiências, põe em ação tudo o que o constitui para construir uma narrativa de si (conscientemente ou não), e consolida um novo Eu. Esses escritos reorganizam as experiências e os significados. Trata-se de uma elaboração social em permanente construção, na qual a identidade insere-se nesse processo contínuo.

Para melhor visualização da vasta produção de Gonzaga Rodrigues, elaboramos uma linha do tempo, evidenciando as obras do autor, bem como as respectivas datas, marcando a cronologia das obras. Vejamos a seguir.



LINHA DO TEMPO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE GONZAGA RODRIGUES





NAS ENTRELINHAS DOS ESCRITOS: a cidade

5 NAS ENTRELINHAS DOS ESCRITOS: a cidade

A cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras. (CALVINO, 1990, p.14-15).

O poeta cubano, de origem italiana, autor da epígrafe introdutória deste trabalho, deixa transparecer a força da existência humana por meio da cidade, que surge como um símbolo complexo, poderoso e inesgotável. *As cidades invisíveis* é uma obra que tem sido revisitada por aqueles que acreditam em uma cidade de usos coletivos. O caminho traçado por Calvino mostra relações entre personagens que contam como vivem, onde vivem ou onde poderiam viver. Ao deixar em aberto quais são as cidades descritas, o autor conduz o nosso imaginário por diversos cenários e épocas, atenuando a cidade real e a cidade utópica para nascer a cidade invisível.

Diferentemente da cidade invisível, de Calvino, Gonzaga Rodrigues mostra a cidade visível e a retrata com uma certeza inequívoca, dado sua existência real. Os temas tratados nas crônicas do autor paraibano servem de mote para a exposição de assuntos que vamos tratar e que julgamos pertinentes. Ao buscarmos trazer os escritos correspondentes ao tema cidade e memórias, nas crônicas de Gonzaga Rodrigues, a identidade da cidade João Pessoa se manifesta no significado que os espaços têm para ele, como exemplo, o centro histórico como vemos na imagem a seguir:

Imagem 28: Centro Histórico de João Pessoa



Fonte: Acervo Pessoal do Fotógrafo Francisco França (2013)

Paralelamente às memórias individuais existem as memórias coletivas que têm a capacidade de provocar um sentimento de pertença nos leitores de crônicas. Como afirma Lynch (1960, p. 14), “Uma estrutura física viva e integral, capaz de produzir uma imagem clara, desempenha também um papel social. Pode fornecer a matéria-prima para os símbolos e memórias coletivas da comunicação entre grupos”.

Nesse sentido, passeamos entre essas duas vertentes da memória, a individual e a coletiva, refletindo sobre a importância que ambas desempenham na identidade da cidade. A importância da memória na construção cognitiva do espaço depende das ligações de estreita proximidade que estabelecemos com os espaços (BACHELARD, 2000). A identificação com o lugar depende da memória e, conseqüentemente, do significado que lhe é atribuído, tornando-se fundamental preservar a memória coletiva desses espaços. Assim, as crônicas são utilizadas como lugar de memória, nas dimensões material, simbólica e funcional; lugares essencialmente de transição, considerando que neles encontram-se a tripartição do tempo passado, presente e futuro, e o papel da memória assenta-se numa espécie de ressignificação do tempo passado.

Entender como se dá o processo de reconstrução das representações simbólicas sobre o espaço, que ideias motivam os envolvidos e quais memórias resultaram deste processo é uma via, como aponta Guedes Junior (2011, p.3), para alcançarmos a percepção da crônica em seu aspecto infomemorial, capaz de trazer aspectos identitários da cidade. Guedes Junior (2011, p.3) considera, em sua realidade experienciada, que “os homens, de maneiras diferentes, estão permanentemente se apropriando do espaço sobre o qual vivem e estabelecem suas mais diversas atividades e relações sociais”. Para o autor, “a vida humana é, portanto, um eterno devir de territórios que se sobrepõem e se inter-relacionam aos desmandos das relações sociais, das práticas e representações”. (GUEDES JUNIOR, 2011, p.3).

A paisagem urbana, compreendida como momento instantâneo “[...] expressa relações e ações que propiciam uma investigação sobre a cidade”. Ela contém “mistérios, beleza, sinais, símbolos, alegorias, tudo carregado de significados, memória, impregnada de história.” (CARLOS, 2007, p.33). A cidade é produzida pela sociedade e revela-se uma obra coletiva, formulada pelos aspectos físicos, mas, sobretudo, a partir de sua dimensão humana. “As marcas do tempo [...] inscritas nas formas da cidade, reproduzem a condição da constituição da humanidade, revelando uma construção histórica cheia de arte e lembranças, fáceis de serem identificadas no lugar por aqueles que nele vivem, na medida em que o lugar é o espaço da vida. (CARLOS, 2007, p.33).

No entendimento de Pesavento (2007, p.13)

A cidade não é mais considerada só como um *locus* privilegiado, seja da realização da produção, seja da ação de novos atores sociais, mas, sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais.

No caso da Cidade João Pessoa (PB), lugar de inspiração para as crônicas de Gonzaga Rodrigues, seus olhos se voltam para ela, não apenas como um conjunto de ruas, prédios, praças, monumentos, aglomeração de pessoas, mas, como espaços de relações sociais e pessoais. Esse lugar o ajudou a construir sua própria imagem, sua identidade, suas afetividades. A cidade, para além de sua materialidade física, são seus habitantes, seus comportamentos, sua cultura, suas hospitalidades, seus hábitos, como disse Guedes Junior (2011), é também um lugar poético, e Gonzaga Rodrigues soube explorá-lo bem.

João Pessoa (PB), antes denominada Frederica, Filipéia, Parhaiba, Nossa Senhora das Neves revela um tempo; um tempo que vai ganhando cores e matizes na medida em que o tempo passa, com suas transformações humanas e paisagísticas. Carlos (2007) entende que as relações com a cidade se determinam no cotidiano, para além do convencional. Nesse sentido,

“*as imagens da cidade em que vivemos povoam nossas memórias*”, como bem expressa Gonzaga Rodrigues em várias de suas criações literárias. As lembranças e as recordações que povoam seus sentimentos o impulsionam a escrever. Misturando passado e presente, seus escritos deslizam pela cidade, trazendo, nos recônditos da memória, suas mais belas expressões sobre as ruas da cidade, os bairros, as pessoas, enfim, como diriam Rocha e Eckert (2010), tantos arranjos sociais que produzem um sentido de ser e estar na cidade, traduzidos muitas vezes na Crônica.

A crônica brasileira é eminentemente um texto voltado para o espaço urbano, diz Portella (1985), pois versam sobre o cotidiano das cidades. Dessa forma, a crônica de Gonzaga Rodrigues se insere nesse conceito e ressalta o dia a dia da cidade João Pessoa. Ele vai destacando “os registros físicos e sensoriais da capital paraibana, congelando no tempo impressões e aspectos sociais, [...], culturais, ajudando a moldar novos cenários urbanos e sociológicos à comunidade de múltiplas etnias”. (MOURA, 2008, p.7).

Para Rocha e Eckert (2010, p.124),

Não são as representações sobre a cidade em suas lógicas e feitos externos que o habitante racionaliza, mas a interpretação que faz de sua própria experiência de sujeito da memória que o inscreve num mundo amalgamado de sistemas práticos e sistemas simbólicos, expressadas muitas vezes nas suas crônicas.

Eventos culturais e os problemas urbanos ganharam foco na maioria das crônicas de Gonzaga Rodrigues. Nelas, o espaço e o homem são vistos por diferentes ângulos, e seus textos funcionam como instrumento de captação de uma cidade observada pelas lentes desse cronista, que explora as várias facetas da cidade desde 1954 aos dias atuais. O autor sintetiza em seu estilo a paixão, a sensibilidade poética, o olhar irônico e a expressão contida, essas qualidades estão presentes nos seus escritos. Frisamos, mais uma vez, que as crônicas gonzaguianas repercutem mediante o cotidiano e utiliza esta ferramenta diária à produção de sua obra, promovendo um processo literário baseado em fatos verossímeis, isto é, naquilo que possui semelhança com a realidade, com o dia a dia das pessoas.

Castro (2008) considera que as crônicas de Gonzaga Rodrigues, reunidas em livros, revelam uma paixão quase exultante, posto que, externam uma

Declaração de amor a João Pessoa que tem sotaques de uma sensualidade próxima do prazer carnal. É como se o poeta estivesse em conjunção com a sua musa, tateando-lhe as curvas com a sofreguidão de um amante incansável. (CASTRO, 2008, p. 15).

Nada é estranho para Gonzaga Rodrigues, quando se trata de João Pessoa, a história da cidade, a paisagem, as pessoas, os acontecimentos, os problemas, tudo ele vive com dedicação e participação em seus escritos. A imagem a seguir também serviu de inspiração ao nosso cronista, que traduziu em palavras a beleza da paisagem: o rio Sanhauá completando o espetáculo entre igrejas e casarios (**Imagem 29**).

Imagem 29: Rio *Sanhauá*



Fonte: Acervo Pessoal do Fotógrafo Francisco França (2013)

Suas crônicas parecem agradar a todos os gostos e a necessidade de cada leitor. Segundo Luhmann citado em Marcondes Filho (2004 p. 478), “A opinião pública, [...] só existe enquanto sistema social da sociedade, um meio de estabelecer uniões fortes [...]”. Portanto, o propósito da crônica é fixar um ponto de vista individual, externo aos fatos, externo ao jornal, como revela Coelho (2002), e a forma pessoal do autor o credencia a falar em primeira pessoa. Como gênero literário, sua persuasão é anterior a normas, por exercer seu lugar de recriação e ressignificação do contexto social.

Castro (2008), destacando o potencial criativo de Gonzaga Rodrigues em seus escritos, inspirado no cotidiano da cidade, reforça a ideia de que elas revelam uma nova maneira de ir ao mundo, sem sair de dentro de si. Para Crispim (2008), de modo geral são escritos jorrados

pelas lembranças, descidos dos sonhos mais brejeiros, e o fio condutor será, então, o amor, a palavra relacionada à cantaria e ao espírito de sua terra, pois

Ninguém soube acarinhar melhor as pedras da igreja de São Francisco ou os minaretes do mosteiro de São Bento a golpes de afeto sentido, mas, sobretudo de pura [...] expressão literária. [...] tão penoso de talhar no calcário e a Gonzaga tão fácil de esculpir no verbo, arrastando esse amor desde Alagoa Nova até a porta do Alvear. (CRISPIM, 2008, p.20).

Os escritos de Gonzaga Rodrigues são assim, acendem as pessoas, acendem as histórias das pessoas, mexem com suas lembranças e provoca-as. “Compondo textos e congelando imagens, ele vai fundindo o tempo presente com as horas do amanhã” (MOURA, 2008, p.23), que além de poeta, de publicitário, é também fotógrafo.

Como bem disse Milton em entrevista ao jornalista Ulisses¹⁸:

Além de tudo, tem essa história de ficar, de fotografia. Eu passei uma vez um domingo inteiro com ele, indo lá para baixo [refere-se à parte baixa da cidade]. Na linha do trem, tinha uma parte que a linha do trem dava uma curva assim [gesticulando]. Ele disse: ‘Ó a luz que ta batendo’. Além de tudo ele tem isso... Pela cidade.

Nas suas anotações diárias, há o registro das atividades como escritor, percorrendo lugares como Ponto de Cem Réis; a Lagoa da cidade; a Bica (como ele mesmo revela, não é muito chegado à beira mar, não); Porto do Capim, subindo a colina; o Clube Cabo Branco, revelando verdadeira paixão pela cidade que adotou como sua, esculpindo cada detalhe contido nela. João Pessoa está na obra de Gonzaga Rodrigues, de forma muito marcante, como aponta Castro (2008), e aponta que ele não gosta de ambiente muito formal, porque o inibe a se soltar, a imprimir aquele pantim¹⁹ que tanto gosta de fazer, ou seja, dar seus gritos, seus pulos. Por essas atitudes (ou manias), ele pode ser considerado um ator.

É um ator, né? É um ator. [...] Eu digo que o Ponto de Cem Réis é o palco predileto dele. E não é à toa que ele conta toda a história de vida dele. Porque, na verdade, O Ponto de Encontro Perdido é uma memória. [...]. Ele fez da crônica uma forma de memória. (CASTRO, 2008).

Toda a história de Gonzaga Rodrigues, da evolução da imprensa na Paraíba, está ali escrita por ele em forma de crônica, e tem geralmente o Ponto de Cem Réis como principal

¹⁸ Publicada na obra *João Pessoa: a memória da cidade*, organizado por Fernando Moura (2008, p.24).

¹⁹ Termo muito usado no Nordeste para se referir a um exagero. Fazer tempestade em copo d'água.

paisagem. Essa paixão pela cidade é visceral, e isso justifica e explica a qualidade dos seus textos, dos seus escritos. (CASTRO, 2008).

No vai e vem aos mesmos lugares, ele sempre encontra algo diferente para observar, e com o mesmo entusiasmo, e como se tivesse visitando o local pela primeira vez, começa a escrever. É um acender constante aos lugares pelos quais já passou. Entre as descrições que faz do cotidiano, como escritor, está em desfrutar os prazeres da vida, vivenciando de forma muito intensa, a começar por acentuar o seu amor a terra, e por viver os problemas da terra como se fossem seus problemas pessoais, numa afetividade exacerbada pelas pessoas e pelos locais. Assim ele se descreve:

Eu me pareço muito com a cidade, né? Meu temperamento. Sei me dar bem com o temperamento da cidade. Sinto uma saudade enorme. Que temperamento é esse? Você sabe que João Pessoa é uma cidade recolhida. [...]. Ela sempre foi uma cidade reservada. É do temperamento de João Pessoa. [...] João Pessoa tem um temperamento que deu certo com o meu. Do que é que eu gosto? Gosto de conversar. [...]. Minhas grandes amizades vieram do Ponto de Cem réis. Amizades que já se foram. (RODRIGUES, 2018, não paginado).

Essa relação de Gonzaga Rodrigues com a cidade João Pessoa é mesmo visceral. Uma paixão difícil de dizer em palavras, mas o que nos parece ser significativo são os sentidos adquiridos com o tempo, o vivido, enquanto dimensão configurativa de toda experiência. A narrativa que concede forma ao que é relevante ao escritor, ao postular uma relação possível com o tempo do mundo da vida. (ARFUCH, 2010).

Arfuch (2010, p. 73) esclarece que o aspecto que norteia à escrita de qualquer escritor é sua capacidade auto-reflexiva. Não tanto “a ‘verdade’ do ocorrido, mas sua construção narrativa; os modos de (se) nomear no relato; o vaivém da vivência ou da lembrança; o ponto do olhar; o que deixa na sombra; em última instância, que história ou qual delas alguém conta de si mesmo ou de outro eu”. (ARFUCH, 2010, p. 73).

E é esse caminho da narração, como bem esclarece Arfuch (2010, p.73):

Que será, afinal de contas significativa. No caso das formas testemunhais, tratar-se-á, além disso, na verdade, da capacidade narrativa de “fazer crer”, das provas que o discurso consiga oferecer, nunca fora de suas estratégias de verificação, de suas marcas enunciativas e retóricas.

Nesse sentido os autores deixam escapar a comparação empírica que pode dizer, velar ou não dizer, e ater-se ao acontecimento ou à invenção, e ainda, fechar sobre si próprio ou

prefigurar outros textos. Se se pensa a intimidade como subtração ao privado e ao público, os escritos de Gonzaga Rodrigues podem ser a cena reservada da confissão:

*Eu cheguei aqui. Uma pessoa sem raízes. Não tinha família aqui. [...]. E numa pensão, noutra. Num jornal, noutra. [...] e de repente encontrei uma companheira, dona Edite Maria do Nascimento Rodrigues, e através dessa companheira eu comecei a me enraizar na cidade, que são os meus filhos, a minha família. Isso aí pra mim é outra... esse é um momento meu. Particularmente meu em relação a João Pessoa.*²⁰ (RODRIGUES, 2008).

Ao ser questionado sobre como ele vê a cidade hoje, Gonzaga Rodrigues não titubeou na resposta:

*A cidade de toda essa crônica que eu acabei de fazer aqui, esta cidade tá de portas fechadas, né? Tá esvaziada, né? Então nós estamos tentando segurá-la, né? Segurá-la porque é a memória. Ela representa alguma coisa. Mas as portas estão fechadas. [...]. As casas estão vazias. Vazias daquele tempo. Vazias daquela mensagem. Os valores... [...]. Os valores mudaram. [...]. Então, o seguinte: a cidade... É uma cidade que a gente estava prevendo isso. Essa característica que eu tracei logo... Que representava a verdade. Essa característica, realmente, tá se perdendo. A cidade tá se misturando, tá se mesclando, né? Havendo uma 'mestiçagem', digamos assim, espiritual, de identidades, de naturalidades diferentes, de gente que vem de todos os lugares, principalmente do interior.*²¹

Vale frisar que muito da arte de Gonzaga Rodrigues advém desse contato direto com a realidade que se mistura à sua capacidade de sentir e de captar as coisas e os fatos ocorridos na cidade. Assim, personalidades e eventos, locais preferidos ora tornam-se assunto central das suas crônicas em que traça um perfil individual de alguns expoentes ora fornecem matéria para ele observar as transformações pelas quais a cidade passa. Por isso, quando ele expressa seu testemunho acaba contribuindo para a construção do perfil de escritor, que lutou para processar a sua comunicação.

Essa cidade João Pessoa, pareceu muito com o meu temperamento, era uma cidade quieta, tranquila, recatada; não era exibida como Natal. João Pessoa sempre foi recolhida, as pessoas viviam em casa. Mas isso está

²⁰ Entrevista concedida por Gonzaga Rodrigues ao jornalista Ulisses Barbosa. In: MOURA, F. (Org.) A memória da cidade: Gonzaga Rodrigues. João Pessoa: gráfica JB, 2008. Prefeitura Municipal de João Pessoa. Coleção João Pessoa, v. 1. , p.57-58.

²¹ Entrevista concedida por Gonzaga Rodrigues ao jornalista Ulisses Barbosa. In: In: MOURA, F. (org.) A memória da cidade: Gonzaga Rodrigues. João Pessoa: gráfica JB, 2008. Prefeitura Municipal de João Pessoa. Coleção João Pessoa, v. 1 , p.55-56.

mudando por conta dessa cidade nova que está surgindo ali à beira-mar, com esses arranha-céus; é outra. (RODRIGUES, 2013a, p.6).

Gonzaga Rodrigues considera a cidade João Pessoa sua segunda casa: *“Eu cheguei aqui jovem, tinha 18 anos, vinha de uma terrinha pequenininha Alagoa Nova. Então tem aquela coisa de Amor Platônico da primeira impressão.”* (RODRIGUES, 2013a, p.6).

Como ele próprio declara:

Eu vivo a João Pessoa de antigamente! Não saio dela e não olho para outra João Pessoa, a não ser esta. Não vou ser cremado, nem ir para o Cemitério das Acácias, eu vou para o Cemitério da Boa Sentença mesmo! Eu adoro essa cidade! (RODRIGUES, 2013, p.3)²².

Na citação acima, Gonzaga Rodrigues faz um discurso em que a resistência fica clara em relação à edificação de cemitérios. O cemitério da Boa Sentença, tradicional na cidade, acolhia as famílias pessoense mais abastadas. Sempre foi tradição na cidade sepultar os mortos ali. É como uma espécie de recompensa espiritual sepultá-los nesse cemitério, como se ali se abrigassem melhor. Tal escolha por uma parcela da população pessoense revela, de certa forma, o poder da permanência dos costumes tradicionais. De modo geral, as particularidades do estabelecimento dos cemitérios nas cidades mostram aspectos dos arranjos políticos, sociais e econômicos, evidenciando que muitas vezes isso parte das elites e do poder público das cidades.

Já o Cemitério das Acácias ocupa uma área mais afastada do centro da cidade, e possui uma estrutura arquitetônica diferenciada, mais moderna em relação ao Cemitério da Boa Sentença. Assim, cada cidade vai produzindo, conforme suas possibilidades e oportunidades, arranjos locais para lidar com a questão dos mortos, e a instalação e estruturação do Cemitério das Acácias se consolidam na cidade.

Os cemitérios são os testemunhos materiais que permitem refletir sobre concepções, expectativas e desejos. Nesse sentido, a opção de Gonzaga Rodrigues por ser sepultado no Cemitério da Boa Sentença é perfeitamente compreensível, pois, ali cremos, se fizeram o sepultamento de quase todas as pessoas que ele conheceu e com as quais conviveu. Com efeito, compreendemos que o espaço e o tempo das escolhas acabam produzindo a paisagem do cemitério que motiva a fala de José Saramago (1997) sobre um fictício cemitério português:

²² Entrevista realizada com Gonzaga Rodrigues pelo Jornal da Paraíba (21 de junho de 2013).

Em alguma coisa, no entanto, historiadores, críticos de arte e arqueólogos reconhecem estar em consonância, o fato de o Cemitério Geral ser um catálogo perfeito, um mostruário, um resumo de todos os estilos, sobretudo de ver arquitetura, escultura e decoração e, portanto, um inventário de todos os modos de ver, estar e habitar existente até hoje. (SARAMAGO, 1997, p.226).

Para que estas observações, feitas até esse momento pareçam mais amenas, reforçamos que a paixão de Gonzaga Rodrigues é mesmo a literatura. E para reforçar nossa afirmativa, ele próprio denuncia:

A minha paixão mesmo é a literatura, o jornalismo nunca foi minha paixão, foi somente um meio de vida, uma forma de sobreviver [...] Eu nunca desejei ser um grande repórter, mas sempre desejei ser um grande escritor [...] (RODRIGUES, 2013a, p.6).

E complementa nosso protagonista: *“A crônica entra o pessoal e o subjetivo. [...]. Um bom cronista tem que ter - acima de tudo- sensibilidade. Não existe cronista sem sentir emoções!”* (RODRIGUES, 2013, p.3).

Importante destacar a riqueza das ideias de Gonzaga Rodrigues e sua apropriação a determinado objeto, a determinado fato, fundamentalmente, as interações verbais nos seus escritos, entendendo o autor que os sentidos podem ser lidos no seu texto mesmo não estando ali. Para ele, as palavras guardam segredos nas entrelinhas, gerando um silêncio que suspende o entendimento, mas aguça a criatividade dos leitores. Pensando assim, *“cada indivíduo tem uma história particular de constituição de seu mundo interior e interage de modo único com o mundo.”* (RODRIGUES, 2013, p.3). Disse isso recorrendo sempre à lembrança dos fatos ocorridos em sua vida, como se buscasse a lembrança, as recordações do que ainda está impresso em sua mente, em suas memórias.

Para Ricoeur (2007, p. 40), “não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela”. A memória pode ser encarada como uma capacidade de ressignificação das coisas e de si mesmo. Como é percebido nos escritos de Gonzaga Rodrigues, trata-se de uma representação das coisas já apresentadas anteriormente, ou seja, uma possível reconfiguração de tais dados guardados na sua memória, mas são despertados pela rememoração. Tal relembração exige sempre um esforço do autor, o qual é percebido pelas pausas em suas falas e em seus escritos.

Nesse sentido, é preciso entender a memória não somente como um “reservatório de lembranças”, mas um entendimento de experiência que possa ressignificar as coisas e

(re)apresentar a realidade para si e para os outros. A memória, como expressa Assmann (2011), possibilita trazer os dados mnemônicos, ausentes no presente, novamente à tona; trazer o ato de refletir, de se repensar em algo. A memória também pode ser encarada como a defesa do esquecimento, sendo desenvolvida ao ponto de assegurar os dados na memória com os exercícios de memória, assegurando que acontecimentos ruins do passado não ocorram novamente. O lembrar-se é, pois, uma experiência de ressignificação, reconhecimento, recriação das coisas e de si. (ASSMANN, 2011).

O pensamento de caráter cognitivo é materializado na consciência. É nesse cenário cognitivo que a problemática em torno do tempo cronológico se depara com a dualidade da temporalidade poética e da narrativa poética. Encontrando um caminho para esclarecer essa relação, a partir da identidade narrativa, Ricoeur (2007) articula a dimensão temporal e a constituição do conhecimento de si na experiência narrativa. Assim compreendida, a identidade narrativa é uma estrutura da experiência capaz de integrar a narrativa do mundo e a narrativa de si; a narrativa histórica e a narrativa de ficção. Como essa consciência, a linguagem e a memória se constituem um fenômeno social. Na medida em que recordamos, não só descemos às profundezas de nossa vida interior mais própria, mas introduzimos nesta vida (interior) uma ordem e uma estrutura que estão socialmente condicionadas e que nos ligam ao mundo. Como aponta Assmann (2011), toda consciência está mediada pelo social.

Para Assmann (2011), a memória social se apresenta em dois tipos: a episódica e a semântica. A episódica é reflexo das experiências e vivências do sujeito, vinculando-se ao que foi aprendido e preservado. Já a semântica, esta é carregada de sentido, podendo também ser percebida como geradora de sentido, e esses sentidos estão atrelados ao mundo social, sendo ela predominantemente social.

Os rastros da trilha intelectual de Gonzaga Rodrigues, aqui apresentados, não se findam neste capítulo. Na próxima seção, faremos um percurso pelas crônicas do autor, como um testemunho de seu exercício intelectual. Nessa forma de operacionalizar o conhecimento produzido por ele sobre a cidade com base em uma memória compartilhada, percorremos essas trilhas. Nessa aventura, não nos será possível peregrinar por todos os caminhos, mas nos manteremos nos limites da empreitada a que nos propusemos. Nessa conjuntura, a obra de Gonzaga Rodrigues repercute sobremaneira ao tratar dos processos e empréstimos culturais, perscrutando a noção de cidade, memória e identidade cultural.



OLHAR GONZAGUANO NO CENÁRIO DA CIDADE

6 OLHAR GONZAGUIANO NO CENÁRIO DA CIDADE

O que agora está claro e patente, é que não existe nem o futuro nem o passado, nem se pode dizer com propriedade que há três tempos: o passado, o presente e o futuro. Quicá seria mais exato dizer que os três tempos são: o presente das coisas passadas, o presente das coisas presentes e o presente das coisas futuras. Estas são três coisas que há dentro da alma e fora dela não as vejo. O presente das coisas passadas é a memória. O presente das coisas presentes é a visão. E o presente das coisas futuras é a espera. (AGOSTINHO DE HIPONA, 1999, p. 303).

Partindo do presente, sejam as coisas presentes, ou o passado presente, caminharemos por entre as crônicas produzidas por Gonzaga Rodrigues, buscando indícios memorialísticos e identitários além de revelações sobre a cidade João Pessoa. Nesse trajeto, nos ancoramos em três tempos idealizados por Agostinho de Hipona (1999): o presente das coisas passadas, o presente das coisas presentes e o presente das coisas futuras. Para Agostinho, o conceito de tempo está relacionado ao que chamamos passado, presente e futuro, mas ele esclarece que essa relação pode nos levar a uma falsa compreensão do tempo ou até mesmo ao engano de o tempo não existir.

Relacionando os escritos de Agostinho ao conceito de memória, percebemos que ele considerou a memória como a própria alma na medida em que recorda. O recordar não é propriamente uma ação ao lado de outras, pois a alma recorda na medida em que é. Assim, o projeto agostiniano é condicionado pelo estabelecimento de relações intrínsecas entre tempo e memória, observando-se o fato de a compreensão acerca da natureza do tempo não subsistir sem um prévio entendimento acerca da memória.

A partir das análises da memória e do tempo, Agostinho determina a posição hierárquica do homem no universo, assumindo, como condição de realização dessa ação, a finalidade de situá-lo diante dos outros seres e de situá-lo em relação a ele mesmo. Nesse

sentido sua análise, em vista desse poder o qual diferencia o homem dos animais, impõe que se ultrapasse a dimensão da memória enquanto faculdade capaz de apreender as imagens sensíveis. (AGOSTINHO, 1999).

Entendemos que na contemporaneidade literária, os elementos da estruturação do texto, do ponto de vista da teoria dos gêneros literários estão fragilizados; as fronteiras classificatórias estão enfraquecidas e esbarram diretamente no escritor, que mistura tendências e formas dificultando, por vezes, as classificações.

Um gênero literário, assim como os gêneros discursivos, possui especificidades, marcas de forma e de conteúdo a partir dos quais se cria uma estabilidade e, assim, é possível reconhecê-lo. Para Bakhtin (2011, p.262), os enunciados carregam individualidades, porém a língua “elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”. A busca desse reconhecimento foi importante, pois nos ajudou a construir o significado dos escritos de Gonzaga Rodrigues, relacionando-os ao gênero crônica e a suas características. Pensando assim, cremos ser esse o caminho, pois a liberdade da escrita do autor nos remete a um dos elementos essenciais da crônica, que a importância do escritor de crônicas. Vale reafirmar que no Brasil, esse gênero é uma produção em que o encontro entre o jornalístico e o literário intensifica-se. Os periódicos, as revistas e os jornais disponibilizam um espaço físico pré-determinado para a crônica.

Com uso da narratividade e da ficcionalidade por parte do cronista, isso ainda não é suficiente para esclarecer as características da crônica. O certo é que ela nasce de um fato qualquer, do cotidiano, que será escrito e registrado por meio de uma linguagem marcada pela simplicidade, algo substancializado como a “conversa fiada” (expressão utilizada por Antonio Candido), da qual, muitas vezes, emerge a dialogia, estabelecendo textualmente uma interlocução com o leitor.

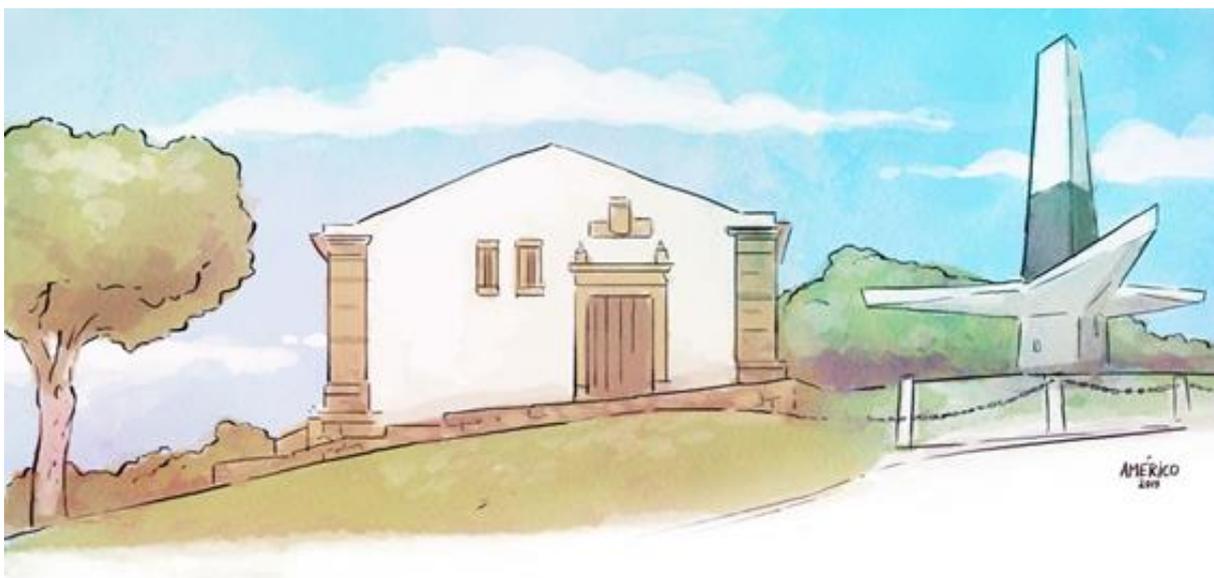
Assim, podemos dizer que o cronista além de observar o dia a dia, quando os fatos do cotidiano fogem da sua memória, ele imerge na subjetividade e torna-se, ele mesmo, a referência de suas palavras (CANDIDO, 1992). Nesse sentido, Candido (1992) apresenta dois eixos essenciais do gênero: textos em que a marca subjetiva, ou seja, a figura do autor está fortemente delineada; e textos em que a imagem biográfica silencia-se e a ficcionalidade criada por meio da narratividade determina a nota.

Em suas crônicas, Gonzaga Rodrigues revela nuances sociais, históricas, culturais e políticas da cidade João Pessoa (PB), logo sua produção, especialmente as crônicas, assume o *status* de médium de eternização e suporte de memória, como sugere Assmann (2011), em uma relação dual entre a literatura e o jornalismo. Gonzaga Rodrigues se utiliza da escrita

como um meio de rememorar, preservar e possibilitar a evocação das lembranças da cidade, do tempo, das pessoas, dos lugares.

Propomos aqui um salto no tempo para analisarmos as crônicas de Gonzaga Rodrigues, identificando as especificidades do gênero e suas transformações. Como já evidenciamos na metodologia, o *corpus* de análise é composto pelos dois livros de crônica do autor: *Filipéia e outras cidades* e *Café Alvear: ponto de encontro perdido*. A escolha das crônicas não se deu aleatoriamente, há um ponto comum entre elas: as que versem sobre a cidade João Pessoa e apresentem indícios memorialísticos e identitários.

Pelos motivos já expostos aqui, embora outras crônicas versem também sobre a cidade, optamos por selecionar, na primeira obra citada as seguintes crônicas: **a)** Sucessão de Cidades, **b)** A Bica, **c)** A cerveja que o mundo nos negou, **d)** Vila do Finado João, **e)** O escritor B. Rohan, **f)** No tempo de José Américo. Já na segunda obra, as crônicas selecionadas são: **g)** Amarga Lembrança, **h)** Mademoiselle Carrut e **i)** Telhado de vidro.



SUCCESSÃO DE CIDADES

A crônica *Sucessão de Cidades* foi publicada no livro *Filipéia e outras saudades* em 1993, e agrega outras observações sobre o gênero, principalmente sobre o seu meio de publicação, o jornal *A União*. Assim, o cronista trabalha com um instrumento de grande divulgação; um veículo de ideias que são lidas, meditadas e observadas por uma determinada corrente de pensamento formada à sua volta.

Como aponta Bakhtin (2003), de modo geral o escritor interpreta as intenções dos atores sociais da época, bem como das classes sociais, nesse sentido, refletimos sobre a interpretação dada por Gonzaga Rodrigues, verificando as questões identitárias da cidade de João Pessoa (PB) descritas nas entrelinhas de suas crônicas.

Para Guedes Junior (2011, p.3):

Em sua realidade experienciada, os homens, de maneiras diferentes, estão permanentemente se apropriando do espaço sobre o qual vivem e estabelecem suas mais diversas atividades e relações sociais. A vida humana é, portanto, um eterno devir de territórios que se sobrepõem e se inter-relacionam aos desmandos das relações sociais, das práticas e representações.

Na esteira do pensamento de Guedes Junior, podemos dizer que Gonzaga Rodrigues bem soube explorar esse espaço, essa cidade em que vive desde a adolescência, dissolvida em lugares, pessoas e nele mesmo, revelando seu relato pessoal, partindo de um aspecto confessional: o que viveu, como viveu, com quem viveu, entrando no cenário coletivo.

Portanto, *Sucessão de Cidades* aborda a mudança progressiva que a cidade João Pessoa passou ao longo dos tempos, mudanças que Gonzaga Rodrigues presenciou, paulatinamente. E inicia o texto com uma indagação:

Quantas Parahyba existiram de 1585 até hoje? Refiro-me à Parahyba Capital, antes Cidade da Senhora das Neves, sucessiva Filipéia, Frederica, Parahyba, finalmente João Pessoa. Quantas João Pessoa terão existido desde que aqui cheguei? (RODRIGUES, 1997, p.18).

E justifica seus questionamentos dizendo que foi a leitura de Sampaio, de Coriolano de Medeiros que o incitou a fazer tais indagações. Partindo delas, Gonzaga Rodrigues aponta informações históricas sobre a referida cidade, revelando gradativamente as formas como foi nomeada ao longo de sua existência até os dias atuais.

Para trazer à tona essas informações, o cronista evoca de suas memórias o percurso da cidade, entendendo que as próprias transformações trazidas com o tempo possibilitam que a cidade “fale” para seus habitantes; “*a cidade em que nos encontramos, percorrendo por ela observando-a*”. De acordo com Guedes Junior (2011, p. 8):

O entendimento da cidade deve partir do princípio de que ela é um instrumento material de vida coletiva. Nela estão solidificados os conflitos e os consensos, pois os pensamentos, através das ações humanas, dão forma à cidade, se materializando nas construções e no modo de viver da sociedade. Desta maneira, visualizamos também a cidade enquanto história materializada.

E Gonzaga Rodrigues segue refletindo: “*Seguramente a cidade que vive em Sampaio pouco tem a ver com a de hoje. Parece ter desaparecido com os seus viventes e fautores*”. Sobre esse aspecto, concordamos com Aleida Assmann quando afirma que “A memória Cultural é o tipo de memória que sobrevive ao tempo, que transcende o tempo de vida do indivíduo. Existiu antes de mim e existirá depois de mim. Participo dessa memória cultural enquanto estiver vivo.” (Entrevista concedida ao jornal UNICAMP em 2013, p.7).

Assim, a memória trazida nas entrelinhas da crônica nos reporta à memória cultural. Embora pareça ter “*desaparecido com os seus viventes e fautores*”, é ressignificada a partir da memória geracional, ou seja, passada de geração em geração. O próprio Gonzaga parece corroborar a visão de Assmann (2013), ao afirmar que: “*A cidade é, de fato, a vida que palpita em seus personagens, para cada geração uma cidade diferente*” (RODRIGUES, 1997, p.19). A diferença ocorre devido ao progresso, às transformações políticas, econômicas e, sobretudo, sociais.

As cidades convivem vários interesses conflitantes e, para cada um deles, a cidade assume um significado diferente. Há os interesses dos proprietários de terras, dos construtores, dos banqueiros e dos industriais, para os quais a cidade é, basicamente, um negócio. E há os cidadãos, para os quais a cidade é o lugar de habitar. Nesse entendimento, o cronista relata algumas transformações ocorridas nos espaços físicos de João Pessoa, relacionando, inclusive, as mudanças econômicas, ocorridas na da Rua Treze de Maio²³, localizada no centro de João Pessoa (**Imagem 30**).

Esta rua é intitulada por Dias (2013) como a típica rua de trás, que alcançou na década de 1970 o uso predominante de residências, porém atualmente apresenta uma variedade de usos, especialmente o uso comercial, com parte de seus imóveis sendo reutilizados para estacionamentos. Sobre essa rua, Gonzaga Rodrigues escreve:

A rua 13 de Maio me oferece três leituras diferentes: a atual, marcada pelo Serviço de Proteção ao Crédito, um estorvo na vida de muita gente. A de minha primeira estada em João Pessoa, hóspede de uma casa senhoril de azulejos portugueses que me dava a sensação de viajante bem situado. E por último a cidade de minhas leituras, na qual Coriolano me pega pela mão e vai mostrando [...]. (RODRIGUES, 1997, p.19).

Se a história evoca a memória social através da narração de um tempo, as imagens também guardam a memória, deixando registrados os flagrantes do cotidiano. O uso social de

²³A rua Treze de Maio “tem início no antigo Beco de Santa Tereza, que ladeia a capela de Santa Tereza. A direção de seu traçado é aproximadamente paralela às ruas Nova (General Osório), Direita (Duque de Caxias) e da Cadeia Velha (Visconde de Pelotas). (DIAS, 2013, p. 173).

determinada imagem permite a criação de um rito de memorização e de integração das pessoas (dentro e fora da imagem), como se apresenta a seguir.

Imagem 30: Rua Treze de maio



Fonte: DIAS (2013, p.173).

Gonzaga Rodrigues revela a importância do registro em livros sobre uma memória que ele não viveu, mas pelo sentimento de pertencimento e pelas informações registradas, ele sente a João Pessoa, narrada por Coriolano Medeiros²⁴. “A memória é aqui compreendida como uma construção social que deixa rastros ao longo do tempo, ou seja, indícios informacionais que ajudam a entender a representação de uma determinada realidade.” (OLIVEIRA; ROSA; MARIANO, 2018, p.174).

A informação transmitida no contexto da crônica revela-se de grande importância no desenvolvimento sociocultural da cidade, exercendo uma função primordial no que compete a promoção do desenvolvimento dos indivíduos ou grupo social, pois a necessidade informacional é constante e se faz presente no seu cotidiano. Como um artefato de informação e memória, é possível contextualizar a crônica historicamente “[...] visto que a memória

²⁴ João Rodrigues Coriolano de Medeiros, paraibano, nascido na cidade de Patos no ano de 1870. Dedicou-se ao magistério, à imprensa, à música, ao comércio e a várias outras atividades ao longo de sua vida, das quais destacamos a literatura. Publicou várias obras, entre elas: Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba (1914); Do litoral ao sertão (1917); O barracão, (1930); O Tambiá da minha infância(1942); Sampaio (1958); dentre outras. Escreveu em jornais e revistas da Paraíba, dirigiu vários periódicos e deixou alguns escritos no prelo. (MARIANO; ROSA; OLIVEIRA, 2018).

constitui-se de um saber, formando tradições, caminhos – como canais de comunicação entre dimensões temporais” (DIEHL, 2002, p. 116).

Desse modo, as transformações econômicas e sociais deixam marcas na cidade que conta uma história, envolvendo um conjunto de valores e hábitos que saltam aos olhos até dos menos atentos.



A BICA

A partir da leitura dos escritos de Gonzaga Rodrigues, verificamos que as crônicas dão voz a algumas das tendências inerentes ao gênero. Por um lado, há a presença do cronista por meio de sua inscrição textual: memórias são evocadas e reflexões enunciadas, elaborando um indivíduo. Por outro lado, há o que provém da narratividade, circunstância em que ocorrem figurações de personagem. É nesse jogo que suas crônicas, e a crônica como gênero literário se estabelecem.

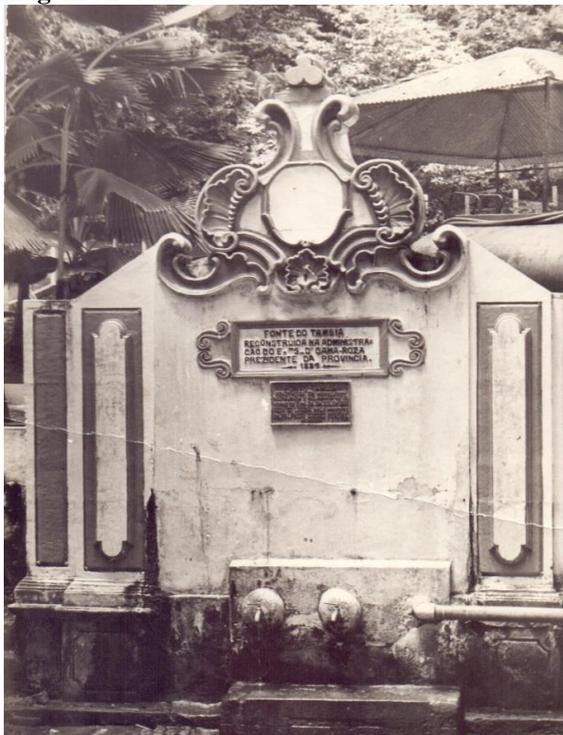
Na crônica, *A Bica*, Gonzaga Rodrigues descreve sobre a fonte do Tambiá assim: “[...] fiquemos na antiga Bica, no Arruda Câmara do Dr. Walfredo, do grande Dr. Walfredo [Guedes Pereira, fundador do Parque Arruda Câmara]. Foi lá, [...] que percorri [...]” (1997, p.34).

A fonte de Tambiá (**Imagem 31**) localiza-se no atual Parque Arruda Câmara, região que interliga o bairro Varadouro à parte alta do bairro Roger. Essa fonte representa um dos principais monumentos relacionados à história do abastecimento de água na cidade de João Pessoa (ARAÚJO, 2012), um momento de maior importância para a população pessoense em meados do século XVIII e início do século XX. Atualmente “seu frontispício encontra-se

encravado em uma depressão no interior do Parque Arruda Câmara, como símbolo de sua importância” para João Pessoa. (ARAUJO, 2012, p.139).

Sua origem é associada a uma lenda indígena, que trata de um embate entre índios das tribos Cariris e Tabajaras. Conta-se que o índio *Tambiá*, guerreiro da tribo Cariri, foi atingido gravemente e logo foi capturado pelos índios da tribo rival. Na aldeia Tabajara, *Aipré*, filha do cacique Tabajara foi ofertada ao moribundo com o título de “esposa da morte”. Mas, *Aipré* já estava apaixonada pelo jovem guerreiro *Tambiá*, e cuidou dele, que infelizmente não resistiu aos ferimentos, falecendo. *Aipré* chorou o luto de seu guerreiro, por cinquenta luas, e suas lágrimas formaram um olho d’água que veio a verter água doce e mineral da Bica. (PATRIMÔNIO PARAÍBA, 2014).

Imagem 31: Fonte Tambiá



Fonte: Acervo do jornal A União.

Fotografia: Antônio David, 13/ out./1982.

Essa fonte, como aponta Gonzaga Rodrigues (1997, p.35), “*deveria ser sagrada para a Capital, não somente pela lenda²⁵ que lhe dá o nome, mas pelo refúgio histórico e obrigatório que se tornou para o povo.*”

²⁵ Narrada por Coriolano e Walfredo Rodrigues.

O local foi batizado como Fonte do Tambiá, posteriormente o próprio nome do bairro em que o parque está instalado. A construção da fonte em pedra foi iniciada por ordem da Fazenda Real, no ano de 1782, e autorização da Provedoria da Fazenda (AZEVEDO NETTO; ROSA, 2017). Entre os anos de 1889 a 1922, a fonte sofreu diversas mudanças, sendo incorporada em 1922 ao parque que receberia o nome do botânico paraibano Arruda Câmara.

A Fonte Tambiá, bem como outras duas fontes, fazia a manutenção de água nas regiões (**Imagem 32**), no complexo franciscano, A fonte de Santo Antonio, e na região por trás do Complexo Beneditino, *A bica dos milagres*, hoje, em ruínas. (PATRIMÔNIO PARAÍBA, 2014).

Imagem 32: Fonte Tambiá, abastecimento de água para a população pessoense.



Fonte: Arquivo do Jornal A União
Fotografia: Isabel Ferreira (22/nov./1988)

A Fonte do Tambiá é tombada pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) inscrita no Livro Histórico nº176 de 26 de setembro de 1941. No caso da Bica, nome popular desta Fonte no cotidiano da cidade, faz parte da história da Paraíba “que revela seus aspectos simbólicos e culturais presentes na memória e identidade local, despertando sentimentos e lembranças dos habitantes da cidade.” (AZEVEDO NETTO; ROSA, 2017, p.94).

A visão dos autores corrobora o olhar Gonzaguiano ao relatar: “Foi lá onde aprendi a ler Augusto dos Anjos, não o poeta da morte melancólica [...], mas o poeta da vida [...]. Foi

ouvindo a Bica, com o livro de Augusto aberto, que vi, ou melhor, que senti “a alma dos vegetais rebentar, inteira, de todos os corpúsculos do pólen.” (RODRIGUES, 1997, p.35). No contexto deste fragmento, é nítida a relação que se cria com o lugar, com o valor que é dado pelo autor a este lugar e o sentimento de pertencimento.

Sobre o ponto de vista que norteia os aspectos identitários, Oliveira (1996) aponta que a construção da identidade é um processo complexo, que ocorre entre diferentes níveis, nos planos social, profissional, cultural, entre outros, emergindo a partir das identificações. Nesse panorama, a autora destaca que os valores culturais se formam através de normas, hábitos, leis, sendo fatores essenciais na construção da identidade.

Nesse sentido, Augustin e Augustin (2012, p.125) afirmam que

A cidade inventa seu passado por meio do presente, por meio da memória individual ou coletiva, ou seja, pela narrativa com a qual cada grupo reconstrói o passado. Nesse sentido, a cidade do presente identificação patrimônio e transforma espaços em lugares com significados. Dessa forma, a cidade acaba definindo uma identidade, construindo relações particulares e, conseqüentemente, sociais, recheada de especificidades; é um modo de ser, que possibilita reconhecimento e fornece aos indivíduos uma sensação de pertencimento e de identificação.

A Bica, retratada na crônica por Gonzaga Rodrigues, está inserida em um espaço social e memorialístico que os homens constroem para si mesmos. Essa relação está sempre em transformação tanto no tempo como no espaço; é a ação humana sobre a natureza e sobre a sociabilidade que determinam essa relação. Ao rememorar a Bica, o cronista revela a sua relação, mas, sobretudo, desperta no leitor a possibilidade de rememorar, de aguçar em si o sentimento de pertencimento.

Para Candau (2012) não há identidade sem memória, e nem memória sem identidade, estando as duas interligadas. Identidade como uma representação, pois uma vez que o indivíduo está inserido em um coletivo, está representado por ponto comum. (CANDAU, 2012). A identidade somos nós, em nosso coletivo e em nosso individual. Entendemos que a representação de Gonzaga Rodrigues sobre a Bica, embora seja de sua vivência pessoal, ela reporta ao coletivo de quem viveu a Bica; uma sociedade que têm esse espaço reconhecido como patrimônio cultural.

Patrimônio cultural entendido como uma construção que traz em si as contribuições das pessoas de tal maneira que elas cooperam para constituir a memória que pretende preservar. A memória, por sua vez, supera épocas onde as lembranças evocadas são “arquivadas”:

Percorri, saudoso de mim e dos meus brejos de cana, quase toda a Várzea de Zé Lins, sublinhada, a meu gosto particular, pela 'Pureza' do doutor magro e da moça nua, novela pura, sem outros artifícios a não ser aquele do ideal flaubertiano de fazer uma obra de arte do nada, pura estesia. (RODRIGUES, 1997, p. 35).

Atentamos para o fato de que a experiência individual se desenvolve no convívio com um dado grupo social e que, muitas vezes, para construir a si próprio o indivíduo precisa recuperá-lo. Com isso, ele penetra no campo da memória coletiva, ainda que permaneça devido ao seu próprio ponto de vista, no âmbito da consciência pessoal. É importante observar que o vocábulo experiência abraça um conjunto de possibilidades, dentre as quais está o tempo: “São leituras conservadas no tempo, vindas à luz associadas à ideia de parque, de Bica, de Arruda Câmara [...]. É o luxo do povo nos seus domingos de folga”. (RODRIGUES, 1997, p.35).



A CERVEJA QUE O MUNDO NOS NEGOU

A crônica *A cerveja que o mundo nos negou* discorre sobre uma antevéspera de Natal. Na ocasião, Gonzaga Rodrigues fazia o que mais amava: caminhar pelas ruas da cidade com o amigo e também jornalista Nathanael Alves. “Nesse tempo ainda me tratavam por moço – ‘tem um moço aí’ – quando eu batia palma à porta das casas” (RODRIGUES, 1997, p. 52), indicando, como diria Bergson, (1989, p.233), que, “ao medir o tempo, talvez o espaço é quem responde”. A marca temporal, com efeito, remete à lembrança de um passado caracterizado pelo acúmulo das experiências vividas. Assim, não sendo mais chamado de “moço”, Gonzaga Rodrigues sentiu como o desenrolar de um novo:

Pois não há ser vivo que não se sinta chegar pouco a pouco ao fim da sua meada; e viver consiste em envelhecer. Mas é, da mesma maneira, um enrolar-se contínuo, como o de um fio numa bola, pois nosso passado nos segue, cresce sem cessar a cada presente que incorpora em seu caminho; e consciência significa memória. (BERGSON, 1989, p.136).

Estas experiências, associadas à idade cronológica, concedem a Mnemosyne o substrato tão caro à meditação, possibilitando o “exercício do pensamento sobre si mesmo.” (FOUCAULT, 1992, p.133).

Nessa prática quase cotidiana de caminhar, a cidade ia se revelando ao cronista, saltando-lhe aos olhos as praças, os bairros, o centro da cidade com seus casarios e igrejas. Andando pelo centro, deparava-se com Varadouro, Roger, Ilha do Bispo, Cruz das Armas, Jaguaribe. Assim, ele ia acumulando material para escrever, bastava encerrar a caminhada que as imagens já dançavam na sua tela mental, e aos poucos iam se materializando nas crônicas. São escritos que se apoiam nas “pedras” da cidade, como diria Bosi (2003).

Ainda na crônica *A cerveja que o mundo nos negou*, o cronista registra:

Como ficou combinado, saímos da Praça do Carmo logo de manhã, eu e Nathanael, dessa vez para fecharmos – com o Roggers e a linha Sanhauá – o périplo ambulatório que, há dois domingos, vínhamos fazendo pelo lado mar. (RODRIGUES, 1997, p. 52).

Mas foi na Praça do Carmo, no centro de João Pessoa (**Imagem 33**), onde o passeio começou, estendendo para o Palácio do Bisbo (**Imagem 34**).

Imagem 33: Praça do Carmo e a Igreja do Carmo



Fonte: Arquivo do Jornal A União
Fotógrafo: Gustavo Maia.

Imagem 34: Praça do Carmo e o Palácio do Bispo



Fonte: Arquivo do Jornal A União

Fotógrafo: Paulo Roberto (30/jan./1989)

Na Praça Dom Adauto, em meio à arquitetura barroca e aos azulejos portugueses se davam as caminhadas. A praça situa-se no centro de João Pessoa, no entorno das grossas paredes de pedra do Palácio do Bispo, da Igreja Nossa Senhora do Carmo e do Casarão dos Azulejos, proporcionando um encontro com a memória da cidade, a João Pessoa de ontem e de hoje. A praça é compreendida por Lamas (2011) como um lugar intencional de encontro, de práticas sociais, manifestações da vida urbana e comunitária.

A Praça Dom Adauto, conhecida popularmente como Praça do Carmo, conforme denomina Gonzaga Rodrigues em sua crônica, foi inaugurada como Largo do Carmo, passando a denominar-se Campo do Conselheiro Henriques, depois Largo do comendador Antônio dos Santos Coelho, tendo seu nome modificado para Praça Dom Adauto em homenagem ao primeiro bispo e arcebispo da diocese da Paraíba, criada pelo papa Leão XIII, em 1892.²⁶ Sendo um espaço tombado em virtude de sua importância histórica e cultural, a Praça Dom Adauto é patrimônio histórico e memorialístico da cidade João Pessoa.

²⁶ Informação levantada em uma placa localizada na Praça Dom Adauto.

Para Ricouer (2007, p. 73) “[...] o exercício da memória é o seu uso”. À medida que Gonzaga Rodrigues transitava nas ruas, ele proporcionava uma escrita fotográfica poética da cidade. Assim ele escreve: “*Seguimos a linha do trem, descendo pela Ilha do Bispo, a lama dos casebres e a nuvem de cimento subtraindo dos aldeados de hoje a terra e o céu que os fundadores haviam prometido. Nesta ilha dos anos sessenta não se via o céu e em nada sólido se pisava*”, como podemos visualizar a seguir:

Imagem 35: Bairro Ilha do Bispo



Fonte: Arquivo do Jornal A União.

Imagem 36: Fábricas no entorno da Ilha do Bispo



Fonte: Arquivo do Jornal A União

Fotografia: Olenildo Nascimento (16/jan./1994)

De acordo com Rodriguez (1981) a Ilha do Bispo é um bairro que nasceu como resultado do povoamento em torno do Cruzeiro da Graça, chamado, posteriormente de Cruzeiro de Cruz das Armas, como a Ilha do Bispo, que inicialmente foi composta pelos antigos sítios que circundavam o centro da cidade e que gradativamente foram se urbanizando.

Nesse contexto Koury (2011) ratifica ao afirmar que o lugar era habitado por poucas moradias, composto por sítios e pelo Engenho da Graça, pertencente ao clero católico. O autor afirma que “o processo sistemático de ocupação e urbanização do bairro, contudo, acontecerá, principalmente, a partir da segunda metade da década de 1930 [...]” (KOURY, p.554, 2011) concomitantemente com a inauguração e o funcionamento da fábrica de cimento e da usina de óleo Matarazzo. O bairro Ilha do Bispo sofreu grandes transformações econômicas e sociais durante esse período. Neste bairro o comércio e a indústria fervilhavam, lá funcionava o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Cimento, Cal e Gesso. O cinema São José que foi o primeiro e único cinema que existiu no bairro. A Matarazzo fabricava sabão e óleo, e lá trabalharam muitos habitantes desse bairro. Atualmente a fábrica está abandonada, servindo de depósito para entulhos e carros velhos.

Quanto ao Rio Sanhauá, ele já saciou a fome de muitas famílias que moravam nesse bairro e tiravam de suas águas e manguezais o sustento de seus filhos. Nele a pesca era abundante, mas a ação do próprio homem está matando pouco a pouco o que dele restou. (FLORES, 2016).²⁷

No cenário industrial, havia algumas fábricas como: Fábrica Sanhauá (fabricante do guaraná Sanhauá e do vinho caju); a Soares de Oliveira e Abílio Dantas que fabricavam agave; por fim, a Portela Fábrica de Cimento, atual Cimpor. Gonzaga Rodrigues, sabendo e presenciando muitas vezes essa realidade no bairro, revela o céu poluído das fábricas e o chão do mangue do Sanhauá, fazendo reflexão para uma problemática social vivida pelos moradores do bairro, inclusive denunciando por meio da crônica o ar poluído e o chão do mangue.

Contextualizar sobre o lugar implica em abordar a memória do indivíduo em relação ao lugar. Isso porque a memória traz a possibilidade de recuperá-lo. Assim, o bairro se coloca para o cronista como lugar da reprodução da vida imediata. O bairro como espaço da prática social se revela no espaço vivido, abarcando a condição da vida material, que ganha sentido

²⁷ Entrevista concedida pelo historiador paraibano Pedro Antônio das Flores, ao jornal online “Paraíba mais” publicada no dia 02 de janeiro de 2016, na seção Economia, acessada pelo endereço eletrônico: <http://www.paraiba.com.br/2016/01/02/57219-a-ilha-do-bispo-ontem--e-hoje--conheca-a-historia-de-um-dos-bairros-mais-antigos-da-capital>. Acesso em: 20/abr./2019.

na vida cotidiana. Para Carlos (2001), nessa dimensão concreta ocorre a produção de laços de solidariedade entre os habitantes.

As situações outrora vividas por Gonzaga Rodrigues suscitam lembranças de outros momentos da vida. Assim, a memória se curva ao desejo do intelecto que seleciona as lembranças e reflete sobre elas. É importante frisar que o escritor de crônicas, procura retratar os bairros, a cidade, os monumentos, a natureza, como é o caso do Rio Sanhauá. Ele explora esses lugares “como um registro não só de práticas sociais, mas de memórias coletivas, o que nos leva a considerar a cidade como um dispositivo de transmissão de informação, um estoque de conhecimentos e experiências que constitui a própria cidade.” (GUEDES JÚNIOR, 2011, p.7-8). Desse modo, as crônicas permitem identificar as memórias estabelecidas com os lugares.

Ainda na descrição que faz Gonzaga Rodrigues (1997, p.53), ao caminhar pela cidade com o amigo Nathanael, ele assim relata:

[...] indo chegar na Praça do Quinze, no alto de Cruz das Armas. Dali passamos [...] sítio Jaguaribe. Jaguaribe de casinhas de palha[...] dos jambeiros, jaqueiras, mangueiras e frutas-pães que a pobreza plantou. Saímos do verde e encontramos num descampado que Montepio abriu para levantar o bairro de Fátima, na Torre, casas certinhas a perder de vista.

No caminho percorrido, o cronista revela o crescimento de João Pessoa, que se inicia nas margens do Sanhauá e vai se ampliando, entre o rio e o mar. Os bairros por ele narrado são bairros que cresceram com a cidade, especialmente o bairro de Jaguaribe, tornando-se um bairro tradicional da cidade. Nesse sentido, Oliveira (2012, p.1) nos incita a pensar que:

A atividade de lembrar, portanto, não é solitária: nossas lembranças estão pontilhadas pelos outros, mesmo quando deles não temos a presença física. Pelo fato de não se configurar simplesmente na condição de registro, é importante perceber que a memória individual ancora-se na memória social ou coletiva e vice-versa posto que, juntas, formam um imbricado tecido que abarca as nossas lembranças.

O bairro Jaguaribe foi ocupado desde o período colonial até os séculos XIX e XX, preservando alguns aspectos rurais. Apesar da proximidade com o Centro da cidade e com o Varadouro, por longo tempo esse bairro estava distante da parte central da cidade, isso porque não existia ainda uma infraestrutura de ruas que viabilizasse o acesso entre os bairros. (MENDONÇA, 2010). Sobre este aspecto Chagas *et al* (2000) relatam que os primeiros caminhos foram abertos em meados do ano 1910, levando a ocupação do bairro. Revelando-se dois extremos sociais, um lado ocupado por migrantes pobres advindos do interior fugindo da seca, e o outro ocupado por

uma elite, os proprietários de terras rurais que fixaram suas moradias na parte mais próximas ao bairro Varadouro, região que tem a rua Trincadeiras e a Avenida João Machado. Jaguaribe revela muitas memórias em nosso cronista, tanto que a descreve como um lugar de passeios, de ir à missa dominical, e espaço que envolve um sentimento de pertencimento.

A esta altura do texto, já podemos organizar o ideário nele exposto: o mundo ficou devendo aos dois amigos a tão desejada cerveja. “*A secura interior, a fresca espuma da cerveja brilhando aos seus olhos e lavando as almas*”, não aconteceu. “*Tens dinheiro? Tenho não, cortou Nathanael*”. Foi assim que o mundo ficou devendo a ambos essa cerveja: “*Nathanael tomou muitas outras, até com tira gosto melhores, mas jamais a que a vida nos pedia naquela véspera de Natal*”.

Portanto, nas memórias de Gonzaga Rodrigues há uma percepção que o mantém dentro dos limites daquilo que sabe a respeito de si mesmo, dos demais personagens e dos acontecimentos nos quais esteve envolvido.



VILA DO FINADO JOÃO

Na crônica *Vila do Finado João*, Gonzaga Rodrigues passeia pelo rio Sanhauá, refletindo sobre seu entorno, o Porto do Capim, a Maciel Pinheiro e o bairro Varadouro. Apresenta os caranguejos do mangue em sua abundância e escreve até sobre futebol paraibano, o time Treze, o Auto ou Botafogo da Paraíba. Menciona a escritora e jornalista Maria José Limeira, ícone da literatura paraibana, evocando de suas memórias a convivência entre ambos e assim escreve: “[...] *face a face com a estação, de cujas vizinhanças [...] Maria José Limeira foi-se inspirar para escrever o melhor conto da literatura paraibana*” (1997, p.32), trazendo à memória, a saudosa escritora. E para complementar, fala do abastamento às

margens do rio e sobre os mangueirais presentes nas ruas do centro da cidade, “*hoje um pouco menos, no passado muito mais*”. (RODRIGUES, 1997, p.32).

Quem passar hoje pela rua João Machado ainda pode se deparar com os mangueirais, porém não mais repletos da fruta, como nos tempos descritos por Gonzaga Rodrigues. “Nas mangueiras da João Machado, a doença se formou nas copas. As feridas se espalharam pelos galhos. Quando se faz uma poda numa árvore doente e usa-se o mesmo instrumento numa saudável, ela vai ser contaminada. Quando o fungo fica na raiz, a morte é mais rápida. A ação é mais forte” (ARAGÃO, 2016)²⁸.

Conforme ratificam Lima e Moura Filha (2004), a cidade João Pessoa, ao nascer às margens do rio, se beneficiou tanto de sua presença, como sob o aspecto da acessibilidade. Para Reis Filho (2000, p. 124), “sua geografia localiza-se em um alto apontando a visibilidade de todo o seu entorno. Na ribeira do Sanhauá, instalou-se um pequeno porto, com foco no desenvolvimento econômico à época, propiciando à cultura da cana de açúcar”.

Cruz (2015) corrobora Lima e Moura Filha (2004), ao destacar que a cidade João Pessoa, mesmo sendo litorânea, surgiu no Centro, tendo o rio Sanhauá (**Imagem 37**) como referência para o seu nascedouro, o ponto inicial da cidade, tendo a formação dos primeiros bairros em seu entorno.

Gonzaga Rodrigues (1994, p. 19) reconhece que João Pessoa é uma “[...] cidade debruçada sobre as margens do rio Sanhauá [...]. Entre o rio e o mar, decorre a vida da cidade”. *Esse rio traz beleza e revela-se fundamental para o firmamento da cidade, é para muitos um meio de sustento e de sobrevivência*”.

O cronista considera os caranguejos componentes importantes no contexto do rio Sanhauá, transitando cotidianamente nas “*águas mansas de fundo coalhado de lama do Rio Sanhauá. [...] uns caranguejos que deixavam a lama do Sanhauá e vinham pelas suas próprias patas se oferecer à freguesia da ladeira da rua da república*”. (RODRIGUES, 1991, p.16). Assim é a memória do cronista, trazendo o presente esculpido pela experiência e pelas informações do passado.

²⁸ ARAGÃO, A. D. Doença, queda e obras: João Pessoa perde 70 árvores em 2015 e fica menos verde. **Jornal Correio da Paraíba**, 07 de janeiro de 2016.

Imagem 37: Rio Sanhauá



Fonte: Arquivo do Jornal *A União*

Fotografia: João Lobo (28/jun./1995)

Para cidade João Pessoa, o rio Sanhauá e o seu entorno desempenham um papel importante na relação entre a paisagem natural e o contexto cultural. Nesse sentido, Cruz (2015, p.35) reconhece que "com o passar do tempo, conseqüentemente haverá o desaparecimento de algumas funções desempenhadas por esse setor em outras épocas". Essa região da cidade, especialmente o Centro Histórico, onde se situa o rio Sanhauá, ocupa papel relevante no campo da memória.

O fato de a cidade ter nascido no entorno do referido Rio, torna essa área um local importante e pode ser considerado um reduto da história local. As informações históricas da cidade João Pessoa são legitimadas pelos locais, e a memória ressignificada torna ainda mais latente o sentimento de pertencimento dessa sociedade. Ao descrever as ladeiras do Varadouro, o Porto do Capim e a Maciel Pinheiro, o cronista aproxima o leitor desses espaços, dos espaços de suas memórias, das memórias que estão vinculadas aos lugares, isto é, à cidade.

A memória da cidade e a própria cidade "acabam definindo uma identidade, construindo relações particulares e, conseqüentemente, sociais, recheadas de especificidades; um modo de ser que possibilita reconhecimento e fornece aos indivíduos uma sensação de pertencimento e de identificação" (AGUSTIN; AGUSTIN, 2012, p. 25). Agustin e Agustin

(2012) tratam a memória de uma sociedade como um referencial de conduta, considerando-a como um eterno devir, pois sem memória não há identificação, e a cultura corre o risco de desaparecer destruindo as consistências sociais de caráter coletivo.

Gonzaga Rodrigues ao materializar as suas memórias - as memórias da cidade e do centro histórico - potencializa a crônica como um espaço de memória capaz de gerar identificações e fortalecer a cultura local, servindo como um meio potencializador das questões identitárias da sociedade pessoense em torno dos lugares.

Gonçalves e Kiyotani (2014) apontam que a comunidade do Porto do Capim (**Imagem 38**) é parte do Varadouro, formada por aproximadamente quinhentas famílias, ocupando um espaço que começou a ser edificado em 1585, situando-se às margens do rio Sanhauá. Essa comunidade fica na parte baixa do bairro Varadouro, como se pode visualizar na ilustração a seguir:

Imagem 38: Porto do Capim



Fonte: Arquivo do Jornal A União.

Ao longo dos séculos, “O Porto do Capim foi se consolidando como um importante pólo comercial, voltado para o escoamento da produção local e também para a entrada de mercadorias provenientes de outras regiões do Brasil, além do exterior.” (SILVA, 2015, p. 2244). A partir da década de 1940, a região do Porto do Capim foi paulatinamente perdendo sua condição de centro mercantil e financeiro da capital e entrou em decadência. Com o processo de enfraquecimento econômico, a área e as instalações do antigo porto foram desativadas e

abandonadas pelo poder público, passando a ser ocupada pelas famílias de pescadores e marisqueiros ribeirinhos que já viviam nas suas proximidades. Atualmente nessa região

Tem-se desenvolvido atividades como a pesca, a catação de caranguejo e a coleta de mariscos que, embora não caracterizem a ocupação da maior parte da população, são, de fato, relevantes para a subsistência e a renda de um número representativo de famílias. Além delas, o vínculo com as águas do rio e com os manguezais é expresso na existência de trapiches onde os barcos dos moradores atracam e onde os mesmos são restaurados e construídos. (GONÇALVES; KIYOTAN, 2014, p.9).

Gonzaga Rodrigues rememora a Rua Maciel Pinheiro (**Imagem 39**), assim intitulada por ele de Maciel, localizada no bairro do Varadouro, com uma extensa rua comercial. Essa rua denominada de Antiga Rua das Convertidas apresenta “*vocação mercantil e pouco religiosa*”. Seu trecho final vai até a Praça Antenor Navarro. Até os anos 1940, um comércio varejista de luxo constituiu a parte norte dessa rua em uma espécie de vitrine da cidade (DIAS, 2013).

Assim as memórias de Gonzaga Rodrigues, atreladas ao Centro Histórico da Cidade, revelam a importância que ele dá a essa região. Essa região é tombada pelo IPHAN e pelo IPHAEP representando a sua importância e dimensão sócio-política e cultural para a cidade.

Imagem 39: Rua Maciel Pinheiro



Fonte: Arquivo do Jornal A União.

A crônica de Gonzaga Rodrigues é uma espécie de recordação carregada de desejo de atenção e pertencimento. Ao socializar a crônica, o cronista se permite recordar, consentindo também ao outro, em uma ação dual. Assim, a crônica apresenta-se como um suporte da memória, e possui uma força de conservação, de interação, possibilitando a constituição de uma memória que ultrapasse gerações. (ASMANN, 2011).

Nessa crônica, Gonzaga Rodrigues busca revelar para o leitor uma João Pessoa arborizada, um centro da cidade repleto de mangueiras, tomando como ponto de apoio os bairros do Roger e Jaguaribe, que junto ao Varadouro e ao Tambiá formaram os primeiros bairros da cidade: “Do Roger a Jaguaribe, as mangas caíam sem dono [...]” (RODRIGUES, 1997, p.32). As mangas que caíam eram um atrativo para a população, e como relata Maciel (2011, p.1): “Quando nós íamos chupar manga nas mangueiras da avenida João Machado era uma festa”.

Diante desse panorama, entendemos que “[...] a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado” (BOSI, 2003, p.20). No caso das crônicas, essas são carregadas de memórias que, embora partam da individualidade do cronista, alcançam a coletividade, a partir do pertencimento dos leitores na história da cidade, atingindo o seu potencial identitário.



O ESCRITOR B. ROHAN

Na crônica intitulada O escritor B. Rohan, Gonzaga Rodrigues comenta sobre uma propaganda eleitoral do candidato à presidência da república, Fernando Henrique Cardoso, e em um comparativo destaca a imagem de B. Rohan, considerando-o como “[...] o presidente mais avisado que já governou a Paraíba” (RODRIGUES, 1997, p.58).

O comentário sobre a propaganda parece ser apenas um pretexto utilizado por Gonzaga Rodrigues, para escrever sobre Henrique Pedro Carlos de Beurepaire Rohan (1857-1859), mais conhecido como B. Rohan, que foi presidente da Província Paraíba, destacando-o tanto no percurso político como ofício de escritor: “*Em verdade, do Império da República, não tivemos outro governante de formação, espírito, preocupações e experiências mais fecundas, engenheiro mandado para aqui em 1857 [...]*” (RODRIGUES, 1997, p.58).

O cronista ressalta a competência política de B. Rohan, evidenciando sua habilidade nas questões administrativas, bem como na execução de estudos sociais e econômicos, preocupando-se inclusive com a pesquisa científica.

Esta crônica tem um caráter memorialístico, mas, sobretudo informativo, trazendo à tona informações sobre a vida política de B. Rohan. Nesse contexto, a informação apresentada por Gonzaga Rodrigues é uma informação que tem sua compreensão vinculada a uma estruturação sociocultural, disseminada a partir daquilo que é interpretado e constituído no indivíduo. (AZEVEDO NETTO, 2002).

Neste caso, a interpretação de Gonzaga Rodrigues possibilita novas interpretações e significações, partindo do princípio de que a informação só tem existência quando é percebida como tal, e só é estabelecida esta percepção quando, de algum modo, em alguma circunstância, é criada essa relação de significação.

Gonzaga Rodrigues evidencia B. Rohan como um homem de uma visão para frente de seu tempo, preocupado com questões sociais, mas preocupado, sobretudo, em trazer soluções, como no caso dos índios, que segundo o cronista B. Rohan teve a primeira visão moderna no tratamento com os índios. “[...] *antecipando-se o Rondon nas propostas e até na prática.*” (RODRIGUES, 1997, p.59).

O Projeto Rondon foi idealizado pelo professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, antiga Universidade Estadual da Guanabara, professor Wilson Choeri, o nome do projeto se deu em uma homenagem ao Marechal Cândido da Silva Rondon, um homem que lutou pela integração nacional. (BARRETO, 2008). Este projeto fez progresso no Brasil, desbravou terras, bem como, estabeleceu relações cordiais com os índios. Ele foi criado pelo governo brasileiro a partir do Decreto n.º 62.927, de 28 de junho de 1968, tendo por finalidade a promoção de estágios para os estudantes universitários, por meio de prestação de serviços às áreas e às populações carentes de recursos no Brasil. Esse projeto ajudou muito aos índios. (FREIRE, 2009).

Gonzaga Rodrigues segue o texto relatando que o potencial de estadista é um viés de B. Rohan revivido por aqueles que se referem a ele, porém, lamenta a ausência do conhecimento da sociedade de uma maneira geral, sobre ele e seus feitos: “[...], *não é o*

grande administrador, o estadista ou mesmo o cientista o que mais surpreende nesse vulto de quem o povo conhece apenas a rua”.

Percebemos a necessidade de Gonzaga Rodrigues em informar através da crônica quem foi Henrique Pedro Carlos de Beaurepaire Rohan, reforçando a ideia de que quando ele esteve à frente da Paraíba, abriu estradas no interior, distribuiu arados e sementes, estimulou o plantio do café no Estado, fundou a Biblioteca Pública e o Jardim Botânico, além de ter fundado o Colégio das Neves e escolas industriais, entre outros feitos. Ele fez história na Paraíba, especialmente na capital; ele fez pelo povo muito mais do que uma simples rua. A necessidade que Gonzaga tem de evocar através das memórias a contribuição de B. Rohan não cessa na percepção dele no contexto político, ele agrega no texto o viés literário, revelando-o assim:

É escritor, o estilista da linguagem clara, precisa e moderna, numa província e numa época em que a melhor escrita era, exatamente, a que mais vedasse o acesso à maioria dos leitores. Em 1858/59, B. Rohan escrevia [...]. Sem torneios de frases, sem palavras difíceis, trabalhadas com clareza e propriedade de linguagem. Antes de ser sábio administrador é consciente escritor. (RODRIGUES, 1987, p.59-60).

O cronista evoca de suas memórias características desse estadista como um escritor que visa à acessibilidade e à compreensão de seus escritos, e à disseminação da informação sem distinção. Para ele, B. Rohan via a informação como algo importante e necessário ao desenvolvimento sociocultural da humanidade. A inquietude de Gonzaga Rodrigues em tornar reconhecido esse homem da política e das letras, e que não é apenas uma rua da cidade João Pessoa, é uma forma de tornar a memória matéria prima do conhecimento, conforme compreende Godelier (2001).

Para Godelier (2001) a memória evocada torna-se elemento importante para a construção do conhecimento, assim como a informação, pois no processo de relação da memória com o conhecimento, a informação é o elemento essencial, sendo o indivíduo leitor aquele que sincroniza a informação com a memória, fazendo emergir um novo conhecimento. No caso de nosso cronista, diríamos que se trata de uma maneira de propagar essa memória desconhecida, descortinando informações acerca do homem que buscou e implantou soluções que beneficiassem a Paraíba. Por isso ele merece uma memória além do nome de uma rua, como enfatiza Gonzaga Rodrigues. Com isso, o cronista instiga sugerindo pensar a construção de um campo profícuo de estudos sobre B. Rohan, que se poderia designar como uma crítica biográfica, atenta à natureza social e encarnada da memória.



NO TEMPO DE JOSÉ AMÉRICO

Em muitas das crônicas que compõem a obra “Filipéia e Outras Saudades” Gonzaga Rodrigues narra o cenário político e cultural da cidade João Pessoa, destacando nomes de pessoas que fizeram parte da história política do Brasil e da Paraíba, a exemplo José Américo de Almeida.

Em “No tempo de José Américo”, o cronista relembra a sua vida entre 17 e 21 anos de idade, período do governo de José Américo de Almeida na Paraíba e destaca: “*O governo de José Américo pegou-me entre 17 e 21 anos, quando o gosto pela vida para mim, vinha por escrito, sabendo a livro.*” (RODRIGUES, 1987, p.61). O texto traz como protagonista da história narrada o próprio cronista, que relata a sua aproximação com os livros e a Biblioteca Pública como seu guia. “*Tornava a Biblioteca Pública, minha principal condução, e saía por aí, sem limites de terra, nem de tempo [...].*” (RODRIGUES, 1987, p.61). Traz o cenário do Alvear, Ponto de Cem Reis, Liceu Paraibano e relata acontecimentos políticos e socioeconômicos, como a fundação da Universidade Federal da Paraíba. O cronista tem no espaço da cidade um rio de lembranças, emprestando sua visão sensível para escrever sobre si, e sobre este mundo.

Gonzaga Rodrigues é narrador e personagem de si mesmo, contando tanto as histórias que viveu quanto a poesia dos lugares, e ainda relata sobre os acontecimentos de sua vida. Nesse itinerário compreendemos a crônica como gênero híbrido, retratando pelo fio da literatura os aspectos históricos, culturais, sociais, econômicos e políticos da cidade João Pessoa, o que agrega seu viés jornalístico. Assim ele descreve: “[...] *andando no Ponto de Cem Réis [...] no antigo Alvear como se entrasse no café parisiense. [...] Pisava em páginas, vivia livros, era mais personagem que leitor.*” (RODRIGUES, 1987, p.61).

O cronista revela o Ponto de Cem Réis (**Imagem 40**) como um espaço muito frequentado pela população pessoense, especialmente entre as décadas de 1950 e 1970, quando as pessoas conversavam, contavam história, “falavam da vida alheia”, tomavam cafezinho, e tinham o Ponto de Cem Réis como um verdadeiro ponto de encontro. Localizado no Centro de João Pessoa teve seu cenário modificado diversas vezes, não deixando de configurar-se como espaço vivo, embora, atualmente vigore com uma força política e cultural em menor proporção, mas continua sendo um espaço de convergência, um ponto de encontro onde as pessoas representativas da cidade se concentravam.

O Café Alvear foi especialmente famoso na década de cinquenta, conhecido como Café do Ponto de Cem Réis. Era o espaço que lançava candidatos, um verdadeiro termômetro político e cultural da época. Um espaço frequentado por pessoas que compunham o cenário jornalístico e político da Paraíba.

Imagem 40: Ponto de Cem Réis



Fonte: Arquivo Humberto Nóbrega²⁹.

O Liceu Paraibano foi a escola que Gonzaga estudou logo que veio morar em João Pessoa, mas decidiu abandonar os estudos nessa escola e, em um ato de decisão, opta por tornar os livros o seu maior ensinamento. Para ele, os livros assumem o papel de universidade, e a crônica é tomada nesse momento como um espaço confessional, uma forma de aproximar ainda mais o autor do leitor.

²⁹ O arquivo Humberto Nóbrega encontra-se na Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba.

Na crônica, os lugares Ponto de Cem Reis e o Café Alvear são referenciados como espaços de memória, acolhendo acontecimentos de valor histórico, cultural e social da cidade João Pessoa. Nesses espaços ocorrem vivificações que poderão reativar a recordação ou serem eles a própria recordação (ASSMANN, 2011). Para Assmann (2011) lugares de memória são aqueles locais: das gerações, em que há uma ligação duradoura com histórias de famílias; honoríficos, que significam algo que foi interrompido, ficando apenas restos ou ruínas; locais traumáticos, que preservam um passado que, muitas vezes, não quer ser lembrado; ambientes sagrados.

No caso dos espaços mencionados pelo cronista, o Ponto de Cem Réis, por exemplo, assume na perspectiva de Assmann (2011) um papel geracional, carregando memórias que passam de geração em geração. Já o Café Alvear não existe mais, entretanto continua tendo um papel de espaço honorífico, de algo que foi interrompido, não existe fisicamente, mas resta-lhe a materialidade do que está registrado no papel ou na memória dos que viveram o Alvear e se alimentaram de sua cultura, de seu momento político e o social.

Mencionado na crônica de Gonzaga Rodrigues, o Liceu Paraibano revela a possibilidade de assumir, igualmente ao Ponto de Cem Reis, um espaço de memória geracional, embora no caso de Gonzaga Rodrigues, seja um espaço que teve curto período de suas vivências, por opção mesmo do escritor: *“O gosto pela vida, era o que as leituras me infundiam. Tanto que larguei o Liceu, deixei de ser doutor ou bacharel, simplesmente para tomar as dores de Lima Barreto”*. (RODRIGUES, 1987, p.62).

O cronista segue revelando a sua admiração por José Américo de Almeida e pela política empreendida por ele, de valorização da educação e da cultura. José Américo de Almeida (1887-1980) foi escritor e político brasileiro. Na política teve maior projeção do que na literatura. Foi governador da Paraíba e no seu mandato fundou a Universidade Federal da Paraíba, sendo nomeado o primeiro reitor. No governo de Getúlio Vargas, foi Ministro da Viação e Obras Públicas, sendo eleito posteriormente Senador pela Paraíba. (FRAZÃO, 2019).

Frazão (2019) destaca que no campo da literatura, a obra de maior destaque é "A Bagaceira", marcando o início da Geração Regionalista do Nordeste. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras no ano de 1966, ocupando a cadeira nº. 38. Foi também advogado, professor universitário, folclorista e sociólogo.

E o cronista prossegue relatando suas preferências:

Nesse tempo, entre o açude e a frase de José Américo eu preferia a frase. Dava todos os latifúndios reais por um quinhão de terra imaginado. Construção não era a que pedisse letras, se montasse em hastes e serifas gráficas, partisse de minúsculos traços e construísse um mundo. (RODRIGUES, 1997, p.62).

E ressalta nosso cronista:

Gravei desse tempo ou desse reinado de José Américo a facilidade que nos oferecia de passearmos simultaneamente na mesma calçada com grandes celebridades do país. [...] Zé Lins, Tristão de Ataíde, Gilberto Freyre, Assis Chateaubriand, figuras difíceis de se dissociarem da sua imagem, chegavam a vulgarizar-se nas calçadas da Paraíba. (RODRIGUES, 1997, p.62).

Além das personalidades citadas por Gonzaga Rodrigues, outras também fizeram parte desse rol: “*Juarez Távora, Juracy Magalhães, Carlos Lacerda, que frequentemente passeavam a fama pelos nossos cafés*” (RODRIGUES, 1997, p.62-3).

Nessa crônica, as personalidades apontadas por Gonzaga Rodrigues servem ao propósito de ressaltar uma imagem histórica e, por que não, elitista da cidade. Essa representação implica uma manipulação das memórias, a que o lugar procura emprestar; um lugar de se imaginar a cidade e de construção de identidades locais. Essa crônica viabiliza ainda, a construção de uma imagem de espaço com feição mítica, baseada numa temporalidade – a de um tempo vazio, em termos benjaminianos, isto é, um tempo propício ou momento oportuno, pois na modernidade, o isolamento nos impede cada vez mais de rememorar. O lugar mítico, a que nos referimos, por sua vez não é o símbolo da rememoração histórica, é exatamente o seu contrário, por abster-se de um processo reflexivo, o de torna-se ausente de conexões com o mundo material.

Essa representação de lugar – as calçadas - não deixa de ter um caráter patrimonialista. As lembranças de grupos que foram aliados do processo de enunciação do relato legitimador desse espaço histórico não são referenciadas na crônica de Gonzaga Rodrigues, justamente por serem pessoas que não constam no arquivo das memórias desses espaços. De tal maneira que o tempo é atravessado por outros relatos e temporalidades, evidenciando a heterogeneidade da cidade, em seu hibridismo cultural, social e intelectual. Hoje não se transita mais pelas calçadas, pois há um número significativo de profissionais que trabalham na informalidade, ocupando esses espaços. O tempo é atravessado e rasurado por outros relatos, e as calçadas já não suscitam mais inspiração ao poeta.

No contexto desta crônica percebemos uma narrativa informativa e memorialística. À medida que o cronista poetisa o texto, traz gradativamente informações que marcaram a época, como a fundação da Universidade Federal e a presença de grandes nomes da literatura brasileira que circulavam por João Pessoa. Entendemos mediante o contexto, que a memória está vinculada a um portador, no caso Gonzaga Rodrigues. Ao materializar as suas crônicas, ele estabelece uma ponte entre o passado, o presente e o futuro, resultando de um processo

seletivo, registrando fatos que marcaram uma época; que marcaram a sua vida, e em seu viés identitário, tem a potencialidade de alcançar a memória do outro, em sua essência cultural. A partir da materialidade da informação, compreendida em seu aspecto cultural, é que se constitui na articulação de vários segmentos: a linguagem, os sistemas sociais, os espaços e os sujeitos. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2000).

A informação revelada na crônica, “No tempo de José Américo”, estabelece a materialidade, viabilizando uma relação de significação do tempo. Nesse entendimento, o passado é algo morto, concluído em si mesmo. O tempo aparece como algo imóvel e plenamente acessível, como se a sua verdade fosse inescapável. Assim, o passado se apresenta como algo eterno, e o *continuum* da história o afasta cada vez mais das pessoas, sendo abstraído de tal maneira que só aparece para justificar o futuro. Desse modo, a ideia do tempo perde a sua temporalidade e se espacializa, tornando-se infinita como extensão, mas predizível como conteúdo. (DOMINGUES, 1996).

Gonzaga Rodrigues, num misto de saudosismo e lembranças, conclui seu texto lamentando a morte de José Américo: “*Foi-se o Velho e foram-se os convidados. A impressão que deixou é que a Paraíba era ele, espírito que se fez terra e terra que se fez água tão logo sumiu o guardião e timoneiro.*” (RODRIGUES, 1997, p.63).



AMARGA ESPERANÇA

O gênero crônica possui uma relação estreita com o tempo, servindo de referência a muitos cronistas que relatavam os feitos históricos. A ideia de tempo está relacionada à de movimento, ao que se passa em um período. A ideia de registrar o ocorrido em um intervalo

de tempo serve de memória do que já passou, e tal característica marca os textos produzidos por Gonzaga Rodrigues, especialmente em “Amarga esperança”, uma das crônicas que compõem a obra *Café Alvear*.

A crônica *Amarga esperança* assume o caráter de relato sobre cenários e personagens, a partir da vivência do próprio autor, de tal maneira que os fatos narrados ganham certa materialidade. Essa materialidade assegura aos fatos a permanência, impedindo que caiam no esquecimento. Adotando essa estratégia, Gonzaga Rodrigues estabeleceu o princípio básico da crônica: registrar o circunstancial. Desse modo, enfocando o cenário do *Café Alvear*, a labuta do garçom entre a limpeza das mesas e o registro dos pedidos dos clientes, e seus poucos recursos financeiros, assim registra:

Limpendo as outras mesas, cantando o pedido da cartola bem passada ou da média inglesa com pão ao forno, o garçom voltava-se de vez em quando para a mesinha à parede, como se eu estivesse a tomar, indevidamente, o lugar de um melhor freguês. (RODRIGUES, 2003, p.26).

A partir da crônica publicada, percebemos a consciência e a intencionalidade do escritor em não apenas ajudar a preencher o espaço vazio destinado ao entretenimento, mas, principalmente, em utilizar de sua habilidade com a escrita para não deixar cair em total esquecimento o *Café Alvear*. O espaço era o Ponto de Cem Réis, considerado um termômetro político e cultural da cidade João Pessoa. Um ponto de encontro para intelectuais e políticos, e uma das principais fontes de notícias boca a boca, de fofocas, piadas, e de assuntos culturais. Conforme o próprio cronista relata: “*Alvear foi café. Foi a nossa principal bolsa de notícias, mexericos, piadas de bom ou mau gosto, ponto político e de assuntos culturais até meados dos anos sessenta.*” (RODRIGUES, 2003, p.3)

Evocando de suas memórias a vivência no cotidiano do *Café Alvear*, Gonzaga Rodrigues se indaga: “Que fim levou?”. E numa crônica publicada no jornal *A União* a resposta veio à tona:

Onde está o café? E surte-me um instante de vaidade venturosa. Eu mesmo me respondo: “O café está em teu livro, Gonzaga!”. Que pretensão! Onde está ou para onde foi, realmente, o Ponto de Cem Réis? Octacílio, Adalberto, Santa Cruz, oráculos do seu tempo, o teriam levado com eles? (RODRIGUES, 2019, p.2).

Saindo das aulas noturnas no Liceu Paraibano para desfrutar do bate-papo no *Alvear*, na maioria das vezes “*sem cigarro, sem um níquel no bolso*”, o cronista sentara ali “*atingido pelo hábito que começara a adquirir da média inglesa ou da cartola*”. Ele seguia em

companhia dos amigos e colegas da escola, Baú Montenegro e Isauro Peixoto Filho, rumo ao café onde mergulhava no campo das letras e das ideias.

Para Gonzaga Rodrigues o café, que deu nome à obra *Café Alvear*, lançada em 2003 e sua segunda edição em 2010, tem uma importância sociológica e emocional muito forte. Trata-se de um espaço no qual as pessoas degustavam além do café, as informações culturais, políticas e intelectuais da época que chegavam a influenciar a cabeça dos jovens. Um lugar propício para o cronista que amava a poesia; observava as pessoas que ali frequentavam; e aprendia com elas trazendo um olhar perspicaz de quem fez “*dos livros a sua maior escola*”. O próprio Gonzaga Rodrigues relata em entrevista ao amigo José Nunes (2006) que queria ser poeta. “*Vim com esse sonho literário. Chegando aqui, o choque foi que não tinha ninguém esperando a minha poesia.*”

Retomando o cenário do *Café Alvear*, relatado por Gonzaga Rodrigues nessa crônica, uma passagem do texto chama atenção pelo senso de humildade ali expresso, ou seria sentimento de inferioridade? É o próprio cronista quem responde:

Mas sem nada a pedir naquela noite, a não ser desculpas, caso o garçom tornasse mais explícita a intimidação que os seus olhos me lançavam. Ele estaria reclamando mesmo ou era o complexo de toda a vida, adquirido com a severidade das recomendações de dona Antonina, e que ali já começava a emitir os primeiros sinais, isto é, de que nunca se deve botar o pé adiante da mão ou entrar onde não se é chamado. (RODRIGUES, 2003, p.27).

E segue refletindo:

Estávamos em meado de 1951, eu não era nada no jornal, simples agregado, deslocando um cigarro aqui, um biscate de revisão noutro dia, aguardando, sem muita paciência, que surtisse efeito o bilhete trazido de Alagoa Nova. (RODRIGUES, 2003, p.27).

Não demorou muito em suas divagações, contando que naquela noite seus amigos e colegas, Baú Montenegro e Isauro Peixoto Filho não apareceram por lá, quando foi afastado de suas lembranças: “- *Quer alguma coisa? – Sobressaltou-me o garçom, passando e repassando a toalha na mesa, mesmo que ela estivesse limpíssima*”. (RODRIGUES, 2003, p.27).

Evidencia-se nesse trecho um aspecto confessional do cronista, uma maneira de falar dele para si e para o outro, revelando-se uma espécie de escrita de si, que reflete a construção de si, com base na ideia da relação social do eu consigo mesmo e com o outro. (FOUCAULT, 1992). Nesse sentido, a prática da escrita de si está relacionada ao fato de Gonzaga Rodrigues escrever para si e para outrem, revelando-se como um exercício pessoal.

Na crônica, o cronista e o leitor estabelecem uma relação de proximidade, o que provoca um deslocamento nas posições dialógicas, tanto de escritura como de leitura. O leitor

consegue se ver nesse lugar. “Curto era o espaço, pouca a matéria”; mas a escrita de Gonzaga Rodrigues “supria ou alargava as coisas”³⁰. Ao falar do dr. Osias Gomes³¹, destaca que ele tem uma história bonita e reforça que se trata de um rapaz humilde, que começou de baixo “e hoje é umas das sumidades da Paraíba na advocacia e nas letras”.

Gonzaga Rodrigues vai tecendo seu texto, para atrair a atenção dos diferentes leitores, colocando-os como protagonistas na cena enunciativa central da crônica: “o rapaz humilde e cavador” de anos atrás, não correspondeu às expectativas de nosso cronista: “sem me dirigir o olhar para saber, quando nada, se era gente a criatura que estava à sua frente”. (RODRIGUES, 2003, p.28).

Assim, ele exterioriza um pouco de sua angústia na busca de alcançar um emprego que suprisse ao menos as suas despesas básicas. Cara a cara com o homem da “história bonita, a sumidade”, Gonzaga Rodrigues (2010) descreve esse encontro:

Com um aceno de cabeça ele mandou que me sentasse na cadeira em frente ao seu birô. Isto sem dar uma palavra, sem levantar as vistas do papel que tinha diante de si, lendo e escrevendo míope, esfregando o rosto grosso no texto que parecia um despacho. [...]. Sentado, fiquei esperando que ele concluísse a cena e me dirigisse o olhar [...]. Eu devia romper o silêncio ou só falar quando ele mandasse? O doutor não me deixou pensar muito tempo [...] ordenou que eu dissesse o que fazia ali. (RODRIGUES, 2003, p.27).

Nos bancos do Café Alvear, o cronista seguia refletindo e recordando seus dias amargos: “Dia pesado, aquele. Não vingou a sugestão de Pedro Leite, veterano da revisão da casa do Estudante, que me mandara procurar o dr, Osias Gomes, secretário do Interior.” (RODRIGUES, 2010, p.27).

O fato de contar uma história não é apenas uma simples repetição, mas um real ato de criação. Falar, escrever é recordar. Essa reconstrução, como aponta Candau (2012, p.71), “é tributária da natureza de acontecimentos memorizado, do contexto passado desse

³⁰ Expressão utilizada por Machado de Assis, em relação à crônica de José de Alencar. Publicado como prefácio para uma edição d’*O Guarani*, da qual saíram apenas os primeiros fascículos, em 1887. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/html/critica/mact35.htm>>

³¹ Osias Nacre Gomes, pessoense que no Liceu Paraibano, iniciou o curso de Ciências e Letras; concluiu Humanidades, em 1922, classificando-se com distinção no exame de admissão à Faculdade de Direito do Recife, bacharelando-se em 1927. Advogado, escritor e jornalista, Osias Gomes ingressou no Jornal A União em 1918 como pegador de provas, passou a redator, secretário até chegar à direção do Órgão, em 1930. Além de diretor de A União, Osias Gomes exerceu outros importantes cargos públicos: Promotor Público do município de Santa Rita, Membro do Conselho Administrativo do Estado, Secretário do Interior e Justiça, na intervenção do Dr. José Gomes da Silva; Secretário do Interior e Justiça e Segurança Pública, no Governo de José Américo de Almeida; Professor-fundador da Faculdade de Direito de João Pessoa, da qual também foi diretor, Procurador Geral do Estado, Desembargador do Tribunal de Justiça; Presidente do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba; Presidente do Tribunal de Justiça da Paraíba. (ACADEMIA PARAIBANA DE LETRAS)

acontecimento memorizado e também daquele do momento da recordação”. Como destaca Candau (2012), é o distanciamento do passado que o permite reconstruir para fazer uma mistura de história e ficção. O ato de memória que se dá a ver nas narrativas de vida coloca em evidência essa aptidão humana que consiste em dominar o próprio passado para inventariar não o vivido, mas o que fica do vivido.

Assim, o cronista parece ter colocado em ordem uma quantidade de coisas que tirou de suas lembranças:

Viera de olhos baixos, desde o contorno da Lagoa a meio caminho do Liceu, perguntando-me se teria algum futuro em deixar o desamparo da cidadezinha onde me criei pela perspectiva angustiante daqueles dias em que nada dava certo, nem o lugar onde pudesse ficar, nem a vaga no colégio, nem o emprego. (RODRIGUES, 2003, p. 26).

Assim, Gonzaga Rodrigues colocou em ordem os acontecimentos de sua vida que julga significativo. A cadeia de sentidos por ele tramada, para articular os discursos da História, do Jornalismo e da Literatura serviu para a constituição da sua crônica. Nesse sentido, o cronista nos permite observar o funcionamento do enunciado como fato histórico cultural.



MADemoiselle CARRUT

Foi uma vaia geral quando Gonzaga Rodrigues entra no Café Alvear, de gravata e paletó, as mangas cobrindo as mãos, após ter saído de uma “entrevista de nível”, como ele mesmo considerou.

Em “*Mademoiselle Carrut*”, o cronista relata a saga: “*Tinha vivido outras experiências do gênero, mas na área policial, onde atuara como escrivão. Ouvir uma figura de elite era a primeira vez*”. (RODRIGUES, 2003, p.61). Nesse itinerário lítero-jornalístico ele vai narrando a sua experiência, tomando como cenário a Avenida João Machado, no bairro Jaguaribe, uma avenida formada por casarões residenciais:

Chegara um telefonema para o velho Leal³² cobrando a presença do jornal numa recepção que o Dr. José Mousinho, caixa alta do PSD, ia fazer, em sua residência da João Machado, ao presidente da Sul América no Brasil. Talvez a coisa não passasse de um mero registro (nessa época não havia, em O Norte, a coluna social) se Dr. Mousinho não fosse homem de sociedade e, mais ainda, elemento de proa nos altos escalões pessedistas. (RODRIGUES, 2003, p.61)

Gonzaga Rodrigues segue em sua escrita evidenciando o poder político do PSD - Partido Social Democrático -, dizendo que “*Vale lembrar que o PSD estava de cima em todos os níveis*”, um período no qual a predominância política era hegemônica, pertencer a este grupo político era privilégio da elite, como era o caso do Sr. Dr. Mousinho.

Nessa crônica está a memória de uma época, de um período marcado entre as décadas de 1940 e 1950, retratando a efervescência do comércio de seguros, que desde a década de 1930 se firmava no Brasil, em especial em João Pessoa, com o crescimento da cidade e do comércio.

A SulAmérica Seguros³³ que tem como razão social Sul América S.A., é o maior grupo segurador independente do Brasil, com uma rede de distribuição de mais de 30 mil corretores independentes. Fundada em 1895 como uma companhia de seguro de vida no Brasil, expandiu gradativamente seu portfólio com os segmentos de automóveis e outros ramos elementares, operações de saúde, operações no segmento de previdência privada, entre outros.

Outro ponto importante nesse contexto é a dimensão da Política revelada na imagem do Dr. Mousinho. A imprensa foi tomada como um meio de divulgar suas relações com um dos nomes de destaque no ramo de seguros no Brasil. Assim, embora apareça na crônica de Gonzaga Rodrigues como Dr. Mousinho, seu nome verdadeiro é Raymond Carrut. A pesquisa nos levou ao encontro dessas informações a partir de uma matéria publicada no

³²José Ramos Leal foi diretor do jornal *O Norte* e presidente da Associação Paraibana de Imprensa (API), um dos mais destacados jornalistas paraibanos do século passado, dedicou mais de sessenta anos de sua vida à imprensa, o que o levou ao mérito do título de "Patriarca da Imprensa Paraibana". Além de jornalista, José Leal destacou-se como escritor, historiador e genealogista, publicando obras que retratam a historiografia paraibana. (DUARTE, 1994).

³³ *SulAmérica*. Disponível em: <https://ri.sulamerica.com.br/> Acesso: 1 / maio/2019.

jornal *Correio de S. Paulo* no dia 16 de maio de 1935, página três, intitulada *A Margem do movimento de Seguros no Brasil*, que registra uma entrevista com Dr. Raymond Carrut, na época ele era superintendente da Brasil Cia, seguros gerais.

Imagem41: Raymond Carrut



Fonte: Correio de S. Paulo (1935)

Como registra *O jornal Correio de S. Paulo*, uma propaganda divulgando a Brasil companhia de seguros gerais informava o endereço na cidade de São Paulo, bem como sua diretoria, entre eles, o Dr. Raymond Carrut. A propaganda oferecia também os serviços de seguros, como acidente de trabalho, automóveis, acidente de trânsito, entre outros, chamando atenção dos empregadores para a legislação em torno dos acidentes de trabalho, alertando para importância da prevenção.

Imagem 42: Propaganda da Brasil Companhia de Seguros Geraes

«BRASIL»
COMPANHIA DE SEGUROS GERAES
 SÉDE: Rua Boa Vista N. 25 — 3.º and.
 (Predio Pirapitinguy) São Paulo
 Endereço Telegraphico — "AZIL"
 Teleph. 2-4173-74

Directores:
 Dr. Victor da Silva Freire
 Carlos Whately
 Dr. Maurice Gontier



Directores:
 Dr. Raymond Carrut
 Dr. Antonio Alves Braga
 Dr. Jayme Cintra

CAPITAL

Subscrito	5.000 contos
Realizado	2.300 contos
Deposito no Thesouro	500 contos

A "BRASIL" — CIA. DE SEGUROS GERAES OFFERECE AS MELHORES GARANTIAS NOS RAMOS DE:

Fogo,
Automoveis,
Accidentes Pessoaes,
Responsabilidade Civil,
Accidentes no Transite,
Transportes Terrestres e Maritimos,
Accidentes no Trabalho.

Sr. Empregador: V. S. está bem ao par da nova Lei sobre Accidentes no Trabalho; tem o livro exigido? conhece o acto do Excmo. Ministro do Trabalho, de 1.º de Agosto, etc.? Consulte a

“BRASIL”

Sr. leitor, V. S. é previdente; se-o-á ainda mais confiando seus seguros a

“BRASIL” — CIA. DE SEGUROS GERAES

Fonte: Jornal Correio de S. Paulo (1935).

Como aponta Gonzaga Rodrigues (2003, p.61), o Dr. Mousinho representava a poderosa Companhia de Seguro na Paraíba. Chamar o jornal para divulgar esse jantar, na sua residência, foi mais do que uma necessidade de propagação de cunho social. O cronista acredita que por traz desta divulgação existia um peso político, haja vista que o representante da Sul América tem seu reconhecimento nacional e internacional no ramo. Existe também um peso comercial, já que o Dr. Mousinho era o representante da companhia de seguro na cidade de João Pessoa, conforme ratifica o anúncio divulgado na revista de seguros, única obra estadista de seguros no Brasil, e foi publicada no Rio de Janeiro em Agosto de 1947.

Imagem 43: Anúncio da Companhia de Seguro no Brasil



Fonte: Revistas de Seguros (1947).

A crônica traz a descrição de uma comemoração que estava ocorrendo, simultaneamente, na cidade João Pessoa. Conforme descreve Gonzaga Rodrigues (2003, p.61-62):

O edifício-orgulho da cidade, com seis andares (o Ipase) abria o espaçoso salão do térreo, engalanado de flores, para recepcionar o casal Severino Lucena³⁴, ele presidente perpétuo do diretório. Se era aniversário ou bodas, não me lembro. Sei que as laterais roçagavam de vestidos longos [...].

O prédio sede do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado da Paraíba (IPASE), em João Pessoa, foi construído entre os anos de 1949 e 1951, marcando o início da década de 1950. Nesse período, essa construção foi o símbolo maior da modernidade dessa cidade, comprovando o progresso local. A edificação se destacava em uma região quase que predominantemente horizontal na paisagem urbana. (CHAVES; TINEM, 2011).

³⁴ Severino de Albuquerque Lucena e Maria Hilda Coutinho de Lucena.

Imagem 44: Prédio do IPASE, centro de João Pessoa (PB)



Fonte: Arquivo do Jornal A União (1953)

Nessa conjuntura, ao relatar paralelamente os dois acontecimentos Gonzaga Rodrigues evidencia tanto o poder político no cenário da cidade - o caso do PSD -, como o progresso, refletido a partir da vinda de um importante homem, o francês Dr. Carrut, no contexto de seguros no país, bem como a mudança arquitetônica, iniciada no centro de João Pessoa, tendo como exemplo o prédio do IPASE.

Nesta crônica Gonzaga segue relatando a saga ao fazer a cobertura do evento na residência do Sr. Dr. Mousinho. Reconhecia que não tinha vestimentas apropriadas para ocasião, mas o Sr. Sobral, colega de trabalho de Gonzaga Rodrigues, embora não tivesse exatamente o mesmo porte físico que o seu, emprestara-lhe um paletó: *“Era paletó demais para meu tamanho. A manga escondia a caneta, precisando que de instante a instante eu a puxasse para cima, descobrindo a mão.”*(RODRIGUES, 2003, p.62).

Fora das paredes do jornal *O Norte*, Gonzaga Rodrigues, em tom de comicidade, relata que descobriu que o senhor que ele iria entrevistar era francês, ele então entrou em desespero, se não bastasse já o incômodo do paletó, agora como resolver essa questão da entrevista, se o que ele sabia de francês era o pouco que tinha aprendido no ginásio: *“E me larguei, a pé, assungando as mangas, até a casa indicada, uma das belas residências da João Machado”*. (RODRIGUES, 2003, p.62).

O endereço do senhor Mousinho estava nos jornais, na divulgação de sua representação no ramo de seguros na Paraíba: Avenida João Machado, 348. Verificamos o endereço e vimos que essa casa ainda existe, é tombada pelo IPHAN e pelo IPHAEP,

inclusive encontra-se nela a sede do IPHAEP, tendo passado há pouco tempo por um processo de restauração, conforme se pode visualizar nas imagens a seguir:

Imagem 45: Residência do Dr. José Mousinho



Fonte: Arquivo do IPHAEP.

Imagem 46: Residência do Dr. José Mousinho, sede atual do IPHAEP



Fonte: Arquivo do IPHAEP.

Para demonstrar a magnitude do evento, Gonzaga evidencia as presenças do presidente da Assembléia Legislativa, Tertuliano Brito, o deputado, Fernando Milanez, o deputado Jacob

Frantz, entre outros, além do vice-governador da Paraíba, na ocasião, João Fernandes, quem recolheu a caneta do jornalista que tinha sofrido uma queda ao chão. Sobre esse episódio, ele relata: “[...] *todos se levantando, alguns em atitude de vênica, para entrada de mademoiselle Carrut, Genevieve Carrut, filha do homem da Sul-América. Que filha...!*” (RODRIGUES, 2003, p.63).

Foi exatamente na entrada da jovem que o jornalista desequilibrou-se, aterrissando no chão. Mesmo com o incidente, ele não deixara de admirar a beleza da moça. “[...] *uma das mulheres mais encantadoras que meus olhos já tinham visto fora do cinema.*” (RODRIGUES, 2003, p.64).

A entrevista seria iniciada, mas foi quando Gonzaga teve a ideia de pedir ao anfitrião para conduzir as perguntas ao francês. O receio de não saber a língua, bem como não dominar a temática, o fizeram ter essa ideia que o norteou. E no final das contas, o francês, “[...] *falava um português bem melhor do que os nossos mestres e intérpretes falavam o francês dele.*” (RODRIGUES, 2003, p.65). Assim, a crônica revelando o início da sua prática jornalística, desnuda detalhes de cunho político, social e cultural da cidade João Pessoa.

A crônica é uma narrativa com composições híbridas, já dissemos anteriormente, e a interface entre o jornalismo e a literatura é o que torna complexa a composição desse gênero. A crônica atinge o melhor de sua realização formal quando consegue fundir os supostos contrários: a literatura e o jornalismo pela força da personalidade do escritor repercutida em seu estilo e em suas ideias.

Neste trabalho, nosso foco não foi a estabilização das características, mas, principalmente, a investigação das nuances e tendências do autor empírico, no caso, Gonzaga Rodrigues, pois seus escritos estão carregados de marcas biográficas.

É nesse ponto que podemos pensar as contingências enunciativas e pragmáticas, que caracterizam a crônica: o curto alcance do texto limitando sua extensão; expectativas de um público leitor de jornal. Essas contingências implicam um compromisso de gênero que rege os escritos do autor: uma mescla, uma ligação com o cotidiano. É preciso pensar a crônica nesse sentido, mas também no sentido artístico, informativo, objetivo e prático. Essas características nosso cronista apresenta de forma exímia, prendendo a atenção do leitor, unindo o literário e o jornalístico, quem sabe, assim, construindo uma nova sintaxe.

Compreendendo a crônica de Gonzaga Rodrigues, com seu estilo e suas técnicas mais ao “ré-do-chão”, como expressa Antônio Candido (1999), seus escritos estão vinculados a datas, notícias e fatos do dia a dia. A metalinguagem presente revela a simplicidade, sugerida

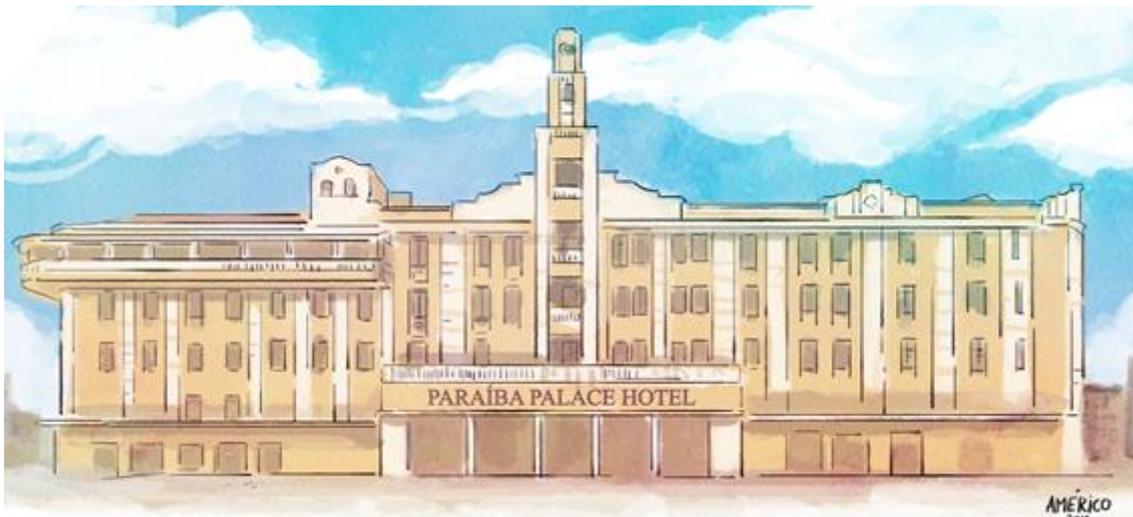
como característica do gênero crônica. De uma linguagem marcada pela simplicidade, emerge a dialogia, estabelecendo a interlocução com o leitor.

A forma pela qual utilizamos a língua é que carrega individualidades, porém a língua “elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais se denominam gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2011, p.262). É Bakhtin (1981, 1984) quem privilegia, teórica e metodologicamente, as relações dialógicas como lugar de análise e produção de significação. Ele não concebe a atividade mental sem significação, isto é, sem a produção de sentidos. Para ele, "Todo gesto ou processo do organismo pode tornar-se material para a expressão da atividade psíquica, posto que tudo possa adquirir um valor semiótico" (BAKHTIN, 1981, p. 52). A realidade do psiquismo é, portanto, a realidade do signo, mas os signos só podem emergir no terreno interindividual, no processo de interação social. Nesse processo, ele tematiza o problema da intersubjetividade, uma vez que a constituição do sujeito se realiza num jogo de reflexividade comunicativa. Quando os indivíduos penetram na tessitura da comunicação humana e mergulham na trama das trocas verbais, a consciência desperta e começa a operar.

Gonzaga Rodrigues consagrou-se como cronista, dando à crônica uma roupagem mais “literária”: em vez de simples registro formal de acontecimentos, que tanto poderiam ser do conhecimento público como apenas do imaginário do cronista, ele expõe seus escritos pelo ângulo da recriação do real. Assim, a consciência individual emerge numa realidade discursiva que Bakhtin caracteriza como fundamentalmente dialógica. Essa dialogia atinge o estatuto de princípio na sua perspectiva teórica, enquanto encontro de vozes que se realiza e acontece de diversos modos: seja no diálogo face a face, seja no constitutivo "concerto polifônico" quando, nas palavras que falamos / escrevemos, ressoam as palavras dos outros. A palavra então se caracteriza por uma "intensidade semiótica" na medida em que ela é "apenas e completamente *signo*". No entanto, ela só tem vida no movimento de uma boca para outra, de um contexto para outro, de uma geração para outra.

Finalizando a leitura e apreciação da crônica Madeimoselle Carrut, de Gonzaga Rodrigues, destacamos seu bom humor ao relatar que para compor sua péssima aterrissagem, deram-lhe para sentar um *puf* de piano. Ele conta que se desequilibrava toda vez que tentava cruzar as pernas, “fazendo a pose compatível com a das autoridades. “Eu achava, sem traquejo nenhum, que cruzar as pernas fazia parte da etiqueta. E virava toda vez que tentava. Até que, vendo meu desconforto, alguém caído do céu sugeriu a antecipação da entrevista.” (RODRIGUES, 2003, p. 63).

Nessa prosa de cronista está um prosador do cotidiano, que busca fundo em suas lembranças um fato qualquer, de preferência colhido nas entranhas de suas memórias, com as suas artimanhas peculiares. Se nada houver, resta-lhe o recurso de olhar em torno e esperar que, através de um processo associativo, surja-lhe de repente a crônica, provinda dos fatos e feitos de sua vida.



TELHADO DE VIDRO

O Café Alvear é revelado em “Telhado de Vidro” como lugar social em que se inscreve a história da cidade e preserva a memória do seu repertório coletivo. Nessa crônica, Gonzaga Rodrigues trata da vida cotidiana na cidade João Pessoa, em especial o cenário social, político e cultural em torno dos que frequentavam a Cafeteria, inaugurada na década de 40, que foi ponto de encontro da sociedade pessoense. *“Alvear dos políticos, dos poetas, dos homens de negócio ou sem negócio nenhum. Alvear que evitava a dispersão do repórter e da notícia, atraindo todos para seu plenário.”* (RODRIGUES, 2003, p. 16).

Nos escritos do autor, há que considerar certa fidedignidade aos aspectos temporal e social revelados através da menção a várias épocas. No caso específico de Telhado de Vidro, Gonzaga Rodrigues possibilita uma caminhada pela Praça Vidal de Negreiros, popularmente conhecida como Ponto de Cem Réis, uma (re)descoberta de ruas, locais e pessoas, uma radiografia de como se configurava entre as décadas de 40 e 60.

Imagem 47: Ponto de Cem réis

Fonte: Arquivo Jornal A União
Fotografia: Arnóbio (06/ jan./1987).

A relação espaço-temporal marca a concepção de cidade, nesse contexto, “[...] quando narramos coisas verdadeiras, mas passadas e da memória que extraímos, não as próprias coisas, que passaram, mas as palavras concebidas a partir das imagens que elas gravaram no espírito, como impressões, passando pelos sentidos.” (RICOEUR, 2010, p. 27). A história da cidade é assim, uma história de invenção e reinvenção de vida, de estilo de vida, e dos cenários sociais, econômicos e políticos.

A cidade Nossa Senhora das Neves, Filipéia de Nossa Senhora das Neves, Frederica, Parahyba³⁵, atual João Pessoa nos “permite descobrir e percorrer diversos caminhos e nos sintonizarmos com ele [...]”. (ROSA, 2008, p.11). João Pessoa como outras cidades brasileiras se beneficiam de ter sobre seu solo áreas de construções seculares; construções relevantes à memória do povo, ou seja, são bens culturais materiais ou tangíveis (o caso do Centro

³⁵ A cidade de João Pessoa primeiro foi chamada de Nossa Senhora das Neves, em 05 de agosto de 1585, em homenagem ao Santo do dia em que foi fundada; depois foi chamada de Filipéia de Nossa Senhora das Neves, em 29 de outubro de 1585, em atenção ao rei da Espanha D. Felipe II. Posteriormente recebeu o nome Frederica, em 26 de dezembro de 1634, por ocasião da sua conquista pelos holandeses, em homenagem a sua Alteza, o Príncipe Orange, Frederico Henrique. Em 01 de fevereiro de 1654 novamente mudou de nome, passando a chamar-se Parahyba, recebendo a mesma denominação que teve a capitania, depois a província e por último o Estado. E finalmente em 04 de setembro de 1930, recebeu o nome de João Pessoa, uma homenagem prestada ao Presidente do Estado assassinado em Recife por ter negado apoio ao Dr. Júlio Prestes, candidato oficial à Presidência da República (RODRIGUEZ, 1994).

Histórico da cidade) que apresentam valor cultural nas ruas que ainda preservam traços do passado, a exemplo do Ponto de Cem Réis.

Em *Telhado de Vidro*, o escritor aponta práticas sociais que se cristalizaram no período entre as décadas de 40 e 60, e lugares ou fatos vividos na cidade por ele e por outros que vivenciaram a efervescência de décadas anteriores, especialmente a década de 60, período de repressão, da ditadura militar. Diante desse contexto, “*João do Ó defendia um telhado de vidro para o Ponto de Cem Réis. Telhado sobre colunas altas, abarcando o quadro de aglomeração e conversas, desde o lado do Plaza*³⁶, *ao Café Alvear.*” (RODRIGUES, 2003, p.130).

Esclarecemos que João do Ó é personagem na crônica de Gonzaga Rodrigues, e representa as inúmeras pessoas que circulavam nesse local. Lá era o ponto de encontro de intelectuais, políticos, transeuntes, por onde passava o bonde, imerso em pontos comerciais, farmácias, consultórios médicos, cinema, e o Café Alvear. O cronista defende por meio dessa personagem política e crítica social, a colocação de um telhado de vidro no Ponto de Cem Réis, e especifica que do Plaza ao Café Alvear, existem pontos extremos nas duas ruas paralelas em torno do Ponto de Cem Réis, sendo ambos, cenários de encontros, bate-papos, negócios, compondo o panorama da Praça Vidal de Negreiros³⁷, onde fica o Ponto de Cem Réis, no centro de João Pessoa.

Compreendemos nessa narrativa a evocação de alguns locais, que carregam memórias da cidade, nessa relação nos remetemos a Assmann (2011, p.317-318), que aponta as palavras de Cícero³⁸, ao relacionar os locais e seu potencial de memória:

Grande é a força da memória que reside no interior dos locais – a frase de Cícero pode servir de impulso para quem se questiona a respeito de uma força específica da memória e do poder dos locais. O grande teórico da mnemotécnica romana tinha uma noção clara do significado dos locais para a construção da memória. [...] O próprio Cícero cumpriu a passagem dos *lugares da memória* para os *locais de recordação*, segundo sua própria

³⁶ O Cine Plaza foi o cinema que durou mais tempo na cidade João Pessoa, deixando de existir em meados da década de 1990. Localizado no centro da cidade, foi um cinema chique e luxuoso, com a exibição de grandes estreias. Foram quase 70 anos de história e exibições onde, atualmente, funciona uma loja.

³⁷ A Praça Vidal de Negreiros foi construída em 1924 pelo prefeito Walfredo Guedes Pereira, servindo como ponto final de bondes no centro de João Pessoa.

³⁸ Estadista, orador e filósofo romano, Marco Túlio Cícero nasceu no ano 106 a.C. em Arpino, Itália, e morreu em 43 a.C. em Formia, Itália. Cícero é considerado o primeiro romano que chegou aos principais postos do governo com base na sua eloquência e no mérito que obteve nas suas funções de magistrado civil. É um dos maiores oradores e pensadores políticos romanos.

experiência, que as impressões captadas em um cenário histórico “são mais vivas e atenciosas” que outras assimiladas por ouvir falar [...].

Apesar de o Ponto de Cem Réis emergir na Praça Vidal de Negreiros, é importante destacar que esta expressão "Ponto de Cem Réis" antecede a inauguração da própria praça. Figurava naquele espaço o ponto final das três linhas de bondes da cidade, e os cobradores, ao se aproximarem do local, gritavam "olha o ponto dos cem réis", lembrando aos clientes para ter em mãos a moedinha de cem réis que era o preço da passagem naquela época. A expressão caiu no gosto do povo e o hábito se mantém até hoje. Conforme consideram Moreira e Silvestre (2010), o Ponto de Cem Réis, em sua vinculação com a cidade João Pessoa, representa o campo de vivência do cotidiano da população que a habita, como transeuntes e/ou como moradores dessa cidade onde acontecem fatos e experiências de vida.

Um lugar que, surgido de um grito do maquinista do bonde ainda conseguiu conservar, até os dias atuais, alguns dos traços originais deixados pelos seus criadores, frequentadores e vivenciadores. Apesar de que, tenha sofrido transformações no período militar com o surgimento do Viaduto Damásio Franca (para atender ao crescente fluxo de veículos da cidade) (1970) e atualmente, tenha sofrido um novo movimento com a revitalização, transformando-se em um extenso largo para abrigar grandes concentrações, a exemplo de shows, comícios, teatro ao ar livre, etc. (MOREIRA; SILVESTRE, 2010, p. 2).

Esse espaço citado, narrado na crônica de Gonzaga Rodrigues reflete a memória viva da João Pessoa, rememorando a passagem do tempo com suas peculiaridades, mantendo materializada a história de seus habitantes, que acompanham o “espírito” desse espaço, como afirmam Moreira e Silvestre (2010) ao referir-se ao “Ponto de Cem Réis”. Para os gregos cada lugar era regido por um deus, *genius loci*, ou o espírito do lugar, e as divindades parecem ter em comum as características do lugar. Assim, o lugar é constituído por elementos que transmitem significados.

Tomando como referência o Ponto de Cem Réis, Gonzaga Rodrigues o considera como um espaço que abriga o devaneio; protege o sonhador; e permite sonhar em paz, como diria Bachelard (1993), e nas palavras de Augé (1994), um lugar capaz de defini-lo como identitário, relacional e histórico, pois o contrário seria o não-lugar. Desse modo, o cronista adquiriu afeição a esse lugar em função do tempo ali experienciado, isto é, ao lugar como lembrança de tempos passados, pertencente à memória:

Em todos os momentos de incerteza o Ponto de Cem Réis era o arrimo, o estuário de nossas indagações e ansiedades. Havia sempre alguém para nos fazer companhia. E sem me dar conta, sem propósito, é lá que me surpreendo, agora, afundado nessas indagações. (RODRIGUES, 2009, p.2)

Essa observação reflete o estado de espírito do cronista em face de uma realidade que se transforma a cada dia, e que vai impondo, especialmente nas cidades, uma nova forma de vida e um novo cenário para as pessoas: “*Creio-me político nestas horas em que as mudanças de vento nos afetam ao ponto de desconhecermos o caminho de todos os dias. Todos os dias, há setenta anos!*” (RODRIGUES, 2019, p.2). Assim, “*tirando-nos da rasteirice do Ponto de Cem Réis para os prelúdios românticos de Frédéric Chopin*” (RODRIGUES, 2003, p.113).

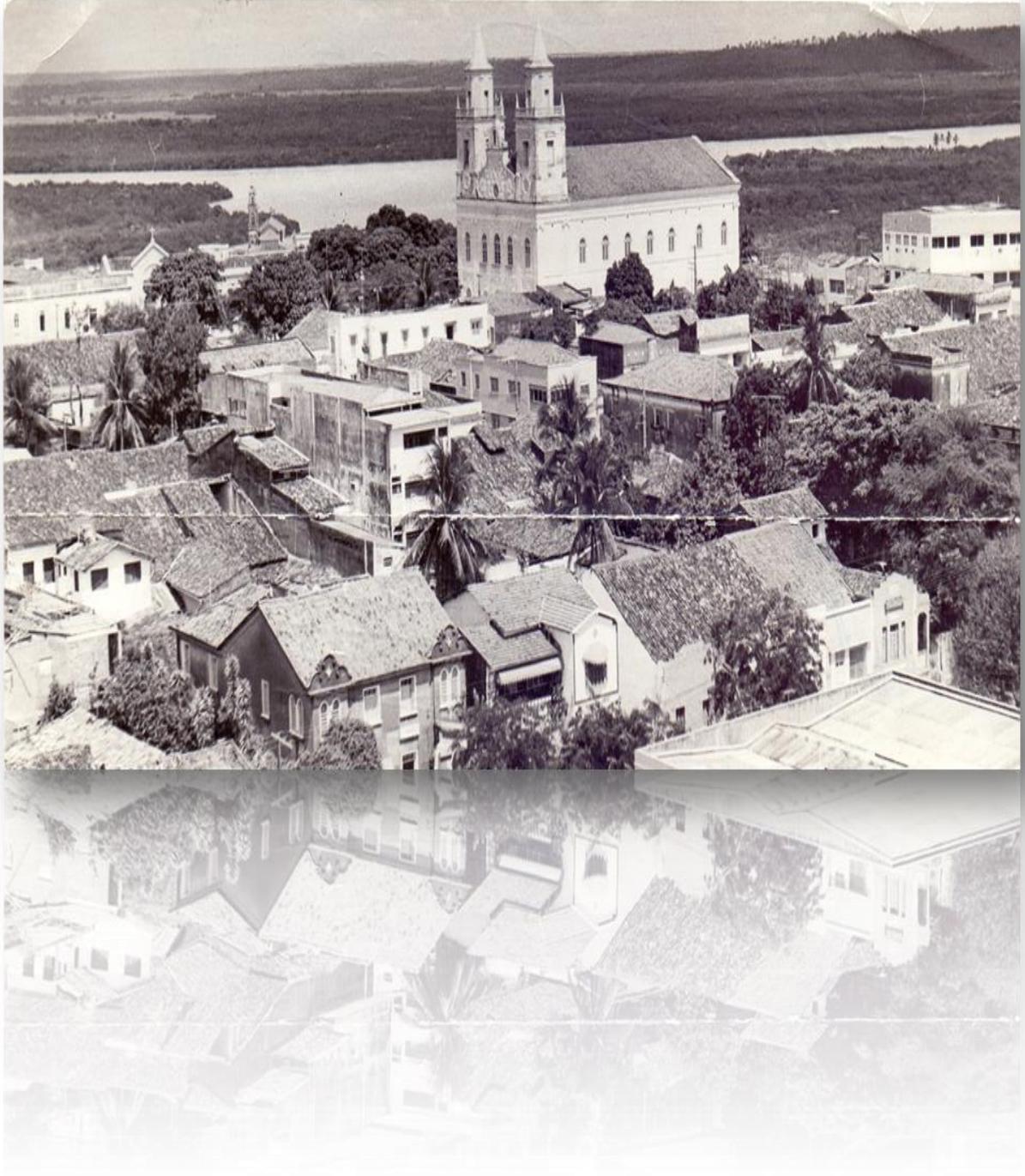
Reconhecer o Ponto de Cem Réis como um lugar histórico e ou cultural, é contar sua história a partir das suas recordações. Boas ou não, são lembranças que Gonzaga Rodrigues guarda no recôndito da sua alma, mas agora as exterioriza: “*O que tinha eu, aos 21 anos, ainda sem emprego certo. [...] o vazio do Ponto de Cem Réis a afundar-me na desolação. Onde estão as companhias dessa hora?*” (RODRIGUES, 2019, p.2).

Assim, o recuo ao passado realiza o que se pode chamar de caráter de uma época. Não é de estranhar o mergulho que o cronista dá no particular, no fugidio, no lapso do instante. Qualquer coisa de duro o adverte, mas ele procede, reconhecendo e mantendo relações afetivas com o lugar, tanto que construiu uma narrativa alternando a história de vida das personagens e a evolução histórica do local. Pode ser que os cenários do Ponto de Cem Réis só estejam suspensos sobre o lago das nossas mentes, como diria Calvino (1990). Tutelamos dentro de nós uma sombra silenciosa; uma conversão pausada.

Há nesse discurso uma expressão de vulnerabilidade, fraqueza? Mas, “quem tem telhado de vidro não joga pedras no do vizinho”, diz o ditado popular.

Em síntese, após a leitura das crônicas aqui apresentadas, vimos que Gonzaga Rodrigues trata da memória social como resistência ao esquecimento. No decorrer de nossas análises, buscamos pistas, indícios e vestígios que corroborassem os fatos narrados nas entrelinhas das crônicas, ratificando o seu contexto infomemorialístico.

Alcançamos assim, a compreensão de que a crônica vai além de seu aspecto literário, assumindo no teor jornalístico e poetizado o seu potencial informacional. Na escrita gonzaguiana, o aspecto fictício que marca o gênero crônica é superado pelo viés do verídico, do vivido e do real. Nos deparamos com um cronista que sonhava em ser poeta, mas optou por escrever sobre o cotidiano da cidade



ESCRITOS FINAIS

7 ESCRITOS FINAIS

O curso de um rio, seu discurso-rio, chega raramente a se reatar de vez; um rio precisa de muito fio de água para refazer o fio antigo que o fez. (MELO NETO, 1975, p. 350-351).

Esta pesquisa procurou apresentar e analisar a crônica em seu aspecto infomemorialístico. Nessa caminhada científica transitamos sob a produção do cronista paraibano Gonzaga Rodrigues, presente principalmente nas obras “*Filipéia e outras saudades*” e “*Café Alvear: ponto de encontro perdido*”. O foco do trabalho foi mostrar como as crônicas produzidas por Gonzaga Rodrigues contribuem para a ressignificação da cidade João Pessoa, auxiliando na construção e no fortalecimento das identidades local.

Este trabalho surgiu da nossa percepção em querer conhecer um pouco mais a obra de Gonzaga Rodrigues e sua repercussão na sociedade pessoense. Para isso, introduzimos o conceito de informação, memória e identidade, entendendo que não podemos estudar a crônica sem passar por esses conceitos.

Gonzaga Rodrigues é um dos principais cronistas na Paraíba dentro daquilo que pode ser chamado de crônica jornalística e literária. Sua produção é marcada pela intenção memorialística do autor. Nossa proposta foi compreender o que o autor quis dizer quando ele escreveu cada crônica, marcada pela noção de que o sentido do texto é construído também pelo leitor. É o leitor quem tem a tarefa de interpretar o texto, buscando sempre ir além do significado do autor, e o trabalho da interpretação é justamente descobrir esse significado marcado por informações permeadas de memórias.

O cronista trata da memória social resistindo ao esquecimento, ele assume um papel de guardião da memória social, possibilitando as pessoas lembrarem do que elas esqueceram ou gostariam de ter esquecido, ou até mesmo conhecer o passado da cidade a partir de suas crônicas.

As pistas apontam para informações sobre o passado partilhado por Gonzaga Rodrigues e confirmado por outras fontes: jornais, pesquisas científicas, publicações em livros, revistas, imagens fotográficas de arquivos do jornal *A União*, do acervo pessoal do

cronista, bem como de outros arquivos, como é o caso do arquivo Humberto Nóbrega³⁹, registros que sobrevivem ao tempo.

Nesse contexto, desvendamos no universo das crônicas a sua afinidade com a memória social, tornando-a maior do que a própria crônica como gênero híbrido, revelando-se um sistema maior de pensamentos e significados, compreendidos a partir das informações acessadas em outros documentos na condução dessa pesquisa.

Como foi mostrado, o método indiciário se ocupou em explicitar as marcas reveladas na crônica, possibilitando o leitor a entrar no texto e se apropriar das possibilidades que ele oferece. Não apenas no sentido da busca pela compreensão e apropriação do texto, mas como um trabalho de compreensão das pessoas e do mundo no qual elas vivem. Dessa maneira, percebemos no trabalho de Gonzaga Rodrigues a intenção do autor de vencer as distâncias e as diferenças culturais, buscando harmonizar o leitor com o texto, com a arte, com a cidade.

A crônica é arte literária, embora caminhe em um campo precário e flutuante, e o cronista é aquele capaz de construir uma existência além do cotidiano. Como esclarece Portella (1985), no momento em que a ficção urbana fracassa os cronistas vão ocupar este lugar vago nos quadros de nossas letras. Diante disso, as cidades estariam privadas do trabalho de apreensão da realidade, se não fosse a contribuição dos seus cronistas. Assim como alguns escritores de outros gêneros literários, os cronistas levantam o desenho da cidade individual e coletiva, pessoal e anônima, revelando seu esforço nessa ação. Esse tema foi da maior importância para mostrarmos a crônica gonzaguiana em seu aspecto informacional e memorialístico.

Esse gênero literário faz parte da história da literatura brasileira, mas para apreendê-lo é preciso saber transitar por esse campo movediço. Na teoria da crônica encontra-se o objeto de estudo híbrido, transitando entre a literatura e o jornalismo, contudo, por traz deste gênero existe a dualidade: informação e memória, que nos reportou aos espaços, às pessoas e aos fatos vividos no passado, por Gonzaga Rodrigues ou pelos seus personagens, agregando informações no presente a partir de uma interpretação individual, repercutindo no social.

Um bom cronista deve, acima de tudo, ter sensibilidade, e essa é uma das características marcantes nos escritos de Gonzaga Rodrigues, revelando-o um literato que tem

³⁹ Humberto Carneiro da Cunha Nóbrega nasceu na cidade João Pessoa(PB), no 1912 e faleceu em 1988. Foi médico de profissão, historiador por ofício e um pesquisador nato, que acumulou ao longo de vida registros documentais por ele encontrados e a ele confiados por amigos e parentes, entre os quais destacamos documentos sobre a vida de Augusto dos Anjos e de Padre Zé Coutinho. Na sua caminhada profissional, foi presidente de honra perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, membro da Academia Paraibana de Letras (APL), vice-presidente da Academia Paraibana de Medicina, sócio honorário do Instituto Brasileiro de História da Medicina, dirigente do Museu da Imagem e do Som da UFPB e reitor da Universidade Federal da Paraíba. (LACET, 2012).

algo das pessoas com quem convive e da cidade onde vive. Suas crônicas têm um encantamento e traduzem “o homem forte e terno, franco e sábio, conhecedor das coisas simples da vida”, como se referiu Nunes (2006).

A crônica quando publicada em livros não morre, torna-se perene, um *medium* de eternização, uma ponte capaz de tornar latente a memória da cidade. Assim é o caso das obras de Gonzaga Rodrigues, “*Café Alvear: Ponto de Encontro Perdido*” e “*Filipéia e outras Saudades*”. Ambas compostas por crônicas que versam sobre a cidade João Pessoa em seus aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais. Assim, o cronista paraibano se utiliza de fatos reais tratando-os de maneiras variadas, trazendo irreverência e bom humor através da arte da escrita e de seu labor literário.

Ao transitar mais profundamente nas crônicas de Gonzaga Rodrigues, percebemos a intencionalidade do autor em materializar em livros essas memórias de forma a eternizar as crônicas, os lugares, as pessoas. Assim, o livro assume o seu potencial de memória. As memórias de Gonzaga Rodrigues, traduzidas em suas crônicas revelam a história da cidade, seus personagens e cenários, não deixando “morrer”, aquilo que não existe mais, como é o caso do Café Alvear. Um espaço que faz o autor relembrar muitas coisas de seu passado, por exemplo, as várias João Pessoas com as quais conviveu e ainda convive; memórias que têm sua importância social, política e cultural, repletas de informações que vêm permeando sua produção. A fidelidade aos fatos que narra é um sinal de uma vontade em compartilhar informações e fatos verídicos, o que nos leva a afirmar que as crônicas produzidas por Gonzaga Rodrigues constituem fontes de informação e auxiliam na construção e no fortalecimento da memória e identidade pessoense.

Desse modo, Gonzaga Rodrigues mostra em suas crônicas a arte de eternizar o contexto da cidade, alcançando o leitor a partir de sua conexão identitária com o que escreveu sobre ela. Através do que viu, ouviu e viveu, as palavras se entrelaçam revelando o escritor. Seus textos vão despertando no leitor uma “[...] vontade de ler mais, de saber mais, pela suspeita de que o cronista deixou escapar casos interessantes colhidos no relicário do seu aprendizado permanente”. (GUEDES, 2013).

A multiplicidade de interpretações que o leitor produz é carregada de sentido, e à medida que a crônica é publicada, acaba dando espaço à leitura e ao leitor. Percebemos na crônica de Gonzaga Rodrigues as marcas de sua biografia, de seus anseios, lembranças e recordações, mas isso não significa que essas marcas sejam um regulador do sentido. Nelas está a dimensão social e histórica da existência do autor, bem como de suas relações, do contexto em que vive e viveu.

Ao evocar a cidade João Pessoa, Gonzaga Rodrigues reconstitui nas suas memórias os cenários políticos e populares, as grandes manifestações, os lugares, o crescimento e expansão urbanística, enfim, a transformação da cidade. Ele revela o Sanhauá, o Porto do Capim, Varadouro, Ilha do Bispo, Roger, o nascimento da cidade às margens do Rio, os primeiros bairros, narrativas memorialísticas que retratam informações reais e importantes sobre sua terra. Na maioria, são espaços tombados pelos institutos patrimoniais nacional e estadual e o fato de serem tombados evidenciam tanto as questões identitárias como o sentimento de pertença da população pessoense, pois o tombamento se apresenta como uma maneira de preservação do patrimônio cultural, seja ele material ou imaterial. A preservação do patrimônio cultural é de fundamental importância na construção das identidades, compreendendo desse modo que o cronista rememora esses espaços como uma forma de potencializar os aspectos patrimoniais, viabilizando ampliar no leitor o sentimento de pertença.

Reafirmamos que Gonzaga Rodrigues é um cronista memorialista, revelando o seu propósito de eternizar a cidade, experienciada, ou aquela vivida na leitura do outro. Conforme ele próprio relata, seria a João Pessoa de Coriolano, embora esta não tenha sido vivida fisicamente por Gonzaga Rodrigues, certamente ele viveu em sentimento a partir da identidade firmada com a cidade pela leitura da obra de Coriolano. Em relação a pessoas ilustres como José Américo de Almeida, B. Rohan, Pedro Gondim, Ivan Bichara, José Targino Maranhão, ele os eterniza na materialidade dos livros, contando a história de vida desses políticos que fizeram história na Paraíba. Enfim, a relevância da produção de Gonzaga Rodrigues foi por nós percebida do ponto de vista da preservação histórica, cultural e social da cidade.

Face a premissa proposta neste trabalho, consideramos a crônica um artefato capaz de ressignificar a memória da cidade, revelando um aspecto infomemorial. As informações registradas no seu *corpus*, materializadas a partir das memórias evocadas, proporcionam o fortalecimento das identidades locais. Os indícios por nós alcançados nesses escritos nos levaram a perceber a existência de um sistema vigente na época da produção das crônicas, além da transformação gradativa da cidade, os primeiros bairros, os intelectuais, os espaços importantes para a sociedade pessoense, a exemplo do Café Alvear, em seu viés cultural, político, social e econômico.

Depois desse percurso, consideramos que as crônicas produzidas por Gonzaga Rodrigues constituem fontes de informação capazes de auxiliar na construção e/ou no fortalecimento da memória e identidade pessoense, confirmando então a nossa tese: a crônica

é um artefato capaz de ressignificar a memória das cidades, posto que, está além da simples comunicação, embora sua origem não seja apenas individual e subjetiva, mas totalizadora.

É importante perceber que é essencial a uma obra literária, que ela transcenda as suas próprias condições de produção e que se abra, assim, a uma sequência ilimitada de leituras, mesmo que estejam situadas em contextos socioculturais diferentes. O ato de ler, faz com que o texto se descontextualize e se recontextualize, assim o texto se torna plenamente autônomo. Com este trabalho, esperamos agregar uma contribuição para o estudo infomemorial, percebendo a crônica como artefato de memória, especialmente na produção literária de Gonzaga Rodrigues, e que, certamente não fora aqui esgotado.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Confissões**. Vida e obra. São Paulo: Nova Cultural, 1999. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. (Coleção Os pensadores)

ALMEIDA, J. Jornalista e escritor Gonzaga Rodrigues é homenageado na CMJP. **Paraíba em Destaque (JORNAL ON LINE)**, João Pessoa (PB), 07 nov. 2013. Variedades. Disponível em: <https://pbemdestaque.com.br/jornalista-e-escritor-gonzaga-rodrigues-e-homenageado-na-cmjp/>. Acesso em: 10 nov.2018.

A MARGEM do movimento de seguro no Brasil. **Correio de S. Paulo**, São Paulo, 16 maio 1935, n. 902, p.3.

AQUINO, Mirian de Albuquerque. Introdução. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque. **O campo da ciência da informação: gênese, conexões e especificidades**. 2. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011, p. 9-15.

AQUINO, Mirian de Albuquerque. A ciência da informação: novos rumos sociais para um pensar reconstrutivo no mundo contemporâneo. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 36, n. 3, p. 9-16, set./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v36n3/v36n3a02.pdf> Acesso em: 18 ago. 2017.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila de. Condições teóricas para a integração epistemológica da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia na Ciência da Informação. **INCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 19-41, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://revistas.ffclrp.usp.br/incid/article/view/55/pdf>. Acesso em: 20 ago. 2018.

ARAÚJO, Magno Erasto de. **Água e Rocha na definição do sítio de Nossa Senhora das Neves, atual cidade João Pessoa- Paraíba**. 2012. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo - Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2012. 297f.

AREND, Adriana. **Através da vidraça – Imagens do cotidiano por Theodemiros Tostes**. 2000. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Letras. Faculdade de Letras/PUCRS, Porto Alegre, 2000. 137f.

ARFUCH, L. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.

ARRUDA, G.. **Cidades e sertões: entre história e a memória**. Bauru: Edusc, 2000.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. 5. ed. [S.l]: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1998.

ASSMANN, A. **Espaços de recordações: formas e transformações da memória cultural**. São Paulo: editora Unicamp, 2011.

ASSMANN, Jan. **Religión y memoria cultural**. Buenos Aires: LILMOD, 2008.

ASSMANN, Aleida. Lembrar para não Repetir. [Entrevista concedido a] Alessandro Silva. **Jornal da UNICAMP**, Campinas, p.6-7, 10 a 16 Jun. 2013. Disponível em: https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/jornal/paginas/ju_564_pagina_06e07web.pdf Acesso em: 24 abr. 2019.

ATHAYDE, Tristão de. **Primeiros estudos**: contribuição à história do modernismo. O pré-modernismo. Rio de Janeiro: Agir, 1948.

ATHAYDE, Tristão de. O globalismo crítico. **Jornal do Brasil**, 12/nov/1970.

AUDACI JÚNIOR. Decano com méritos. Gonzaga Rodrigues completa 80 anos de uma vida dedicada ao jornalismo e à literatura. **Jornal da Paraíba**, João Pessoa, 21 jun.2013. Vida & Arte, p.3.

AUGÉ, M. **Não-lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 3. ed., Campinas, Papirus, 1994. (Coleção Travessia do século)

AUGUSTIN, Roberta Lopes; AUGUSTIN, Sérgio. Memória e suas implicações na vida cotidiana: análise teórica, **MÉTIS: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 11, n. 21, p. 115-130, jan./jun. 2012.

AZEVEDO NETTO, C. X. de. Signo, sinal e informação: as relações de construção e transferência de significados. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, PPGCI/UFPB, v.12, n.2, p.1-13, 2002.

AZEVEDO NETTO, C. X. de. Informações e memória: as relações na Pesquisa. **História em Reflexão**, Dourados, v. 1, n. 2, p.1-20, jul./dez. 2007.

AZEVEDO NETTO, C. X. de. Preservação do patrimônio arqueológico – reflexões através do registro e transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 37, n. 3, p. 7-17, set./dez. 2008.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de Azevedo; ROSA, Conrad Rodrigues. Procedimentos Arqueológicos da área da Fonte Tambiá, Parque Arruda Câmara, João Pessoa, PB. **Cadernos do LEPAARQ**, v. XIV, n.28, p.92-111, 2017.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, M.. **Estética da criação verbal**. Os gêneros dos discursos. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BAKHTIN, M. Gêneros do Discurso. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

BARBOSA FILHO, H. O café de Gonzaga! **Revista Abelardo**. Troféu Heitor Falcão, João Pessoa, ano 21, p.18, setembro. 2018. (Revista Comemorativa).

BARRETO, A. de A. Os Agregados de informação: memória, esquecimento e estoques de informação, **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 05-11, 2000.

BARRETO, A. de A. Uma história da Ciência da Informação. In: TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão (Org.). **Para entender a ciência da informação**. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 13-34. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/145/1/Para%20entender%20a%20ciencia%20da%20informacao.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2018.

BARRETO, Luiz Henrique Moura. **Projeto Rondon**: planejamento, opiniões e motivações: janeiro e fevereiro de 2007. Salvador: Ed. do autor, 2008.

BARROS, J. D. História e memória: uma relação na confluência entre Tempo e Espaço. **Mouseion**, v. 3, n. 5, p. 35-67, jan./jul. 2009.

BAUMANN, E. S. **O arquivo da família Calmon à luz da arquivologia contemporânea**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) -Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. 162f.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BELL, J. **Projeto de pesquisa**: guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1987. v.2.

BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política. **Ensaio sobre Literatura e História da Cultura**. Obras Escolhidas – São Paulo, Brasiliense, 1985.

BENVENISTE, É. **Problemas de Lingüística Geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães *et al.* Campinas/SP: Editora Pontes, 1989.

BERGSON, Henri. A consciência da vida. In: **Os pensadores**. Trad. Franklin Leopoldo e SILVA. São Paulo: Nova Cultural, 1989, p. 191 (Conferências).

BOCCHESI, M. **A crônica como gênero híbrido, entre o jornalismo e a literatura**: uma demonstração através de quando cai a neve no Brasil, de Paulo Ribeiro. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) - universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2011.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1984.

BOSI, A. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

BOSI, E. **O Tempo vivo da memória**. Ensaio de Psicologia Social. 3. ed. São Paulo: Ateliê, 2013.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2006.

BRAGA, R. **A traição das elegantes**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1967.

BRAGA, R. **200 crônicas escolhidas**. 18. ed. São Paulo: Record, 2011.

Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/3102424/rubem-braga-200-crnicas-escolhidas>. Acesso em: 12 out. 2018.

BRASIL. Decreto n. 3.551, de 04 de agosto de 2.000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Brasília, DF, 4 ago. 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm. Acesso em 08 set. 2018.

BROOKES, B. C. The Foudations of Informations Science. **Journal of Information Science**. v. 2, p. 209-221, 1980.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Cia das letras, 1990.

CANANI, C. E. Crônica: uma Intersecção Entre a Literatura e o Jornalismo. **Revista Científica CENSUPEG**, n. 3, p. 45-55, 2014.

CÂNDIDO, Antônio (*et al*). **A Crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CANDAU, J. **Antropologia da memória**. Lisboa: A Triunfadora, 2013.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 5, 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 06 de ago. de 2018.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-Tempo na Metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano**: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARNEIRO, J. Gonzaga Rodrigues conquista Título de Doutor Honoris Causa da UFPB. **Portal do governo da Paraíba**. Publicado: em 16 de junho de 2009. Disponível em: <http://paraiba.pb.gov.br/gonzaga-rodrigues-conquista-titulo-de-doutor-honoris-causa-da-ufpb/>. Acesso em: 30 set. 2018.

CASTRO, A. B. de. Recordações do Cronista Gonzaga Rodrigues. IN: RODRIGUES, G. **Café Alvear**. Ponto de Encontro Perdido. João Pessoa: Textoarte, 2003. p.11-14.

CASTRO, A. B. de. **Um certo modo de ler**. João Pessoa: Ideia, 2008.

CASTRO, A. B.de. Expressão e Estilo. In: MOURA, F. (org.) **A memória da cidade:** Gonzaga Rodrigues. João Pessoa: gráfica JB, 2008. Prefeitura Municipal de João Pessoa. Coleção João Pessoa, v. 1. p.15-17.

CHAGAS, Waldeci Ferreira *et al.* Aspectos históricos do bairro de Jaguaribe. **Boletim de Pesquisas UNIPÊ**, João Pessoa, v.2, p.7-20, 2000.

CHAVES, Carolina M.; TINEM, Nelci. Contribuição da Documentação em Arquitetura para o Registro e Estudo da Arquitetura Moderna de João Pessoa entre 1958 – 1975. **Fórum Patrimônio**, Belo Horizonte, v. 4, n.2, p.85-101, 2011. Disponível em: http://www.forumpatrimonio.com.br/seer/index.php/forum_patrimonio/article/view/8 Acesso em: 20 abr. 2018.

COELHO, M. Notícias sobre a crônica. In: CASTRO, G. de. (Org.) **Jornalismo e literatura:** a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002.

CORDULA, A.C.C. **Políbio Alves entre Contos e Encantos:** o fascínio do vivido na perspectiva da escrita de si. 2015. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. 262f.

COSTA, W. Editorial Gonzaga. Gonzaga flor da saudade no sítio da memória. **Correio das Artes**, João Pessoa, Ano LXIV, n. 4, p.3, jun. 2013. (Edição Especial Gonzaga Rodrigues)

COSTA, W. Aqui também era uma festa. **Correio das Artes**. João Pessoa, Ano LXVI, n. 6, p, 8-10, Agos. 2015.

COUTINHO, A. **A literatura no Brasil**. Co-direção Eduardo de Faria Coutinho. 6. ed. São Paulo: Global, 2003. v. 6, pt. 3. Relações e Perspectivas.

COUTINHO, A. **Notas de Teoria Literária**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1976.

COUTINHO, Edilberto. A crônica de Gonzaga Rodrigues é... IN: RODRIGUES, Gonzaga. **Um sítio que anda comigo**. João Pessoa: Edições Grafset. 1988. (Orelha do Livro)

CRISPIM, L. A. O Gonzaga da gente. IN: MOURA, F. (org.) **A memória da cidade:** Gonzaga Rodrigues. João Pessoa: gráfica JB, 2008. Prefeitura Municipal de João Pessoa. Coleção João Pessoa, v. 1. p.18-20.

CRUZ, Alana Cavalcanti. **João Pessoa do Rio ao Mar: Vitrine do Moderno e Sensibilidades Urbanas**. 2015. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2015. 120 f.

DELGADO, L. de A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, n.6, p. 9-25, 2003.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa:** teorias e abordagens. 2 ed. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, Clóvis. **A Força da Forma**: Entre o Rio e o Mar o Centro de João Pessoa ainda perto do Sanhauá. 2013. Tese de Doutorado (Programa de pós Graduação Interinstitucional – DINTER) - Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Salvador, 2013. 264 f.

DIEHL, A. A. **Cultura historiográfica**: memória, identidade e representação. São Paulo: EDUSC, 2002.

DOMINGUES, I. **O fio e a trama**. São Paulo: Iluminuras. Minas Gerais: Editora UFMG, 1996.

DUARTE, Waldemar. **Bibliografia Paraibana**, vol. I, Gráfica do Senado Federal, Brasília, 1994.

ERLL, Astrid. **Memoria colectiva y culturas del recuerdo**: estudio introductorio. Bogotá: Universidad de Los Andes, 2012.

FOUREZ, G. **A construção das ciências**: introdução à Filosofia e à ética das ciências. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: UNESP, 1995.

FOUCAULT, M. Linguagem e literatura. In: R. MACHADO, **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro, JZE, 2000. p. 137-174.

FOUCAULT, M. Prefácio à Transgressão. In: M. FOUCAULT, ditos e escritos III. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2001. p. 28-46.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Trad. Antônio F. e Cascais e Edmundo. Cordeiro, Portugal: Veja-Passagens, 1992, p. 133.

FRANCO, Martinho Moreira. Sim porque o rio... IN: RODRIGUES, Gonzaga. **Filipéia e outras saudades**. João Pessoa: A União, 1997. (Orelha do Livro)

FRAZÃO, Dilva. **José Américo de Almeida**. Escritor e político brasileiro. e-biografia. Disponível em: https://www.ebiografia.com/jose_americo_de_almeida/. Acesso em: 15/ mar./ 2019.

FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **Rondon**: a construção do Brasil e a causa indígena. Brasília: ABravideo, 2009.

FREIRE, I. M.. **A responsabilidade social da ciência da informação e/ou o olhar da consciência possível sobre o campo científico**. 2001. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - IBICT, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001. 162 f.

GABRIEL, Ruan de Souza. O que o senhor está lendo? **Revista Época**, Coluna Vida, 24/09/2016. Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/09/luis-fernando-verissimo-o-papel-do-cronista-e-dar-seu-testemunho.html> Acesso em: 10 nov.2018.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.

GODELIER, M. **O enigma do dom**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GOMES, F. A. Crônica: um gênero entre. **Mulemba**. Rio de Janeiro, v.1, n. 3, p. 98-109, jul./dez. 2010.

GONÇALVES, Regina Célia; KIYOTANI, Ilana. Memórias em uma Paisagem: história e cultura da comunidade do Porto do Capim. In: 3º Colóquio Ibero-Americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto - Desafios e Perspectivas. Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, Set./ 2014. p.1-15. Disponível em: <http://www.forumpatrimonio.com.br/paisagem2014/artigos/pdf/59.pdf>. Acesso em: 3/ maio/ 2019.

GONDAR, J. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, Jô; DOBEDEI, Vera(Orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, p.11-26, 2005.

GÓNZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação. **DataGramaZero**: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 1, n. 6, dez.2000. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/127/1/GomesDataGramaZero2000.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2018.

GÓNZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Dos estudos sociais da informação aos estudos do social desde o ponto de vista da informação. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque. **O campo da ciência da informação**: Gênese, conexões e especificidades. 2. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011, p. 29-47.

GÓNZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. A informação: dos estoques as redes. **Ciência da Informação**, Brasília (DF), v. 24, n. 1, p.1-11, 1995.

GONZALES-VARAS, Ignácio. **Conservación de bienes culturales**. Madrid: Ed. Cátedra, 2003.

GUEDES JUNIOR, A. F. C. Entre o tempo e o espaço: cidade e memória social. In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. **Anais...** São Paulo, julho, 2011.

HALBAWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HEIDEGGER, M. **Ciência e pensamento do sentido em M. Heidegger**: ensaios e conferências. (E. C. Leão, G. Fogen, M. S. C. Schuback, trads.). 7. ed., Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2006. Coleção Pensamento Humano, p. 39-60.

HJORLAND, B., ALBRECHTSEN, H. Toward a new horizon information science: domain analyses. **Journal of american Society of Information Science**. v. 46, p. 400-425, 1995.
HUYSSSEN, A. Passados presentes: mídia, política, amnésia. In: HUYSSSEN, A. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p. 9-40.

IZQUIERDO, I. **A arte de esquecer**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.

JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

JOLLES, André. **Formas simples**: legenda, saga, mito, adivinha, ditado, caso, memorável, conto, chiste. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.

JOBIM e SOUZA, Solange. Memórias coletivas e tempos de vida: sobre a intecção política da escrita da história em Walter Benjamin e Maurice Halbwachs. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v. 10, n.2, p.179-194, 2014.

JUREMA FILHO, A. A conquista da maioria. **Revista Abelardo**. Troféu Heitor Falcão. João Pessoa, ano 21, p.6-7, setembro/2018. (Revista Comemorativa).

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Hierarquização e segregação em um bairro popular. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro v. 4, n. 4, p. 551-569, out/nov/dez. 2011.

LACET, Rosane Coutinho Pereira. **Humberto Nóbrega**: um homem entre livros. João Pessoa: Ideia, 2012.

LAHIRE, B. **Retratos sociológicos**: disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAJOLO, M. Um cronista no coração das coisas. In: VERISSIMO, L.F. **Mais comédias para ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p.2-6.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas. 6 ed. S.l. Edição: Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2011.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Trad. Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Universitária UNICAMP, 2003.

LIMA E MOURA FILHA, Maria Berthilde de Barros. **De Filipéia à Paraíba uma cidade na estratégia de colonização do Brasil Séculos XVI-XVIII**. 2004. Tese de Doutorado (História da Arte) - Universidade do Porto - Faculdade de Letras, Porto, 2004. 486 f.

LITERATURA DE CORDEL GANHA TÍTULO DE PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO. Publicada em 19 de setembro de 2018, às 12h02. Disponível em: portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4833/literatura-de-cordel-e-reconhecida-como-patrimonio-cultural-do-brasil. Acesso em: 02/ nov. /2018.

LOPES, F. Filipéia e outras saudades: imagens líricas e nostálgicas da Paraíba. **Temática**. João Pessoa, ano X, n. 9, p.166- 176, outubro/2014.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1960.

MACEDO, Camilo. **Nomes que fizeram e fazem a História da Paraíba**. João Pessoa: A união Cia. Editora, 2017.

MACIEL, Alvaro. **Pobrezinhos dos Meninos Ricos**. Disponível em: <http://alvaromaciel.blogspot.com/2011/08/pobrezinhos-dos-meninos-ricos.html> Acesso em: 20 mar. 2019.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**: planejamento e execução das pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARCONDES FILHO, C. **O escavador de silêncios**. Formas de construir e desconstruir sentidos na Comunicação. Nova Teoria da Comunicação II. São Paulo: Paulus, 2004.

MARONEZE, Luiz Antônio Gloger. A crônica e o fazer histórico na crise da modernidade: reflexões e possibilidades. **Estudios Históricas**, Uruguay, Ano VI, n. 12, Jul. 2014. Disponível em: <http://www.estudioshistoricos.org/12/artigo%20cronica%20e%20hist.pdf>. Acesso em: 24 set. 2018.

MARONEZE, Luiz Antônio Gloger. **Porto Alegre em Dois Cenários**: A Nostalgia da Modernidade no Olhar dos Cronistas. 2007. Tese de doutorado. Programa de Pós Graduação em História. Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007. 259 f.

MELO e SOUZA, A. C. **Formação da literatura brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 1959. 2 vols.

MELO NETO, J. Cabral de. **Obra completa**, vol. único. Organização Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. (Biblioteca luso-brasileira. Série Brasileira).

MENDONÇA, Juliana Barros. **O Bairro de Jaguaribe: origens, ocupação e formas de uso do espaço do bairro (1930-1960)**. 2010. Monografia (Licenciatura em História). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba. 2010. 68p

MENEZES, R. Relações entre a crônica, o romance e o jornalismo. In: CASTRO, Gustavo de (Org.) **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

MOREIRA, M. de F. de A. R.; SILVESTRE, D. de O. O Ponto de Cém Réis que conheci e suas transformações: memória, espaço e tempo. In: Encontro Nacional dos Geógrafos, 16., 2011, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2011.

MOURA, F. (org.) **A memória da cidade**: Gonzaga Rodrigues. João Pessoa: gráfica JB, 2008. Prefeitura Municipal de João Pessoa. Coleção João Pessoa, v. 1.

NASCIMENTO, D. M. Campo de Conhecimento, vida cotidiana e a informação. **Inf.Inf.**, Londrina, v. 10, n. 1 / 2, j a n. / d e z, p.1-13, 2005.

NIETHAMMER, L. Conjuntura e identidade coletiva. In: **Revista ética e história oral: Projeto História**, São Paulo, n. 15, abr., 1997.

NUNES, Alexandre. Gonzaga Rodrigues: do jornalismo à literatura, uma lição de vida. **Correio das Artes**. Gonzaga flor da saudade no sítio da memória, João Pessoa, Ano LXIV, n. 4, p.4-11, junho. 2013. (Edição Especial Gonzaga Rodrigues)

NUNES, J. **Gonzaga Rodrigues**. Uma vida bem escrita. João Pessoa: A União, 2006. (Coleção Perfis da Terra, v.1)

NUNES, J. A cidade que Gonzaga guardou. **Revista Abelardo**. Troféu Heitor Falcão. João Pessoa, setembro/2018, ano 21, p.14-15. (Revista Comemorativa)

NUNES, Angélica. Gonzaga Rodrigues será homenageado na APL nesta quinta. Jornalista e escritor paraibano completa 85 anos com vasta produção literária. **Jornal da Paraíba** (online), João Pessoa, 14 jun. , 2018. Caderno Cultura.

OLIVEIRA, Sonia. de. **A construção da Identidade Infantil: A sociopsicomotricidade Romain-Thiers e a ampliação do espaço terapêutico**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1996.

OLIVEIRA, Juliana Barros de. **O Bairro de Jaguaribe na Memória dos seus Moradores Idosos**. 2012. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciência Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba. 2012. 274 f.

OLIVEIRA, B. M. J. F. de; AZEVEDO NETTO, C. X. de. Artefatos como elemento de memória e identidade da cultura popular: um olhar sob a perspectiva da arqueologia social. In: FECHINE, I.; SEVERO, I. (Orgs). **Cultura popular: nas teias da memória**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007, p.27-51.

OLIVEIRA, Bernardina M. J. Freire de; ROSA, Maria Nilza Barbosa; MARIANO, Nayana Rodrigues Cordeiro. Escrita memorialística de Coriolano de Medeiros: a instrução em O Tambiá da minha infância. **Revista Ágora**, Vitória, n. 27, p. 173-187, 2018. Disponível em: [Http://periodicos.ufes.br/agora/article/viewfile/21060/14103](http://periodicos.ufes.br/agora/article/viewfile/21060/14103) Acesso em: 4/ maio/2019.

ORTEGA, C. D.; LARA, M. L. G. de. A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje. **Data grama zero: revista de ciência da informação**, v. 11, n. 2, abr./10, 2010. Disponível em: http://www.dgz.org.br/abr10/F_I_art.htm. Acesso em: 14 out. 2018.

OSIAS, Sílvio. Gonzaga é mestre da palavra transformada em texto escrito. **Jornal da Paraíba**, João Pessoa, 20 jun. 2018. Mais cultura.

PATRIMÔNIO PARAÍBA. **Fonte Tambiá**. 3/maio/2014. Disponível em: <http://patrimonioparaiba.blogspot.com/2014/05/fonte-do-tambia.html>. Acesso em: 20 mar. 2019.

PEREIRA, Wellington. **Crônica**: a arte do útil e do fútil: ensaio sobre crônica no jornalismo impresso. Salvador, BA: Calandra, 2004. 186p.

PEREIRA, W. **Crônica**: arte do útil e do fútil. Ensaio sobre a crônica no jornalismo impresso. João Pessoa: Editora UFPB, 2015. v. 1. 163p.

PEREIRA, Cleanto Gomes. Gonzaga Rodrigues. Um patrimônio vivo da Paraíba. **Jornal Contraponto**, João Pessoa, 17 a 23 jun. 2016. Variedades. B2.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. **Cadernos do LEPAARQ** – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio, Pelotas, vol. 2, n° 4, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades invisíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.27, n. 53, p.11-22, 2007.

PORTELLA, E. **Teoria da comunicação literária**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

POULET, G. **O espaço proustiano**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. Tradução de Ana Luiza B. Martins Costa.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Evolução Urbana do Brasil 1500/1720**. São Paulo: Pini, 2000.

RESENDE, Maria Antônia Botelho de; FRAZÃO, Quênia. A Tutela do Patrimônio Cultural na Legislação Brasileira: Instrumentos de Proteção do Patrimônio Material e Imaterial. **Revista Jurídica UNIARAXÁ**, Araxá, v. 21, n. 20, p. 197-219, ago. 2017.

REVISTA DE SEGUROS: Seguros e capitalizações. Anuário de seguros. Rio de Janeiro, ano XXVIII, n. 314, Agosto 1947, p.100.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Campinas (SP): Papyrus, 1994. v.1.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Campinas (SP): Papyrus, 1998. v.3.

RICOEUR, P. **O percurso do reconhecimento**. Tradução Nicolás Nyimi Campanário. SP: Loyola, 2006.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. (Tradução Alain François.)

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **Antropologia da e na cidade**: interpretação sobre as formas da vida urbana. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografias da duração. **Revista Rua**, Campinas, n. 16, v.1, Junho, p.121-146, 2010.

RODRIGUES, G. **Notas do Meu Lugar**. João Pessoa: Acauã, 1978.

RODRIGUES, G. **Filipéia e outras Saudades**. João Pessoa: A União, 1997.

- RODRIGUES, G. **Café Alvear**. Ponto de Encontro Perdido. João Pessoa: Textoarte, 2003.
- RODRIGUES, G. **Café Alvear**. Ponto de Encontro Perdido. 2 ed. João Pessoa: Ideia, 2016.
- RODRIGUES, Luiz Gonzaga. Relicário de Memória. **Jornal Casa do Patrimônio**, João Pessoa-PB, 2 ed., ano 2, n. 2, p. 6- 7, 21 janeiro 2013a.
- RODRIGUES, Luiz Gonzaga. Decano com Méritos. In: CANANÉIA, André. (editor). **Jornal da Paraíba, João Pessoa**, 21 Jun, 2013. Vida & Arte.
- RODRIGUES, G. A velha Chama. Crônica. **Abelardo. Troféu Heitor Falcão**, João Pessoa, ano 21, set. 2018. p.19.
- RODRIGUES, Gonzaga. Que fim levou?... **Jornal A União**, João Pessoa, 05 jan. 2019. Crônica Gonzaga, Opinião, p. 2.
- RODRIGUEZ, Walfredo. **Roteiro sentimental de uma cidade**. João Pessoa: A União, 1994.
- ROSA, Conrad Rodrigues. **Preservação urbana da Rua da Areia**: representação fotográfica em catálogo. Monografia de Especialização em Artes visuais. Senac, 2009.
- SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 2002.
- SANTOS, B. de S. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. Lisboa: Edições Afrontamentos, 1994.
- SANTOS, B. de S. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. **Revista brasileira de Ciências Sociais**, out, v. 13, n. 38, p.1-16, 1998.
- SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre ciência**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- SANTOS, M. S. dos. **Memória Coletiva e Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003.
- SILVA, Araci Farias. Resistência e Luta das Mulheres do Porto do Capim em João Pessoa: O Direito à Cidade desde a Perspectiva de Gênero. In: XI Encontro Nacional da ANPEGE. A diversidade da Geografia Brasileira: Escalas e Dimensões da Análise e da Ação, 2015, Presidente Prudente (SP). **Anais...** Presidente Prudente, 2015, p.2242-2253. Disponível em: <Http://Www.Enanpege.Ggf.Br/2015/Anais/Arquivos/7/221.Pdf> . Acesso em: 3 abr. 2019.
- SILVA, A. M. *et al.* **Arquivística**: teoria e prática de uma ciência da informação. 2 ed. Porto, Portugal: Afrontamento, 2002.
- SILVA, A. M. *et al.* **A informação**: da compreensão do fenômeno e construção do objeto científico. Porto: Afrontamento, 2006.
- SILVA, Ivonaldo Lacerda da. **Representação Iconográfica em dois Momentos**: Século XX E XXI em João Pessoa. 2010. Monografia do curso de graduação em Geografia. Universidade Federal da Paraíba. 2010.64f.

SILVA, J. A. **Jornalismo ou Literatura?** Uma abordagem da obra de Gonzaga Rodrigues. 2008. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós Graduação em Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2008. 107f.

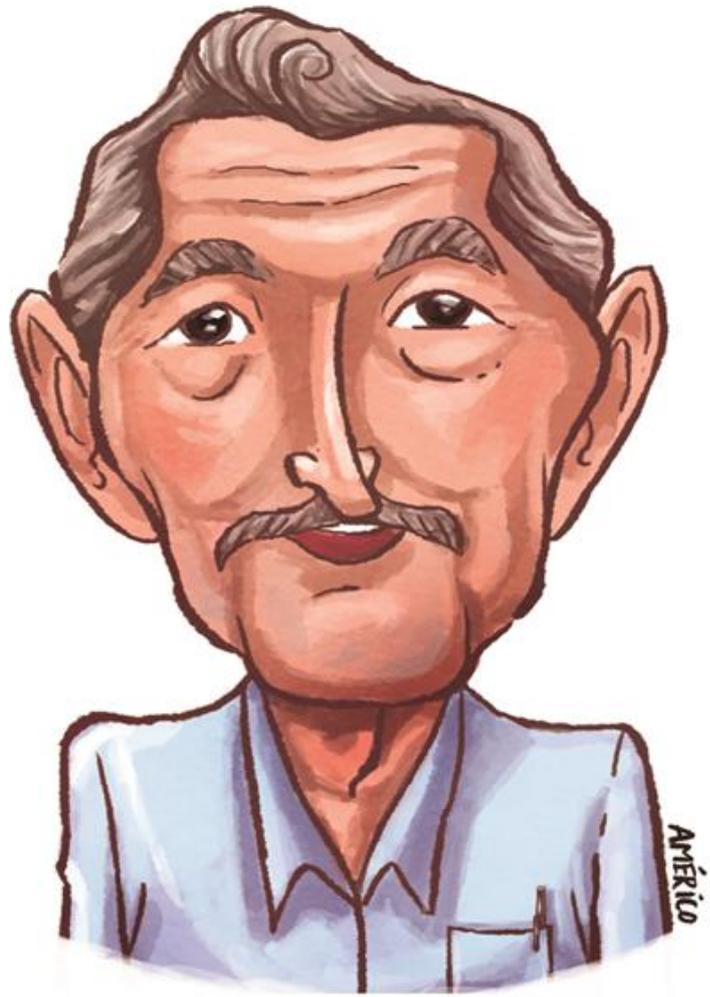
SILVA, L. E. F. da; OLIVEIRA, B. J.F. de. Mnemosyneinfor-comunicativa: a possibilidade axiomática de construção de um conceito de memória para a Ciência da Informação. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v.24, n.1, p. 135-143, jan./abr. 2014.

SILVA, J. L. C.; GOMES, H. F. Conceito de informação na Ciência da Informação: percepções analíticas, proposições e categorizações. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v.25, n.1, p. 145-157, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/145/13200>. Acesso em: 20 de ago. de 2018.

TOURINHO, M. O pessoísta Gonzaga Rodrigues. Comentário. **MaisPB**. Jornal eletrônico, João Pessoa, 17/ jun./2016. Disponível em: <http://www.maispb.com.br/184300/o-pessoista-gonzaga-rodrigues.html>. Acesso em: 09 nov. 2018.

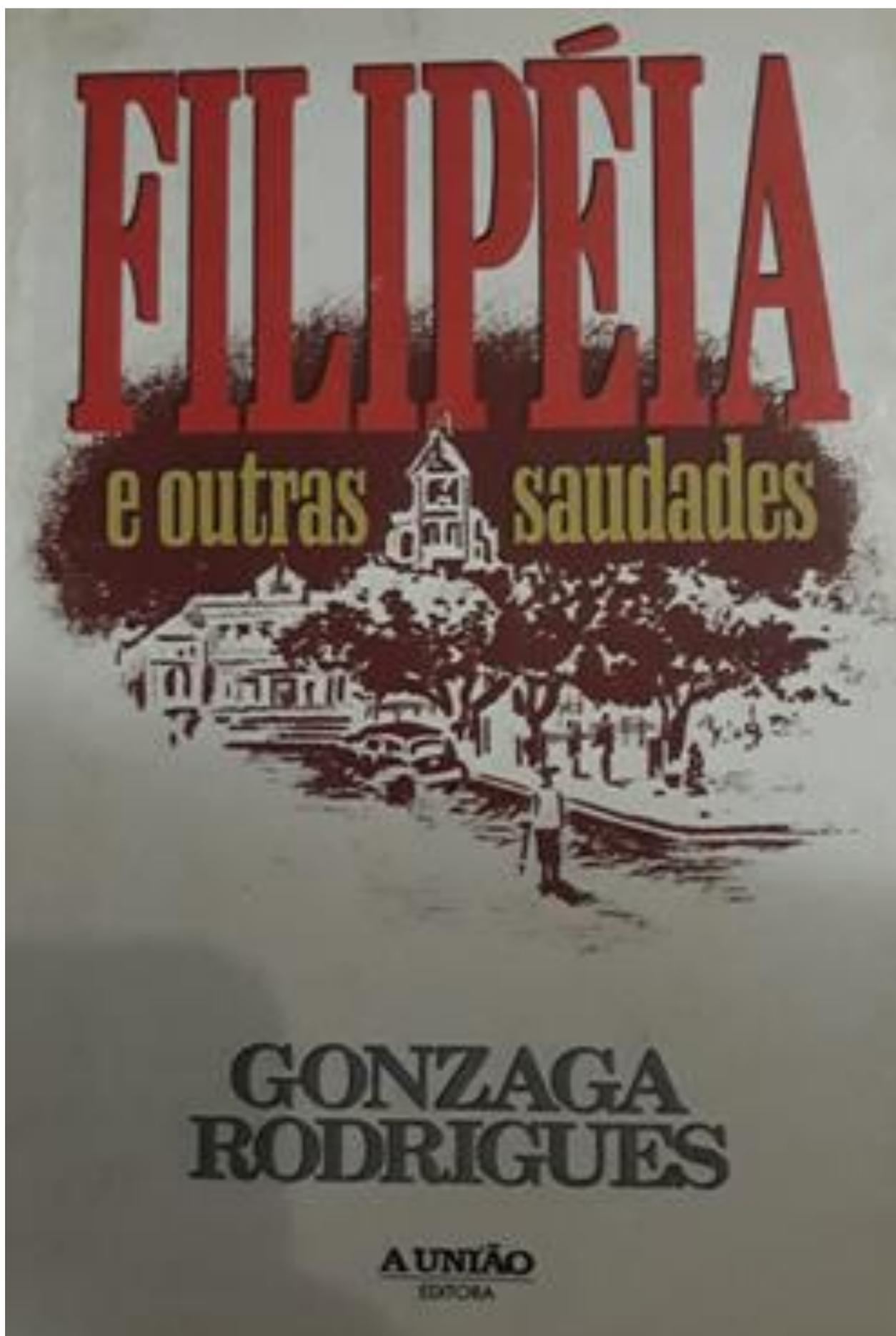
ZANIRATO, Silvia Helena; RIBEIRO, Wagner Costa. Patrimônio cultural: a percepção da natureza como um bem não renovável. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, n. 51, p. 251- 262, 2006.

APÊNDICE



ANEXOS

ANEXO A



Sucessão de cidades

Quantas Parahyba existiram de 1585 até hoje? Refiro-me à Parahyba Capital, antes Cidade da Senhora das Neves, sucessivamente Filipéia, Frederica, Parahyba e, finalmente, João Pessoa. Quantas João Pessoa terão existido desde que aqui cheguei?

A leitura de *Sampaio*, de Coriolano de Medeiros, é que me incita à pergunta. Seguramente a cidade que vive em *Sampaio* pouco tem a ver com a de hoje. Parece ter desaparecido com os seus vivos e fautores.

José Américo está conversando no *hall* do Clube dos Diários, sentado entre contemporâneos da Justiça e da Política, o carro, um Ford de bigode, estacionado ao lado do clube. Rui Carneiro,

vendedor de anúncios do “Correio da Manhã”, vem com Basileu Gomes, ambos rapazes. Rui à procura de quem lhe empreste um automóvel para fazer fita em frente à casa da namorada, lá pelo sítio do Abrigo Jesus de Nazareth.

“Pronto, um carro ali!”, aponta Basileu, advertindo: “Só que é de Zé Américo...”

“A ele eu não tenho coragem de pedir”, confessa Rui, tímido e desenganado.

Não existem mais esse clube nem esse acanhamento. O que resta e sobrevive no mesmo local é outro tempo. Outra vida, tendo de comum apenas alguma parede ou alicerce.

A cidade é, de fato, a vida que palpita em seus personagens, para cada geração uma cidade diferente. Jomar Souto ou Paulo Soares, descendo a rua da Carioca, não é o mesmo que um poeta ou boêmio de hoje, que não vê, nessa rua, nada além de uma balaustrada em ruínas e um ajuntamento de barracas e pequenas casas comerciais. Aos olhos de Jomar e de Paulo, a Carioca é uma rua de sentido poético e cultural, onde nos abeberávamos da livraria dos irmãos Macedo, das manias cultas de Geraldo Porto e das furtivas delícias do Bar Pedro Américo. São dois modos de ver que resultam em dois objetos distintos: a rua de ontem e a de hoje. Sem falar na origem dessa mesma rua, mandada construir por um rico comerciante da terra com o fim abrigar uma meia dúzia de mulheres trazidas do Rio para desembarcar a Província no amor.

A rua 13 de Maio me oferece três leituras diferentes: a atual, marcada pelo Serviço de Proteção ao Crédito, um estorvo na vida de muita gente. A de minha primeira estada em João Pessoa, hóspede de uma casa senhorial de azulejos portugueses que me dava a sensação de viajante bem situado. E, por último, a cidade das minhas leituras, através das quais Coriolano me pega pela mão e vai mostrando o Major Arthur Achilles saindo dessa rua (talvez da própria pensão onde meio século depois me hospedei, e na qual ele deve ter morado) para receber as homenagens diárias que o começo

do século lhe prestava em pessoa ou através de “O Comércio”, o seu jornal.

Entre a minha chegada e hoje já se passaram duas ou mais cidades. A prova é que, confiando numa carona da Epitácio, tive de tirar a pé até o jornal sem ser reconhecido por um único contemporâneo. O movimento incessante de carros e de pessoas era todo de outros moradores, outra geração, para a qual a gente vai se sentindo fantasma ou, na melhor das hipóteses, trambolho.

Vila do finado João

Firmo Justino fala em sua crônica de uns caranguejos que deixavam a lama do Sanhauá e vinham pelas suas próprias patas se oferecer à freguesia da ladeira da rua da República. Firmo se fia no depoimento de Eudes Limeira, que abria a porta de casa à caranguejada, mandando-a entrar para o almoço ou a cervejada dos fins de semana. Eram desnecessários, nessa versão, os vendedores de então do saboroso crustáceo.

Não é fantasia de Eudes, amigo que conheci garoto traquinando nas calçadas, na mesa e no sótão do *Aliança Hotel*, face a face com a estação, de cujas vizinhanças a irmã Maria José Limeira foi-se inspirar para escrever o melhor conto da literatura paraibana.

Não é fantasia porque o finado Alberto Abath, que não mentia,

estranhou no filme de Ipojuca a luta atroz dos pescadores para arrancar da lama as cordas de caranguejo que saíam vendendo na rua. Abath não entendia pra que tanta luta, se os bichos andavam passeando pelas ladeiras do Varadouro, oferecendo-se às caranguejadas de todas as cozinhas do Porto do Capim e até a Maciel! Por isso achava que o filme, em vez de documentário, era pura ficção. “Essa briga é fantasia dos meninos de Alaíde - os meninos eram *ninguém menos que Paulo e Ipojuca Pontes* - pois eles mesmos, quando moravam nos domínios da Hospedaria Comercial, lá na Gama e Melo, mandavam os caranguejos entrar para o almoço deles, isso sem qualquer esforço que se pareça com o da fita”.

Era o tempo em que não se vendia manga em João Pessoa. O mesmo Abath contava que apareceu um menino vendendo mangas em Tambiá e todos que o chamavam era para botar mais mangas no seu balaio (leve mais estas, meu filho!) a rua inteira se libertando das que despencavam no quintal. Não suportando o peso, o moleque terminou abandonando o balaio com tudo que arrecadara antes de atingir o fim da rua.

Faz muito tempo, isso.

Era de manga que a Casa do Estudante alimentava a partida dos governadores, prefeitos, senadores, deputados, médicos e advogados para o currículo, a biografia e o cenário de hoje. Na madrugada, Dorgival não lanchava menos de vinte/vinte e cinco mangas, isso mesmo por temer as advertências do velho Melquiades de que não se deve ir para a cama de estômago pesado.

Do Róger a Jaguaribe, as mangas caíam sem dono. João Pessoa era a Vila, a Vila que eu ouvia Pinta Cega bradar nas batalhas campais entre o Treze e o Auto ou Botafogo. O grito ecoa ainda em meus ouvidos: “Caran-guejo não faz gol, amarelos da Vila”.

Nesse tempo eu era da Serra, da Liverpool brasileira, do acostamento de placas nacionais em busca de agave e algodão, e estava muito longe de ser cooptado pelos caranguejos e mangas desta rémansosa Vila do finado João.

A Bica

Estão remodelando a Bica. Digo remodelando, palavra em desuso, mas tudo que sei vem pela televisão. Nunca mais fui à Bica.

Estão remodelando mesmo? Na gestão anterior, do prefeito Mangueira, fizeram qualquer coisa. Como em todas as gestões anteriores. Agora me falam na introdução, no mais verde dos nossos parques, de uma novidade em inglês, espécie de tobogã para ciclistas. Será certo isto?

Imagino a Bica infensa a essas modernidades. Quanto mais primitiva, mais verde, mais água, mais vergel, mais Bica. Essa coisa nova de nome inglês pode ser uma impureza.

Mas fiquemos na antiga Bica, no Arruda Câmara do Dr. Walfredo, do grande Dr. Walfredo. Bica que foi retiro afrodisíaco das minhas carências juvenis, onde a leitura era a companhia mais

excitante.

Foi lá, estirando a preguiça num banco sombreado de eucaliptos e paus d'arcos, que percorri, saudoso de mim e dos meus brejos de cana, quase toda a Várzea de Zé Lins, sublimada, a meu gosto particular, pela "Pureza" do doutor magro e da moça nua, novela pura, sem outros artificios a não ser aquele do ideal flaubertiano de fazer uma obra de arte do nada, pura estesia.

Foi lá onde aprendi a ler Augusto dos Anjos, não o poeta da morte e da melancolia; como saudou-o a crítica geral, mas o poeta da vida, inimigo inconciliável do verme, do patológico, da morte. Foi ouvindo a Bica, com o livro de Augusto aberto, que vi, ou melhor, que senti "a alma dos vegetais rebentar, inteira, de todos os corpúsculos do pólen".

Não há nada de podridão: "Os ventos vagabundos batem, bolem, nas árvores. O ar cheira. A terra cheira. "Em vez de sepulcro, de uma caveira para outra caveira, "a câmara nupcial de cada ovário se abre. No chão coleia a lagartixa. Por toda a parte a seiva bruta esguicha".

Leio, no "Eu", que "houve uma época de flores", esmagada ou abafada por "uma atmosfera má de incômoda hulha". A partir daí "o aziago ar morto a morte fede". O engenho do poeta é engolido pelas moendas vorazes da usina capitalista e, em vez de flores "os musgos, como exóticos pintores, pintam caretas verdes nas tapetas. O cupim negro broca o âmago fino do teto e traça trombas de elefantes. O lodo obscuro trepa-se nas portas e as largatixas, dos esconderijos, estão olhando aquelas coisas mortas."

São leituras conservadas no tempo, vindas à luz associadas à idéia de parque, de Bica, de Arruda Câmara, essa fonte que deveria ser sagrada para a Capital, não somente pela lenda que lhe dá nome, narrada por Coriolano e Walfredo Rodriguez, mas pelo refúgio histórico e obrigatório que se tornou para o povo. É a única riqueza ou luxo do povo nos seus domingos de folga.

A cerveja que o mundo nos negou

Era véspera ou antevéspera de Natal. Nesse tempo ainda me tratavam por moço - "tem um moço aí" - quando eu batia palma à porta das casas.

Como ficou combinado, saímos da Praça do Carmo logo de manhã, eu e Nathanael Alves, desta vez para fecharmos - com o Roggers e a linha do Sanhauá - o périplo ambulatório que, há dois domingos, vínhamos fazendo pelo lado do mar.

Era o nosso melhor esporte, andar e ver, embora o chão dos nossos passos ficasse muito a dever ao verde pastoril das verdadeiras *Notas de Andar e Ver* de Azorin, mestre espanhol que naquela quadra tanto nos influenciava. Ele, Unamuno, Jiménez e o prodigiosíssimo Blasco Ibañez de *Sangue e Areia* e dos *Cavaleiros do Apocalipse*.

A escolha do Roggers também se dava por influência de leitura, um trecho das reminiscências de Kilder, inglês que andara por aqui ao tempo em que o Roggers era visto como ponto dos mais lindos da Paraíba, assim descrito pelo súdito de Sua Majestade: "Esplêndida vista marítima do Cabo e Forte de Cabedelo, a foz e o curso do rio, até o estuário", tudo "em meio de um cenário magnífico", comparado com "as planícies ao poente do Rio Gênesis, quando vistas do West Avon".

Agora, sob pés brejeiros, a planície do Gênesis não conferia. Descambava no esgoto, na lama onde fuçam caranguejos, porcos e crianças e o lixo é servido como generosidade burguesa à mesa dos carentes.

Seguimos a linha do trem, descemos pela Ilha do Bispo, a lama dos casebres e a nuvem de cimento subtraindo dos aldeados de hoje a terra e o céu que os fundadores haviam prometido. Nesta ilha dos anos sessenta não se via o céu e em nada sólido se pisava. Agora, com os filtros dos Brenand, é possível que o céu tenha limpado.

Mas cortamos pelo velho matadouro, atravessamos várzeas e riachos, indo chegar na Praça do Quinze, no alto de Cruz das Armas. Dali passamos a limpo o poema de Jomar, recém-saído, e entramos no Sítio de Jaguaribe. Jaguaribe de casinhas de palha, muito mais cobertas pelas cumeeiras verdes dos jambeiros, jaqueiras, mangueiras e frutas-pães que a pobreza plantou.

Sáimos do verde e entramos num descampado que o Montepio abriu para levantar o bairro de Fátima, na Torre, casas certinhas a perder de vista.

É nesse ponto que a sede atacou-nos. Sede que água de pote não matava, pois bebemos da fria e da melhor duas ou três vezes.

- Que sede é essa, nego?

Foi quando avistamos, creio que atraídos pelo cheiro forte da agulha assada que o vento nos mandava, uma barraca de zinco

e palha que tinha tudo para dessedentar-nos. Estavam lá, bem à vista, a fritura e a geladeira. Corremos ofegantes para essa fonte no deserto. Deserto que estava em nós, na nossa secura interior, a fresca espuma da cerveja brilhando olhos nos e lavando as almas:

- Tens dinheiro? - lembrei-me de perguntar.

- Tenho não - cortou Nathanael.

E o mundo nos ficou devendo essa cerveja. Nathanael tomou muitas outras, até com tira-gostos melhores, mas jamais a que a vida nos pedia naquela véspera de Natal.

O escritor B. Rohan

A ênfase que a propaganda de Fernando Henrique Cardoso vem dando à sua condição de candidato preparado, culto, rico de informações e de visão, condição que os mais antigos davam a quem preenchesse o nome de “avisado”, só me lembra a figura de Beaurepaire Rohan, o presidente mais *avisado* que já governou a Paraíba.

Em verdade, do Império à República, não tivemos outro governante de formação, espírito, preocupações e experiência mais fecundas que esse engenheiro mandado para aqui em 1857, depois de ter passado pelo governo do Pará, do Paraná, e de ter servido como engenheiro-militar em diversas missões pelo Mato Grosso,

Paraguai, em todas elas aberto não só aos problemas da administração como aos estudos sociais, econômicos e à pesquisa. É de B. Rohan a primeira visão moderna do tratamento ao índio, antecipando-se a Rondon nas propostas e até na prática. Sobre o assunto escreveu um documento que é uma réplica às teorias de então, sustentadas pelo Visconde de Porto Seguro de se “levar o índio a ferro e fogo”. Na “*Conquista, Catequese e Civilização aos Selvagens do Brasil*” B. Rohan se contrapõe ao “*Memorial Orgânico*” do Visconde.

As múltiplas facetas de estudioso e estadista são revividas por todos os que a ele se referem, de Raul de Góis a Celso Mariz. “De fato, a estatística, a agricultura científica, a instrução de prendas e ofícios domésticos femininos, o saneamento e embelezamento da cidade e dos vales paludosos, a penetração de boas vias para o interior, a colonização, o trabalho livre, o estudo das riquezas vegetais e minerais foram objetivos, ensaios e começos de ação prática por parte de Beaurepaire Rohan”. Vamos encontrá-lo percorrendo o interior, não apenas como excursionista e observador, mas como instrutor dos agricultores da época, apeando-se da montaria para ensinar o melhor plantio da cana, dos legumes, das hortaliças, *ensinando o morador do campo não só a plantar como, sobretudo, a comer*. Em sua *Corografia* ele lamenta a pobreza, não apenas da produção de alimentos, mas, sobretudo, da nossa falta de educação alimentar.

Entretanto, não é o grande administrador, o estadista ou mesmo o cientista o que mais surpreende nesse vulto de quem o povo conhece apenas a rua. É o escritor, o estilista de linguagem clara, precisa e moderna numa província e numa época em que a melhor escrita era, exatamente, a que mais vedasse o acesso à maioria dos leitores. Em 1858/59, B. Rohan escrevia para ser mais entendido do que Carlos Dias Fernandes nos anos 20. Sem torneios de frases, sem palavras difíceis, trabalhadas com clareza e propriedade de linguagem. Antes de ser sábio administrador é

consciente escritor. Sua *Corografia da Paraíba*, um dos documentos mais completos dos recursos naturais, econômicos e culturais da província de então, não guarda diferença, em estilo, das páginas de Celso ou Coriolano. O Visconde de Taunay, autor famoso de *A Retirada da Laguna e Inocência*, classificado como escritor de transição entre Romantismo e Realismo, tem dele a melhor impressão. Sendo trinta anos mais moço do que B. Rohan, pode-se dizer, em estilo, que escreve mais velho. *Laguna e Inocência* são ricos de descrições impressionistas, o texto maracacheteando das riquezas e torneios da época, mas não têm a concisão e a enxuteza dos relatórios de Rohan. Relatórios de palavras limadas, próprias, sentadas na construção com o objetivo único de serem precisas, verdadeiras.

O documento de 58 apresentado à Assembléia Legislativa, *mutatis mutandis*, parece ser o antecedente, em oitenta anos, do famoso relatório de Graciliano. É claro que, na relação com o mestre Graça, eu deveria ter dito *mal comparando*. Mas o velho coronel imperial, pela cultura do seu tempo, não fica muito a dever em clareza e objetividade. O espaço não me permite excertos nem citações. Mas quem tiver as *Datas e Notas* de Irineu Pinto veja as páginas 257/265. Não há rebuscamentos, não há torneios, não há uma única expressão do século passado que o estudante de agronomia de hoje não entenda. Até escrevendo ele cumpria a sua condição de estadista. Estadista e sábio, os dois se completando.

Pena que a “Biblioteca Paraibana” a ser lançada neste fim de ano pela SEC não inclua um volume dedicado a B. Rohan que reúna as 200 páginas da “Corografia” os famosos relatórios, inclusive o da seca, e a *Catequese*, dedicada aos índios do Mato Grosso.

No tempo de José Américo

O governo de José Américo pegou-me entre os 17 e 21 anos, quando o gosto da vida, para mim, vinha por escrito, sabendo a livro. Entre ir a Pilar pela rodagem, o real por si mesmo, eu preferia ir em Zé Lins, em letra de forma, correndo no texto, que era ver sentindo, vivendo.

Tomava a Biblioteca Pública, minha principal condução, e saía por aí, sem limite de terra nem de tempo, dando-me a conhecer pessoas, lugares, situações que, por mais longínquos e remotos, tinham de chegar a mim, compor a minha circunstância. De tal forma que, andando no Ponto de Cem Réis tanto encontrava Mário Santa Cruz como Julien Sorel. Entrava no antigo “Alvear” como se entrasse no café parisiense onde atiraram em Jean Jaurés. Não havia absurdo nisso. Pisava em páginas, vivia livros, era mais personagem que

leitor. O gosto da vida, seu sentido, era o que as leituras me infundiam. Tanto que larguei o Liceu, deixei de ser doutor ou bacharel, simplesmente para tomar as dores de Lima Barreto, o nego Lima.

* * *

Nesse tempo, entre o açude e a frase de José Américo eu preferia a frase. Dava todos os latifúndios reais por um quinhão de terra imaginado. Construção não era a que pedisse ferro, pedra, cal nem maquinismos, era a que pedisse letras, se montasse em hastes e serifas gráficas, partisse de minúsculos traços e construísse um mundo.

Fazia a revisão do “Diário Oficial” e não sabia um só ato do governo.

Freiaram o rio Paraíba, armazenaram milhões de metros cúbicos d’água, começaram a BR 230, fundaram a Universidade, tudo José Américo fez, mais o que me ficou, mesmo, ou está em livro ou subiu com a Senhora de Fátima, no discurso de sua chegada.

* * *

Gravei, desse tempo ou desse reinado de José Américo, a facilidade que nos oferecia de passearmos simultaneamente na mesma calçada com as grandes celebridades do país. Zé Lins perdia o mito, desencantava-se dos livros, para discutir o Flamengo com os pilungas de “A União” e da Praça João Pessoa. Já era tão nosso que a gente nem ligava mais pra ele. Tristão de Ataíde, um pensador místico de suma grandeza, de vez em quando batia em nós, na mesma calçada. Gilberto Freyre, Assis Chateaubriand, figuras difíceis de se dissociarem da sua imagem, chegavam a vulgarizár-se nas calçadas da Paraíba.

Sem falar nas legendas políticas como Juarez Távora, Juracy Magalhães, Cordeiro de Farias, Carlos Lacerda, que

freqüentemente passeavam a fama pelos nossos cafés.

Foi-se o Velho e foram-se os convidados. A impres-são que deixou é que a Paraíba era ele, espírito que se fez terra e terra que fez água tão logo sumiu o guardião e timoneiro.

ANEXO B

CAFÉ ALVEAR

Ponto de Encontro Perdido



Gonzaga Rodrigues

textoarte
EDITORA

Café Alvear

Amarga esperança

Limpendo as outras mesas, cantando o pedido da cartola bem passada ou da média inglesa com pão ao forno, o garçom voltava-se de vez em quando para a mesinha de granito que eu ocupava, encostada à parede, como se eu estivesse a tomar, indevidamente, o lugar de um melhor freguês.

Eu chegara da aula noturna do Liceu havia uns quinze ou vinte minutos, desta vez sem as companhias habituais de Bau Montenegro ou Isauro Peixoto Filho, os dois do mesmo colégio e parceiros quase diários do revezamento no patrocínio da cartola.

Viera de olhos baixos, desde o contorno da Lagoa a meio caminho do Liceu, perguntando-me se teria feito algum futuro em deixar o desamparo da cidadezinha onde me criei pela perspectiva angustiante daqueles dias em que nada era certo, nem o lugar onde pudesse ficar, nem a vaga no colégio, nem emprego.

Largara a aula pela metade, obtuso diante dos exercícios de álgebra que os colegas de classe eram chamados a desenvolver no quadro-negro sob os olhares pouco complacentes de D. Daura.

Sem cigarro, sem um níquel no bolso, sentara-me ali tangido pelo hábito que começara a adquirir da média inglesa ou da cartola. Mas sem

Gonzaga Rodrigues

nada a pedir naquela noite, a não ser desculpas, caso o garçon tornasse mais explícita a intimação que os seus olhos me lançavam.

Ele estaria reclamando mesmo ou era o complexo de toda a vida, adquirido com a severidade das recomendações de dona Antonina, e que ali já começava a emitir os primeiros sinais, isto é, de que nunca se deve botar o pé adiante da mão ou entrar onde não se é chamado...

Ainda não conhecia vivalma. O senhor de terno civil, mas de corte de cabelo e rispidez militares, falando para todo o café numa roda lá na frente, que eu vira antes conversando com os diretores na sala do jornal, ficava muito acima de gente como eu para autorizar-me a achar que o conhecia. Atendia por José Alemão e entrava no jornal sempre ruidosamente, começando a falar da calçada para dentro da sala, onde nunca faltavam os amigos de doutor Ivan, de José Leal, homens ligados à política deles, que era a do então governo José Américo.

Estávamos em meados de 1951, eu não era nada no jornal, simples agregado, descolando um cigarro aqui, um biscate de revisão noutra dia, aguardando, sem muita paciência, que surtisse efeito o bilhete trazido de Alagoa Nova.

– Quer alguma coisa? – sobressaltou-me o garçon, passando e repassando a toalha na mesa, mesmo que ela estivesse limpíssima.

* * *

Dia pesado, aquele. Não vingou a sugestão de Pedro Leite, veterano da revisão e da Casa do Estudante, que me mandara procurar o dr. Osias Gomes, secretário do Interior: “Ele tem uma histó-

ria bonita, de rapaz humilde, cavador, que começou revisor de jornal como nós e hoje está aí. É uma das sumidades da Paraíba na advocacia e nas letras”.

Fui lá. O prédio tinha jeito de claustro, como de fato o fora no tempo dos jesuítas, circunstância que vim saber e valorizar muito depois

Não demorou muito que eu viesse a tomar chegada, cara-a-cara, com o homem da “história bonita”, a sumidade.

Com um aceno de cabeça, ele mandou que me sentasse na cadeira em frente ao seu birô. Isto sem dar uma palavra, sem levantar as vistas do papel que tinha diante de si, lendo e escrevendo míope, esfregando o rosto grosso no texto que parecia um despacho.

Sentado, fiquei esperando que ele concluísse a cena e me dirigisse o olhar para saber, quando nada, se era gente a criatura que estava à sua frente.

O silêncio da sala, as rápidas intervenções da caneta, uma velha Parker, no papel almaço e a respiração forte daquele grande homem, ali abstraído, começavam a me inquietar e me deixar nervoso.

Eu devia romper o silêncio ou só falar quando ele mandasse?

O doutor não me deixou pensar muito tempo. Sem tirar as vistas do papel ordenou que eu dissesse o que fazia ali.

– “... preciso pagar a mensalidade da Casa, e vim pedir para o senhor autorizar *A União* a me botar na folha”.

Havia mais de três meses que eu fizera con-

Gonzaga Rodrigues

curso de revisor, convocado pelo jornal oficial. Ficava entre os dez aprovados, trabalhava todas as noites, e não recebia. Todo mês findava com a promessa de sair a fêria no mês seguinte.

Para não dizer que nada recebíamos, era-nos dado, todas as meias-noites, um pão francês com manteiga, mil vezes melhor que viesse sem manteiga nenhuma. Era o famoso pão com ranço, que nos garantia atravessar até as duas da manhã, hora em que descia limpa, para a oficina, a última prova.

– Fale, pode falar – autorizou o homem.

– Eu já falei.

E veio a sentença: “Olhe, eu nada posso fazer. Não sei por que inventaram esse concurso. Não era hora. Estamos em dificuldade.”

Que ele me mandasse embora, era de se esperar, mas mandasse me encarando, deferindo-me pelo menos a consideração cristã de ser visto como gente, como criatura humana digna de um olhar.

Voltei à mesa de revisão de *O Norte*, onde Pedro trabalhava, com vontade de me agarrar com ele, de perguntar o que ele pretendia mandando-me àquela múmia? Pedro mostrou-se verdadeiramente surpreso e passou-me o braço pelo ombro, chamando-me lá fora, para o café pequeno.

No instante em que eu tomava o segundo ou terceiro gole, os olhos mergulhados no jovem rosto de sombras e sem futuro que a tinta do café espelhava, Pedro fala em tom sincero de desculpas, revelando-se o primeiro conhecido preocupado comigo. “Eu não sabia que ia ser assim, *nego*. Mas isso não vai ser o fim da tua vida. Pelo contrário, ela começa agora e começa bem, a julgar pela

Café Alvear

tua reação”.

Eu estava longe de imaginar que existissem, de fato, esses gestos. E senti um desconforto grande, um rompante incontrolável de choro. Soltei-me bruscamente de Pedro e corri para o outro lado da rua à procura de esconder a choradeira nos fundos do jornal.

Gonzaga Rodrigues

Mademoiselle Carrut

Foi uma vaia geral quando, à noite, já perto de fechar o Café, entrei de gravata e paletó marrom, as mangas cobrindo as mãos, recém-saído de minha primeira entrevista de nível. Tinha vivido outras experiências do gênero, mas na área policial, onde atuara como escrivão. Ouvir uma figura de elite era a primeira vez.

E os companheiros de batente e de café ficaram até dez da noite, hora em que fechava o Café, aguardando o resultado de minha aventura.

Chegara um telefonema para o velho Leal cobrando a presença do jornal numa recepção que o dr. José Mousinho, caixa alta do PSD, ia fazer, em sua residência da João Machado, ao presidente da Sul América no Brasil. Talvez a coisa não passasse de mero registro (nessa época ainda não havia, em *O Norte*, a coluna social) se dr. Mousinho não fosse homem de sociedade e, mais ainda, elemento de proa nos altos escalões pessedistas. Vale lembrar que o PSD estava de cima em todos os níveis. Nos Estados, nas repartições federais, na Prefeitura. O edifício-orgulho da cidade, com seis andares (o Ipase) abria o espaçoso salão do térreo, engalanado de flores, para recepcionar o casal Severino Lucena, ele presidente perpétuo do dretório. Se era aniversário ou bodas, não me lem-

Café Alvear

bro. Sei que as laterais roçagavam de vestidos longos, pares e pares à semelhança de festa imperial, só faltando os alabastros e a valsa de Strauss.

Napoleão Moreno, ex-companheiro da Casa, estava nessa festa, funcionário do Ipase que era, nomeado por Alcides.

O dr. Mousinho representava a poderosa Companhia de Seguros na Paraíba. A recepção, em sua casa, não devia ficar distante da festa aparatosa trazida para o centro da cidade, no Ipase.

José Leal passou o olhar na redação, chamou por Sobral, por Souto, os dois repórteres mais constantes depois de Juarez Félix, e como não os encontrasse, terminou me chamando, da Revisão, para a entrevista. Disse meio inaudível de que se tratava, fez as recomendações de que um neófito necessitava, e mandou-me botar o paletó.

Foi o primeiro obstáculo. Na Casa do Estudante não entrava paletó. O presidente, Braga, tinha um que já viera de Manuel Lopes, 1º presidente eleito, passara por François. Era como uma cadeira hierárquica, única para todos os sucessores.

Chega Sobral e vê minha aflição. Já que ele aparece, tento descartar a tarefa: – Seu Leal procurou você e o Souto. Só me chamou porque não havia a quem chamar.

Mas não colou. A vez é sua, disse-me ele. Não bote fora. Eu lhe arranjo o paletó.

Sobral tinha um metro e oitenta, ombros largos. Era paletó demais para o meu tamanho. A manga escondia a caneta, precisando que de instante a instante eu a puxasse para cima, descobrindo a mão.

Gonzaga Rodrigues

Mas este não foi o único percalço. O pior vem depois.

Quando cheguei, no começo da noite, parecendo um judas, para me acompanhar do fotógrafo, recebo a notícia de que o presidente da Sul-América era francês, não falava patavina de português, e eu tinha de me virar.

Ora, meu francês era do ginásio, um *avec* aqui, um *bonjour* lá na frente. Que diabo eu ia perguntar a esse homem? E ouvir...? Ocorreu-me que, em situações semelhantes, a salvação era Afonso Pereira. Para José Leal, no expediente normal, Afonso sempre aparecia e quebrava o galho. Mas ali, naquela hora, nem milagre.

E me larguei, a pé, assungando as mangas, até a casa indicada, uma das belas residências da João Machado. Entrei, e pelo fotógrafo que ia junto, puderam entender que o repórter era eu. Dr. Mousinho, muito gentil, recebeu-me com atenção. E levou-me para a sala onde entretinham conversa com o visitante, o Presidente da Assembléia, deputado Tertuliano Brito, o deputado Fernando Milanez, o deputado Jacob Frantz e, se não me falha a memória, os irmãos Fernandes, João e José. Uma roda que nada tinha a ver comigo. Sim, lembro-me de Cláudio Leite, bem jovem.

Para completar a minha péssima aterrissagem, dão-me para sentar um pufe de piano, que me desequilibrava toda vez que eu tentava cruzar as pernas, fazendo a pose compatível com a das autoridades. Eu achava, sem traquejo nenhum, que cruzar as pernas fazia parte da etiqueta. E virava toda vez que tentava.

Até que, vendo meu desconforto, alguém ca-

Café Alvear

Ído do céu sugeriu a antecipação da entrevista. Já nos encaminhávamos para outra sala quando, fazendo sussurrar a casa inteira, todos se levantando, alguns em atitude de vênica, para a entrada de *mademoiselle* Carrut, Genevieve Carrut, filha do homem da Sul-América. Que filha...!

Esqueci as mangas do paletó, a minha situação no pufe e, em completo deslumbramento, arriei com banco e tudo, roubando a cena de umas das mulheres mais encantadores que meus olhos já tinham visto fora do cinema.

* * *

Felizmente voltei à saleta ou gabinete restrito a alguns convidados. A casa inteira não viu a minha aterrissagem, do pufe ao chão atapetado, na hora em que *mademoiselle* fez sua aparição. Américo Filho, agente do Loide, tentou segurar-me. O vice-governador João Fernandes entregou-me a caneta e as notas que tinham rolado, no tombo, para perto dos seus sapatos.

Refeito, restava ser conduzido a *monsieur* Carrut para a entrevista. Seria o meu primeiro teste nessa modalidade de jornalismo. O que perguntar a um dirigente de companhia de seguros? Meu comunismo só me preparava para as questões sociais, os problemas considerados estratégicos como “o petróleo é nosso”, a preservação das nossas riquezas. O que uma companhia como a Sul-América podia fazer pelo povo não constava das minhas cogitações.

Lembrei-me dos cinco anos de estágio vividos em Campina, uma escola como a do Rio anti-

Gonzaga Rodrigues

go, em que malandro não se aperta. E me veio a idéia de abrir mão dos brios de repórter estreante e passar a batuta para o anfitrião de M. Carrut, o dr. José Mousinho, principal interessado em que tudo corresse da melhor maneira possível.

Chamei-o a um canto e pedi que conduzisse a entrevista, perguntasse o que mais conviesse aos interesses da empresa. Foi um achado. As minhas apreensões em entender o francês do entrevistado ou encaminhar as perguntas foram logo dissipadas pelo próprio M. Carrut, que falava um português bem melhor do que os nossos mestres e intérpretes falavam o francês dele.

O telhado de vidro

João do Ó defendia um telhado de vidro para o Ponto de Cem Réis. Telhado sobre colunas altas, abarcando o quadrado de aglomerações e conversas, desde o lado do Plaza, ao do Café Alvear.

Não havia ainda a passagem de nível que Damásio construiu para evitar a meia-embreagem na cabeça da ladeira da Guedes Pereira.

Mas João, que não era arquiteto nem desenhista, não curtia essa idéia, visando a oferecer um teto ao populoso papo reunido tradicionalmente no local, mas por simples questão de estética; um telhado cobrindo todo o quadrilátero, ainda que de vidro, disfarçaria a arquitetura de mau gosto do Paraíba Hotel. Nem pagode chinês, nem sobrado veneziano, nem coisa parecida com os casarões árabes que a *barbárie* plantou em Portugal. Além do edifício construído por João Pessoa e deixado assim por Oswaldo Pessoa, João não se conformava com o dente de velha levantado em cima da antiga Farmácia Régis. “Dente único na boca da velha” – era a sua visão desse edifício.

No seu projeto, erguido em colunas de ferro, o telhado meio abobadado, tudo num piso em plano único, o governo dava condições de proteção e conforto para o povo se reunir e falar sem a formalidade das assembléias convencionais. Não seria

Gonzaga Rodrigues

uma praça, mas um parlatório.

“Falem do governo, mal ou bem, mas falem”-
seria o lema.

* * *

João concebia essa praça coberta para um público que, em verdade, sugeria a necessidade de abrigo. De guarda-sol. Não era a população de mangas de camisa e chinela japonesa grudada às bordas das alças do atual viaduto. A clientela do troca-troca, que hoje vem remir, como for possível, pequenas e imperiosas necessidades.

Era o plenário político, social e cultural da cidade, reunido de oito às oito, a manga de camisa como exceção. Plenário que foram raros os governadores a enfrentá-lo, a atravessá-lo de um lado a outro, inibidos pela boca maldita.

A última vez que ele ferveu, entrou no mais alto grau de ebulição, foi na última ditadura. Na tentativa de dissolver a passeata estudantil, a polícia entrou rebentando. Saltou descendo o pau nas nossas mais jovens lideranças, a baioneta rasgando o seio virgem, a blusa colegial em sangue e o governo forte de Agripino acuado por trás das portas do Palácio.

Rosenvard Carneiro da Cunha, que vinha por vir, como vinha todos os dias, perdeu o Direito e a Odontologia numa porretada de cima para baixo, na hora em que estirou a mão ao fiteiro para comprar o cigarro.

O professor Otacílio de Queiroz entra ensanguentado no Pronto Socorro do Ponto de Cem Réis, na hora em que abria os braços para se pôr entre a

Café Alvear

fúria policial e a alucinação da estudantada.

Nessa manhã de maio de 68, a polícia desceu para o seu quartel e o velho plenário do Ponto de Cem Réis descambou no tempo para nunca mais se reencontrar. Esvaziou, para sempre, o velho centro político. João do Ó sumiu no tempo e na vida e, com ele, o seu projeto do teto de vidro para a nossa mais animada praça cívica. O jornal da esquina fechou com os seus personagens e leitores. Sumiu o “Noturno” que soava da sala ao lado da Misericórdia, dedilhado pela filha da casa, moça antiga e magra, do tempo em que se curtia Chopin. Sumiram Milanez, Messias Leite, Elcir, José Gomes da Silva e o negro João, que engraxava o sapato deles todos.

* * *

“Não olhe! Não olhe!” – apelou o cabo Isauro, Isauro Peixoto Filho, ainda fardado, recém-chegado do quartel para o encontro com a súcia da vagabundagem e do Liceu.

Eu o esperava na porta do café com Ivanildo Maravilha. Faltava Bau, que tinha servido na noite anterior no Espada d’água, um esquadrão de pilequeiros e boêmios em que o talentoso João de Deus Rafael era o grande líder.

A história desse esquadrão vai ter seu espaço, narrada por um de seus principais sobreviventes.

Mas, voltamos ao vexame de Isauro Peixoto Filho. “Não olhe! Não olhe! – disse quase gritando, a mão direita tapando-me os olhos.

Era o vento levantando a saia da moça magra

Gonzaga Rodrigues

do piano, vizinho da Misericórdia, que vinha tranqüila pela calçada e, ao atingir o beco da viração, assim chamada a esquina do Bar das Américas, sofreu o vexame comum à maioria das passantes.

“Não olhe! Não olhe”!

Estávamos ali, quase sempre, para nos deslumbrar com essa demão dos ventos. Havia moças tomadas de surpresa, que tentavam cobrir as pernas, se resguardar do nu. E estas, mais encantavam pelo rubor das faces. E havia as que se aproveitavam.

A daquele redemoinho era exatamente a que nunca desejávamos nessa situação. Era a mulher que não queríamos exposta, mas sempre do postigo de casa para dentro, tirando-nos da rasteirice do Ponto de Cem Réis para os prelúdios românticos de Frédéric Chopin.

“Não olhe! Não olhe!”

Felizmente olhei. E a bondade dela não se restringia apenas ao musical. Era a falsa magra, a falsa moça velha, revelando deslumbres de que jamais suspeitávamos.